LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO E JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

III

GARCIA DE REZENDE

GARCIA
DE REZENDE

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS
UM JUIZO CRITICO
APRECIAÇÕES DE BELLEZAS E DEFEITOS
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS. — AUG. DURAND, EDITOR, RUA DES GRÈS, 7

1865

INDICE

LUIZ DA SILVEIRA

GREGORIO AFFONSO, CRIADO DO BISPO D'EVORA

JOÃO RODRIGUES DE LUCENA

D. RODRIGO DE MONSANTO

ANONYMO

DIOGO DE MELLO

DIOGO VELHO DA CHANCELLARIA

HENRIQUE DA MOTTA

GARCIA DE REZENDE

BREVE MEMORIAL DOS PECCADOS

MISCELLANEA

CHRONICA DE D. JOÃO II

FIM DO INDICE.

PROLOGO DE GARCIA DE REZENDE

DIRIGIDO AO PRINCIPE NOSSO SENHOR

Muito alto e muito poderoso principe, nosso senhor! Porque a natural condição dos Portuguezes é nunca escreverem cousas que fação, sendo dignas de grande memoria, muitos e mui grandes feitos de guerra, paz e virtudes, de sciencia, manhas e gentileza são esquecidos. Que se os escriptores se quizessem occupar a verdadeiramente escrever nos feitos de Roma, Troya, e todas outras antigas chronicas e historias, não acharião móres façanhas, nem mais notaveis feitos, que os que dos nossos naturaes se podião escrever, assim dos tempos passados, como d'agora.

Tantos reinos e senhorios, cidades, villas, castellos, por mar e por terra, tantas mil leguas, por força de armas tomados, sendo tanta a multidão de gente dos con-

trarios, e tão pouca a dos nossos, sustidos com tantos trabalhos, guerras, fomes e cercos, tão longe de esperança de ser soccorridos; senhoreando por força de armas tanta parte de Africa; tendo tantas cidades, villas e fortalezas tomadas, e continuamente guerra sem nunca cessar: e assim Guiné, sendo muitos reis grandes e grandes senhores seus vassallos e tributarios; e muita parte da Ethiopia, Arabia, Persia e Indias, onde tantos reis mouros e gentios, e grandes senhores são por força feitos seus subditos e servidores, pagando-lhe grandes pareas e tributos; e muitos d'estes pelejando por nós debaixo da bandeira de Christo, com os nossos capitães contra os seus naturaes, conquistando quatro mil leguas por mar, que nenhumas armadas do soldão, nem outro nenhum grã rei, nem senhor, não ousão navegar, com medo das nossas, perdendo seus tratos, rendas e vidas; tornando tantos reinos e senhorios com innumeravel gente á fé de Jesus-Christo, recebendo agua do santo baptismo, e outras notaveis cousas, que se não podem em pouco escrever!

Todos estes feitos, e outros muitos de outras substancias, não são divulgados, como forão se gente de outra nação os fizera; e causa isto serem tão confiados de si, que não querem confessar que nenhuns feitos são maiores que os que cada um faz, e faria, se o n'isso mettessem. E por esta mesma causa, muito alto e poderoso principe, muitas cousas de folgar e gentilezas são perdidas, sem haver d'ellas noticia, no qual conto entra a arte de trovar, que em todo o tempo foi mui estimada, e com ella Nosso Senhor louvado, como nos

hymnos e canticos, que na santa igreja se cantão, se verá: e assim muitos imperadores, reis, e pessoas de memoria, pelos rimances e trovas sabemos suas historias; e nas côrtes dos grandes principes é mui necessaria na gentileza, amores, justas e momos, e tambem para os que máos trajos e invenções fazem. Por trovas são castigados, e lhe dão suas emendas, como no livro ao diante se verá: e se as que são perdidas, dos nossos passados se puderão haver, e dos presentes se escrevêrão, creio que esses grandes poetas, que por tantas partes são espalhados, não tiverão tanta fama como têm.

E porque, senhor, as outras cousas são em si tão grandes, que por sua grandeza, e meu fraco entender, não devo de tocar n'ellas, n'esta que é a somenos, por em alguma parte satisfazer ao desejo que sempre tive de fazer alguma cousa em que Vossa Alteza fosse servido, e tomasse desenfadamento, determinei ajuntar algumas obras, que pude haver de alguns passados e presentes, e ordenar este livro; não para por ellas mostrar quaes forão, e são; mas para os que mais sabem se espertarem a folgar de escrever, e trazer á memoria os outros grandes feitos, nos quaes não sou digno de metter a mão.

CANCIONEIRO[1]

D. JOÃO DE MENEZES

—

CANTIGA

(16 v.)

Pois minha triste ventura,
Nem meu mal não faz mudança,
Quem me vir ter esperança,
Cuide que é de mais tristura.

[1] Edição começada em Almeirim e acabada em Lisboa, por Hermã de Campos, Allemão. 1516.
Vão indicados : 1° os nomes dos poetas; 2° os titulos das trovas, quando os têm; 3° a folha d'onde ellas se extrahírão. A lettra v. significa o verso da folha do original.

E pois vejo que em morrer
Levais gloria não pequena,
Antes não quero viver,
Que viverdes vós em pena.

Quero triste sepultura;
Quero fim sem mais tardança;
Pois nunca tive esperança,
Que não fosse de tristura.

GLOSA A MEMENTO HOMO QUIA CINIS ES

(17 v.)

Lembre-te que és de terra,
E terra te has de tornar:
Não queiras por outrem dar
A ti mesmo tanta guerra;
Perdôa a quem te erra,
Se de cima perdão queres,
Quia in cinere reverteris.

Não captives teu cuidado
Em cousas não de cuidar;
Porque assim ha de passar,
O porvir, como o passado:
Olha que has de ser julgado
Pelas obras que fizeres,
Quia in cinere reverteris.

CANTIGA

ANDANDO ELLE E O PRIOR DO CRATO DE AMORES COM D. GUIOMAR DE MENEZES, E FINGIO QUE O FAZIA PELO JOGO.

(17 v.)

Pois não tenho que perder,
Nem espero de ganhar,
Para que quero jogar?

O jogo sempre traz damno
A quem joga mais verdade:
O ganho vem por engano,
Por bulras e falsidade;
E de tal enfermidade
Poucos podem escapar,
Se não deixão de jogar.

O perdido e o ganhado,
Tudo vai como não deve:
O que menos dita teve
Foi melhor aventurado:
Leva menos emprestado,
Terá pouco que pagar,
Quando quer que o tornar.

Uma joia preciosa,
Cujo era, que perdi,

Sendo falsa e enganosa,
Nunca cousa mais senti!
Porém n'ella conheci
Que o triste, que a levar,
A vida lhe ha de custar.

Com más cartas, má figura,
Com máos dados m'a levou!
Ambos temos má ventura,
Quem perdeu, e quem ganhou!
Eu, porque me ella deixou;
O triste, que a levar,
Porque cedo o ha de deixar.

Levou-m'a; mas não por ter
Melhores trunfos, nem mais:
Com muito poucos metaes,
Com muito menos saber...
Senão só por ella ser
Tal que nunca póde estar
Uma hora sem se mudar!

D. JOÃO DE MENEZES, E D. JOÃO MANOEL, A PERO DE SOUZA RIBEIRO

PORQUE, ENTRANDO NA CAMARA DO PRINCIPE, LHES PROMETTEU DE DIZER D'ELLE, E NAO DISSE.

(18 v.)

Se vós lá dizeis de nós
O que cá de vós dizemos,
Razão é que não entremos.

E direis que por medrar,
Sabemos mui bem fazer,
Co' os de dentro não dizer,
Co' os de fóra murmurar.

Se taes somos, como a vós,
Confessamos, conhecemos,
Que é razão que não entremos.

FERNÃO DA SILVEIRA

COUDEL-MÓR.

—

TROVAS DE FERNÃO DA SILVEIRA, COUDEL-MÓR, A SEU SOBRINHO GARCIA DE MELLO DE SERPA

DANDO-LHE REGRA PARA SE SABER VESTIR, E TRATAR O PAÇO.

(19 v.)

Pois vos tachão de cortez,
Sobrinho, gentil cunhado,
Sobre alto, alvo, delgado;
Não ha mais em um Francez.
E que a barba tenhais pouca,
Pois bem vestir vos alegra,
Regei-vos por esta regra,
Que fundei, vindo d'Arouca.

A qual, pois em si é boa,
E geralmente vem bem,
Que fará ao que tem
Bom corpo, boa pessoa!
E pois tendes estas ambas,
Tendes quanto haveis mister.

Se o vaáo de amor vos der
Por lugar, que cubra as chambas.

Mas eu perdoado seja,
Se fallar ú me não chamão;
Pois que são dos que vos amão,
Que mais vosso bem deseja.
Cunhado, não duvideis
Que isto trago por lei;
E por isso me fundei
D'escrever as que lereis.

Duas cousas, que não calo,
Ha no paço de seguir:
Uma é saber vestir;
A outra saber tratal-o:
As quaes ponho por escripto
Em estylo verdadeiro;
E fallo logo primeiro
No vestir já sobredito.

Sapatos de Basiléa;
Pontilhas sôbl' o molle;
As calças tirem de folle,
Roscadas como obrêa:
Tragão sás de marcar,
Forradas de irlanda parda,
Cá cousa é que muito alarda
Para grã bomborrear.

Quem trouver porta d'hollanda
Camisa trazer não cure :
Menores porém ature,
Porque não pendão á banda,
O gibão de qualquer panno
Na barriga bem folgado ;
Dos peitos tão agastado
Que seu dono traga ufano.

De pelote se guarneça
Pouco menos do artelho :
Seja de branco, e vermelho,
Que são côres de cabeça.
Pardilho deve mantão
Sobre elle trazer coberto :
Pelas ilhargas aberto
Ventaes pelo cabeção.

Deve trazer craminhola,
Não menos de tres batalhas ;
Tão fina, que tome as palhas,
Como a d'Alvaro Meola.
O capello ande no hombro,
Feito como o do Cintrão,
Traga o cabo em uma mão,
E na outra um cogombro.

Luvas d'um só pollegar,
Feitas de pelle de lontra,

Galante que as encontra,
Não lhe devem d'escapar.
Estas taes de meu conselho
Todavia havêl-as-ha;
E item mais trazerá
Baluerque em um joelho.

Traga cinta de verdugo,
Pejada com eapagorja;
Cá tal par sabei que forja
Um valente patalugo.
De grandes bugalhos traga
Ao pescoço um bom ramal;
Porque escusa firmal,
E a bolsa não estraga.

O que fôr assim aposto
Não é galante de borra;
Nem Deos queira que se corra,
Pero lhe corrão de rosto:
E alguns são já conhecidos,
E poder-se-hão nomear,
Que trazem, por passejar,
Motejar dos bem vestidos.

Pero quem fôr ao serão,
Pelo modo dito em cima,
Apupar alto lhe rima
A ás damas dal-a mão;

E fallar fagueiramente
Aos outros de redor;
E se ouvir — non sior —
Acudir mui rijamente.

Na outra parte segunda,
Pois já dei fim á primeira,
Sobrinho, n'esta maneira
A tenção minha se funda:
Para o paço se tratar
Estas manhas se requerem;
E nos que ellas couberem,
Na côrte são de prezar.

É mui bom ser alterado,
E ser grã desprezador;
E é bom ser rifador,
Mas melhor ser desbocado:
Outrosim é bom d'ufano
Em todo caso tocar,
Mas melhor é já gabar
E mentir de maxa mano.

É mui bom buscar punhadas,
E metter n'isso parceiro;
Mas não ser o dianteiro
Por resguardo das queixadas.
Aos arruidos da villa
A acudir ser mui disposto;

Mas se alguem tiver o rosto
Havêl-os pés ala fila.

Item manha de louvar
É jogar bem o malhão;
E ao jogo do pião,
Louvor se lhe deve dar.
Nem sei porque mais vos gabe
Ser grã pescador de naça;
Mas jogar á badalaça,
Em qualquer galante cabe.

Saber bem o pego chuna,
E o cubre bem jogar,
São duas para medrar
Galante contra fortuna.
Nem saberia a um filho
Escolher melhor conselho,
Senão que jogue o fitelho,
Jaldeta, cunca, sarilho.

Quem estas manhas tiver,
Que já disse inteiramente,
Póde haver ao presente
Quanto lhe fizer mister.
Cá ú se elle descobrir,
Qual será a tão soffruda,
Que lhe logo não acuda,
E lhe dê quanto pedir?

Mas que digo? saiba, saiba
Jogar de espada e broquel:
Porque dentro no bordel,
Como fóra d'elle caiba;
E se lhe viesse á mão,
Poder-se-hia n'elle ter
Quem ajudasse a suster
Seu andar sempre loução.

Regalo deve mostrar
Que não leva em collo duas;
E que todas cousas suas
São mui dignas de prezar.
Item mais fallar em tudo,
E aperfiar sem medo,
E aos olhos ir co' o dedo,
E fingir de mui agudo.

Fallar nos feitos da guerra
As duas partes do dia:
Esta manha louvaria
Pois o leva assim a terra.
E tomar mais outrosi
O caso sobre seu peito;
Mas na conclusão do feito
O fazer buscai por hi.

Item não é manha fêa,
Quem achar dama ao escuro,

Estar quedo, e mui seguro,
E bradar pela candèa.
Nem é menos verdadeira
Que a outra do fitelho,
Mostrar ser grã dominguelho,
E pegar pela primeira.

Eis-aqui outra tão boa,
Nem menos para notar,
Sempre o paço ir demandar
Entre a vespera e noa;
Porque não desacotôe
Com hombradas o pardilho,
Que assim fazia o filho,
D'aquelle, que Deos perdôe.

Tambem vos quero avisar
Não vades como patáo,
Se ventura no saráo
Com damas vos fôr topar.
Da boca podeis dizer;
Mas a mão sempre estê queda,
E toca-lhe na moeda
Se se póde corriger;

E por esta mesma guisa,
Sabe d'ellas todavia,
Que recado se daria
A se bem tirar a sisa:

E falla-lhe no outomno,
E nos outros temporaes,
Cá com estas cousas taes
Pódes escapar ao somno.

Leixo em vossa discrição
As que leixo d'escrever,
Assim como quer dizer
Lutar pelo Tavascão :
Da sacalinha de dentro
Podeis tirar, se quizerdes;
E se dormir não puderdes,
Soccorrei-vos ao coentro.

Boas são, gentil sobrinho,
As manhas, não duvideis ;
E vós me nomeareis
Se levais este caminho;
E pois estas as melhores
São, se as podeis cobrar,
Podem-vos todos chamar
Um revolvelhas d'amores.

A RUI DE SOUZA

COM UMA CARTA DE SEGURO, EM QUE PAGOU POR ELLE SESSENTA E NOVE REAES.

(22 v.)

Sessenta brancos na palma,
Postos com tres vezes tres,
Fez de custos, que me pèz,
Os quaes já dou por minha alma.
Nem quero ter esperança
Que homem vosso m'os traga :
Havei vós a segurança,
E máo grado a quem n'a paga.

CANTIGA

(22 v.)

Pois se forão descobrir
Vossos feitos pouco e pouco,
É mui bom homem ouvir,
E não ser mouco.

Ouço-vos chamar madoma,
Porque amor em vós não cansa;
E ouvi que sois tão mansa
Que qualquer homem vos toma.

Ouvi-vos mais descobrir
Por mulher que sabe pouco ;
E por isso é bom ouvir,
E não ser mouco.

TROVA

(25 v.)

Pois não vejo quem me ampare,
E meu mal ornaïs em dobro,
Sobre mim convem pôr cobro,
Que já minha mãi não pare.

Metti-me de companhia
Por vosso bem desejar,
Para ver se medraria,
Como vi outros medrar.

Mas pois dais mal que me fare,
E a outros bem em dobro,
Sobre mim convem pôr cobro,
Que já minha mãi não pare.

TROVA

(24.)

Porque meu mal se dobrasse
Vos fez Deos formosa tanto,
Que não sei santo tão santo,
Que peccar não desejasse :

Pelo qual sei que me vejo
De todo ponto perder,
Por não ser em meu poder
Partir-me d'este desejo.

Mas que me este malfadasse,
E me traga damno tanto,
Praz-me ; pois não sei tão santo,
Que peccar não desejasse.

ALVARO DE BRITO PESTANA

TROVA

(26 v.)

Vive mais morto que vivo
O livre que se captiva :
Ledo fôrro sempre viva
Quem se livra de captivo.

Não é lei de humanidade,
Nem consente descripção
Leixar homem liberdade,
Por viver em sujeição :

Sendo contra si esquivo
Contra si todos esquiva :
Ledo fôrro sempre viva
Quem se livra de captivo.

A EL-REI

PORQUE O MANDOU AO ESMOLER, PEDINDO-LHE MERCÊ.

(27.)

Menospreço desconsola :
Á verdade bem se vê
Que quem merece mercê,
Não espera por esmola.
  As esmolas de Deos são
Chamadas espirituaes :
As mercês os reis as dão
  Por galardão
Dos serviços temporaes.
Este mundo é d'embola :
Bem está quem em Deos crê,
Que quem merece mercê
Não espera por esmola.

TROVAS A EL-REI

QUEIXANDO-SE DE TRES DESEMBARGADORES QUE ERÃO JUIZES D'ENTRE ELLE E UM VILÃO.

(28.)

Senhor, Jaõ, Pero, Luiz,
Tres da vossa relação:

O que Deos não quer, nem quiz,
Querem mostrar por razão :
Querem salvar um vilão ;
Querem condemnar a mim ;
Querem fazer, por latim,
Do não sim, e do sim não.

RIFÃO

Vossas borbulhas me comem,
Bom christão quasi barú ;
Sois, por quem disse Jesú
Peza-me porque fiz homem !

Sois sem fé, sem compaixão ;
Sois muito máo pagador ;
Sois mui negro de carão ;
Sois de negra condição ;
Gracioso semsabor,
Sois galante de palomem ;
Cortezão de barzabú ;
Sois por quem disse Jesú
Peza-me porque fiz hcem !

Sois um bruto animal,
Belfa quasi tartaruga ;
Sois um corvo cornical ;
Sois um demo infernal ;
Não sei quem de vós não fuga ;

Sois damnado lobishomem,
Primo d'Isac nafú ;
Sois por quem disse Jesú
Peza-me ter feito homem.

EM LOUVOR DE PERO DIAS

ESCRIVÃO D'ANTE O CORREGEDOR DA CIDADE DE LISBOA.

(28 v.)

Todos mui calados sejão
Por bem ouvir e escuitar :
Todos venhão ver, e vejão
Como medem e varejão
Um que quero declarar.
Estes todos numerados
Do conto dos escrivães
Do civel, crime contados,
E assim d'outros julgados,
E tambem tabelliães.

Entre todos escolhido
É este, que vos direi :
Pero Dias, e havido
Por homem, que merecido
Tem a Deos, e a el-rei.
A Deos tem as profundezas,
Onde mora Barrabaz ;
Lá tem cousas e riquezas,

E tambem umas defesas,
Que partem com Satanaz.

E tem mais uma herdade,
Que houve, com condição
De nunca fallar verdade,
Nem tambem a seu abbade
Em nenhuma confissão.
Tem officio na cozinha,
Das caldeiras mechedor :
Sobre lombo de sardinha
Bebe mais sumo de vinha
Do que leva um tenor.

Tem mais rindo, e folgando
Por homem de mui bom tento,
Suas bochechas inchando,
Officio d'estar soprando
O fogo d'ú dão tormento ;
E mais é posentador
De todos os que lá vão :
Com rosto triste d'amor,
Os recebe pela mão
Porque lá tem grã favor.

Os quaes leva como damas,
Soccolor de repousarem :
Em fogo de vivas chammas
Lhe ordena barras e camas
Por se melhor aquentarem.
É disposto pasteleiro

Do archanjo Lucifel ;
De Barzabú carniceiro ;
Margarefe verdadeiro,
Grande mestre de cristel.

Item mais é triagueiro,
Dos abysmos boticairo ;
Faz a prova sem parceiro,
Dá-vos purga sem dinheiro,
Que vos é mui grã repairo,
Nos abysmos sempre mora ;
Mas vem cá fazer serviço,
Pelo qual sua alma chora ;
E diz que muito má hora
Se metteu no seu cortiço.

Já mudou a condição :
A Deos graças todos demos !
Convertido de razão
Vos escreve o sim por não,
Assentando falsos termos.
De ruim tem apparelhos :
O esp'rito tem malino :
De maçãs d'escaravelhos
Com pimenta de coelhos
Vos faz ambar muito fino.

Outras mil composições
Vos faz d'esta guisa feitas :
Tudo passa com razões,
Porque tem taes condições

D'estes casos mui perfeitas.
Sabe-vos mui bem o canto
Dos erros judíciaes,
Porque o seu corpo santo
Tem-nos em costume tanto,
Que traspassa seus iguaes.

É-vos tão bom tintureiro,
Que não foi melhor Gabai :
Por quem lhe dá mais dinheiro
Faz do preto mui ligeiro
Um mui fino verdeguai :
Luita bem pela travessa,
E tambem por sacalinha
Por quem dinheiro arrevessa,
Sua mão com grande pressa
Mette logo entrelinha.

Nega sempre a verdade ;
Escreve sempre mentira;
Porque a condição da herdade
Foi assim, e bem se sabe :
Perguntem Duarte Xira ;
Perguntem Sebastião ;
Perguntem Heytor Lamprêa,
Se é este o escrivão,
O mais falso, e mais bulrão,
Que no mundo se nomêa !

Perguntem a seu cunhado,
E a todos em geral :

Vejão uns autos d'Amado,
Um judèo, que foi queimado
No recio por seu mal.
Perguntem a D. João,
D'Abranches é nomeado;
E ao conde, seu irmão,
E mais quantos aqui são,
Salvo Fernão Penteado.

Mem Rodrigues me esquecia,
Porque não é magoado;
Mas pero mui bem seria
Perguntar-lhe o que sabia
D'este corpo sem peccado;
Porque é homem que dirá,
Assim Deos em bem me acabe,
O que d'isso saberá;
E não no duvidará
De dizer-nos o que sabe.

Deos lhe dá por galardão
O inferno para sempre;
Pero com tal condição
Que elle seja, e outro não,
O que as almas atormente.
Elle diz que é contente
Do partido aceitar,
Pelo qual quer entramente
Cá andar entre a gente
Começar-se d'ensaiar.

Ora leixemos estar
O que a Deos tem merecido :
Venhamos a declarar
O que lhe el-rei deve dar
Pelo ter tão bem servido.
Deve-o primeiramente
Mandar bem aposentar
Na casa da muita gente,
Onde estê seguramente
Com bom grilhão, e collar.

A qual casa lhe darão
Por tres annos assignados,
Porque crie bom carão,
Na qual bem o servirãõ
Com conservas de privados
Este tempo, porque saiba,
O bem dos attribulados,
E porque parte lhe caiba,
E goste d'aquella raiva,
Que têm os encarcerados.

Depois d'elle haverão
Piedade os humanos;
E d'ahi o tirarãõ
Com grande voz e pregão
Que declare seus enganos:
Leval-o-hão passeando,
Direito por seu caminho,
De seu cabresto tirando

A guia, que fôr guiando
Onde está o pelourinho.

E depois que lá chegar,
Sem detença, nem tardança,
Por se mais nunca coçar,
Alli lhe farão leixar
Sua destra mão da lança.
Porque não mate, nem feira
Já mais dos que mortos tem,
Em dia de terça-feira,
Se terá esta maneira,
Porque as gentes vão, e vêm.

E d'alli o levaráõ
Com diligencia, e cuidado,
Á parte do aguião;
E de juro lhe darão
Uma casa sem telhado,
Que tem paredes e cume,
Está posta em bom chão,
Na qual nunca fazem lume,
Por razão que não defume,
Mas enxugue os que alli vão.

Se se houver por aggravado
Das condições da pousada,
Mui prestes seja tornado
Ao pelourinho, e levado
Á cabeça ser cortada;
E feito em quatro partes,

E cinco com a freçura,
Darão fim a suas artes,
E prazer a muitas partes
A que elle deu tristura.

A cabeça lhe porão
Escontra o vendaval
Á porta da relação,
E tambem o coração,
Com que cuidou tanto mal.
Seus quartos lhe partirãõ
Pelas casas d'ũ julgarem,
Porque qualquer escrivão
Saiba que tal galardão
Lhe darão, se assim usarem.

Isto tem bem merecido
A dous reis, que mortos são,
Sem, de quanto tem servido,
Nunca ver, nem ter havido
Nenhuma satisfação!
Mas praza ao rei divino
Que ponha no coração
D'este nosso rei benino,
Que de tudo o que fôr dino
Lhe mande dar galardão.

NUNO PEREIRA

—

Á SENHORA D. LEONOR DA SILVA

PORQUE EM TEMPO QUE ELLE A SERVIA, SE CASOU.

(32 v.)

Pois que dama tão perfeita
Consentio de a casarem,
E quiz ser d'outrem sujeita,
Os servidores, que engeita,
Têm razão de praguejarem.
Oh! crueza tão sobeja!
Se fôr dó na tal donzella,
Quanto lhe desejo seja,
Praza a Deos que tal se veja,
Como me eu vejo por ella!

Seja muito na má hora
Um tão triste casamento,
Pois se vai do paço fóra
A senhora minha senhora
Por meu mal, e seu que sento.
Eu sento ver-me morrer;

Sento vêl-a enganada;
Sento vêl-a padecer;
E sento vêl-a vender
So' color d'encaminhada.

Pois se pôz em tal affronta
De querer saber de rocas,
De meadas tome conta,
E saiba quanto se monta
Á noite nas maçarocas.
Ainda a vejão coçar
Seu marido na cabeça!
Ainda a vejão criar
Gallinhas, e as lançar
Porque mais dona pareça.

Vá morrer, pois me matava,
Entre os soutos lá na beira:
Pois servil-a não prestava,
Pene lá quem pena dava
Cá ao seu Nuno Pereira.
Donzella mal maridada,
Que se nos vai d'esta terra,
Deos lhe dê vida penada,
Porque lhe seja lembrada
Minha pena lá na serra.

Pois que leixa com tal chaga
O meu triste coração,
Eu lhe lanço mais por praga,
Que chaves na cinta traga

Com ceitís em grã bolsão:
Pois se não dóe do marteiro
Que me dá, e não lhe pesa,
Ainda conte dinheiro,
E saiba eu que ao dispenseiro
Toma a conta da despeza.

Que viva sempre sentido
Co' o cuidado sempre n'ella:
Vingar-me-ha lá seu marido,
Que vestido, e desvestido
Ha de ter poder sobre ella;
Pois casou com tal trigança
Quem assi mesmo mal quer,
Que me tirasse esperança,
Não quero maior vingança
Que o chamar minha mulher!

Eu viverei padecendo!
Nunca mais servirei dama;
Mas por se ir arrependendo,
Elle, com ella jazendo,
Lhe vire as costas na cama;
E quando se lhe virar
Diga-lhe — quero dormir!
Pela mais desnamorar
Comece logo a roncar,
E ella não ouse bulir!

Por alcala vinho beba
Com dôr de madre, que tenha:

Porque mais pena receba
Elle lhe tenha manceba,
Com que nunca ante ella venha:
Tenha candêa d'azeite,
E lençóes gordos na cama;
Crie seus filhos a leite;
Entre elles sempre se deite
Que pareça mãi e ama.

Perder-me-hei; mas mais perdida
Será quem tal fim se deu;
Cada anno venha parida:
Deos lhe dê tão triste vida
Como eu tenho pelo seo;
E pene tão de verdade
Como eu peno cada dia
Pelo seo com saudade,
Porque lhe dôa a vontade
De quanto mal me fazia.

O marido lhe aborreça,
E elle lhe queira mal;
Um ao outro mal pareça,
E com saudade padeça
Por vivermos por igual.
Pois que a minha vida já
De todo o prazer me priva,
Folgaria que ella lá
Padecesse, pois me dá
Saudade, com que viva.

O' fortuna, tu que mudas.
Uma cousa n'outra cousa,
Dá doenças mui agudas,
A que não prestem ajudas
Nem jolepes ao de Souza.
Porque não possa casar,
Esta senhora de todas
De si veja, máo pezar,
Quem cantar e não chorar
N'aquestas tão tristes vodas.

A D. GUIOMAR DE CASTRO

PORQUE, QUERENDO A SERVIR, LHE DISSE QUE ERAO PARENTES. SEM O SER.

(54.)

Que nós nos não conheçamos
De tão estreita amizade!
Senhora, ambos nos criámos,
Vós, e eu, n'essa cidade :
E vosso pai e o meu
Quatro geolhos! e nós,
Outro tanto vós e eu,
Sois a mi e eu a vós.

E vossa mãi e a minha
Ambas n'um lugar morárão :
Ambas vírão a rainha,
E ambas se já finárão.

Tambem erão nossos padres,
Entrando por outro conto,
Maridos de nossas madres,
Nem mais, nem menos, nem ponto.

E são casi vosso irmão;
Ambos de ventre nascèmos
Com cinco dedos na mão!
Vède bem quanto seremos:
Ambos vimos de lugar
De que vindes, de que venho;
Nem podiamos casar
Se tivesseis o que eu tenho.

Ambos d'uma cousa somos
Lá da parte descendentes:
E somos quanto nós somos,
E ambos muito parentes
De parentesco chegado:
Por esta mesma razão,
Como vos já vai contado,
Sois-me vós quanto vos são.

D. JOAO MANOEL

CAMAREIRO-MÓR D'EL-REI D. MANOEL.

FALLA, OU PALAVRAS MORAES

(51.)

Nunca vi entre privados
Verdadeira amizade
Nem fallar muita verdade
Os em tratos enfrascados;
Nem serem mui aguardados
Dos galantes seus senhores;
Nem os muito semsabores
Que fossem mui avisados;
Nem homens mais enganados
Que os principes e reis;
Nem ser umas mesmas leis
A grandes e a pequenos;
Nem homens, que tenhão menos
Que os muito verdadeiros;
Nem vi pobres lisonjeiros
Senão se são mal discretos;

Nem homens menos secretos
Que os mui vangloriosos;
Nem os muito graciosos
Que não sejão maldizentes;
Nem vi nunca bons parentes
Os da parte da mulher;
Nem officio d'escrever
Mal servido de presentes;
Nem homens menos contentes
Que os de mui grande estado;
Nem viver desempenhado
Quem vergonha ha de pedir;
Nem algum muito bolir
Que fosse muito sisudo;
Nem vi nunca grande agudo,
Que não toque de doudice;
Nem no mundo mór pequice
Que casar com mulher fêa;
Nem homem que pouco lêa,
Que seja mui singular;
Nem vi muito rebolar
O ardido cavalleiro;
Nem mais certo alcoviteiro
Que o physico judêo;
Nem diligente sandêo
Que não damne quanto serve;
Nem vi homem muito leve
Que se não queira vender;
Nem homens menos saber
Que os que presumem que muito;

Nem mór doudice que luto
Mais de tres mezes trazer;
Nem dous negocios ter
Que ambos se não perdessem;
Nem trovas que se escrevessem
Assim como forão feitas;
Nem melhor cousa que peitas
Para ser bem despachado;
Nem homem mui esmerado
Que fosse muito galante;
Nem algum corpo gigante
De gigante coração;
Nem serviço de vilão
Que folgueis ter aceitado;
Nem santo canonisado
Que fosse grã caçador;
Nem algum brassamador
Que morresse d'entrevado;
Nem rei d'outrem mandado
Que dos seus fosse bemquisto;
Nem mais certo Anti-Christo
Que o velho vingativo;
Nem imperador altivo
Mais que o vilão honrado;
Nem viver mui descansado
Quem tem a mulher garrida;
Nem no mundo melhor vida
Que a da crasta, ou do estudo;
Nem quem quer fallar em tudo
Que saiba fallar em parte;

Nem no mundo melhor arte
Que a que ensina a bem viver;
Nem outro maior prazer
Que experimentar amigo;
Nem outro maior perigo
Que pousar com moucarrões;
Nem vi mais certas razões
Que d'escudeiro d'além;
Nem senhor, que solte bem
Que não seja mui amado;
Nem vi principe louvado
Que não fosse liberal:
Nem no reino maior mal
Que ruins desembargadores;
Nem esmerados cantores
Serem sempre d'um senhor;
Nem vi nescio trovador;
Nem sandêo mal razoado;
Nem judêo grã letterado;
Nem mouro mui verdadeiro;
Nem ter somma de dinheiro
Nenhum grande alchimista;
Nem homem de pouca vista
Que o queira confessar;
Nem dama muito chilrar
Que engeite os servidores;
Nem morrer homem d'amores
Senão depois de casado;
Nem outro maior cuidado
Do que a suspeita dá;

Nem vi condição tão má
Como é dos invejosos;
Nem homens mui rigorosos
Que não cáião em desordem;
Nem bestas que mais engordem
Que as que soffrem as esporas;
Nem mui altivas senhoras
Senão doudas claramente:
Nem outra mais douda gente
Que a do monte, e estribeira;
Nem alguma alcoviteira
Que não seja mentirosa;
Nem alguem na graciosa
Que désse assucar rosado;
Nem mulher d'homem privado
Que seja pouco pomposa;
Nem cousa mais vergonhosa
Que quem faz o que repr'ende;
Nem velho que se emende
De vicio habituado;
Nem homem mais aviltado
Que o que algumas vezes mente;
Nem n'este mundo excellente
Cousa mais que a boa fama;
Nem amizade de dama
Que dure bons quinze dias;
Nem sustedor de perfias
Senão desarrazoado;
Nem homem mais esforçado
Que o vencedor da vontade;

Nem visitar a bom frade
As donas sempre da villa;
Nem Caribides, nem Scylla
Perigosas mais que o paço;
Nem p'ra a alma mór embaraço
Do que é esta honra negra;
Nem outra mais linda regra
Do que é a de São Bernardo;
Nem homem, que sendo sardo,
Não fosse malicioso;
Nem rico mui engenhoso
Que lhe não custasse caro;
Nem vi homem mui avaro
Senão cheio de limpeza;
Nem outra maior simpleza
Que vangloria de virtude;
Nem nos vencidos saude
Senão não na esperar:
Nem vi bispo visitar,
Como deve, seu bispado;
Nem vi beneficiado
Sem corôa ou symonia;
Nem outra mór ousadia
Que deixar aqueste mundo,
Por não cahir no profundo
Inferno sem alegria.

REGRA PARA QUEM QUIZER VIVER EM PAZ

(51 v.)

Ouve, vê, e cala,
E viverás vida folgada!

Tua porta cerrarás,
Teu vizinho louvarás,
Quanto pódes não farás,
Quanto sabes não dirás,
Quanto vês não julgarás,
Quanto ouves não crerás,
Se queres viver em paz.

Seis cousas sempre vê,
Quando fallares, te mando.
De quem fallas, onde, e què,
E a quem, e como, e quando.

Nunca fies, nem perfies,
Nem a outro injuries,
Não estês muito na praça,
Nem te rias de quem passa.

Seja teu todo o que vestes,
A ribaldos não doestes,
Não cavalgarás em potro,
Nem ta mulher gabes a outro.

Não cures de ser picão,
Nem travar contra razão;
Assim lograrás tas cans
Com tuas queixadas sans.

CANTIGA

(52.)

Não póde triste viver
Quem esperança deixar,
Nem ha no mundo prazer
Igual a desesperar.

A esperança cumprida
Bem vèdes quão pouco dura;
E dura sempre a tristura,
Antes e depois da vida!

Quem esperança tomar,
Sempre tristeza ha de ter;
Quem quizer ledo viver
Saiba-se desesperar!

PEDRO HOMEM

CANTIGA

QUANDO CASOU A SENHORA D. BRANCA COUTINHA

(59.)

Pois a todos, se casais,
O viver será tão caro,
Lembre-vos o desamparo,
Senhora, que nos leixais.

Leixais-nos toda tristura!
Levai-nos toda alegria!
Ditosa foi a ventura
De quem vio a sepultura
Primeiro que tão máo dia!

Para que vivemos mais,
Pois morrer no está claro,
Vivendo no desamparo,
Senhora, que nos leixais?

TRISTÃO TEIXEIRA

CAPITÃO DE MACHICO.

TROVA

(64 v.)

Folgo muito de vos ver;
Peza-me, quando vos vejo!...
Como póde aquisto ser,
Que ver-vos é meu desejo!

Isto não sei que o faz,
Nem d'onde tal mal me vem;
Sei bem que vos quero bem,
Comquanto damno me traz.

Mas isto é para descrer
Ter, senhora, tão grã pejo,
Morrer muito, por vos ver,
Pezar-me quando vos vejo!

JORGE DE AGUIAR

—

CONTRA AS MULHERES

(64 v.)

Esforça, meu coração!
Não te mates, se quizeres!
Lembre-te que são mulheres!

Lembre-te que é por nascer
Nenhuma que não errasse;
Lembre-te que seu prazer,
Por bondade e merecer,
Não vi quem d'elle gostasse.
Pois não te dês á paixão!
Toma prazer, se puderes!
Lembre-te que são mulheres!

Descansa, triste, descansa,
Que seus males são vinganças;
Tuas lagrimas amansa;
Leixa as suas esperanças.
Cá pois nascem sem razão,

Nunca por ella lhe esperes,
Lembre-te que são mulheres!

Tuas mui grandes firmezas,
Tuas grandes perdições,
Suas desleaes nações
Causárão tuas tristezas.
   Pois não te mates em vão;
Que quanto mais as quïzeres,
Verás que são as mulheres!

Que te presta padecer?
Que te aproveita chorar?
Pois nunca outras hão de ser,
Nem são nunca de mudar.
   Deixa-as com sua nação;
Seu bem nunca lh'o esperes;
Lembre-te que são mulheres!

Não te mates cruamente
Por quem fez tão grande errada,
Que quem de si se não sente
Por ti não lhe dará nada.
   Vive, lançando pregão,
Por ú fôres, e vieres,
Que são mulheres, mulheres!

Hespanha foi já perdida
Por Letabla uma vez;
E a Troya destruida
Por males que Helena fez.

Desabafa, coração!
Vive, não te desesperes!
Que a que fez peccar Adão,
Foi a mãi d'estas mulheres.

TROVA

(65.)

Coração, já repousavas;
Já não tinhas sujeição;
Já vivias, já folgavas...
Pois porque te subjugavas
Outra vez, meu coração?

Soffre, pois te não soffreste
Na vida que já vivias;
Soffre, pois te tu perdeste:
Soffre, pois não conheceste
Como te outra vez perdias.

Soffre, pois já livre estavas,
E quizeste sujeição;
Soffre, pois te não lembravas
Das dôres de que escapavas,
Soffre, soffre, coração!

DIOGO MARQUAO

CANTIGA

(68 v.)

Pois não póde ser peior,
Se melhor me não fizerdes,
Fazei o peior e melhor,
Senhora, que vós souberdes!

O peior já feito é;
Que peior não póde ser;
O melhor tenho por fé
Que de vós nunca hei de ver.

Pois que póde ser peior,
Se melhor me não fizerdes,
Fazei o peior e melhor,
Senhora, que vós souberdes!

CONDE DE BORBA

Á SENHORA D. LEONOR DA SILVA

(71 v.)

Sempre me a fortuna deu
Tristezas com que não posso,
Dès que deixei de ser meu,
Pelo ser de todo vosso.

Que depois que vos servi
Com tal firmeza, senhora,
Nunca de vós até agora
Uma mercê recebi.

Desde então padeci eu
Mil males, com que não posso,
Porque deixei de ser meu
Pelo ser de todo vosso.

FRANCISCO DA SILVEIRA

—

TROVAS

A UMA DAMA, SEM SE NOMEAR.

(86 v.)

Dama, que o fostes já,
E que não sois ao presente;
Velha que mil annos ha;
São que parece doente!
Mantendes mal a mensagem,
E' tegna de mil maneiras,
Garganta, mãos, e trincheiras
Dos que sob a terra jazem.

Ossos de que hei piedade;
Que a todo o paço aborrece,
Tão imiga de verdade,
Como de quem bem parece.
Sobre todas invejosa
Conhece-vos, e era má,
Que, inda que fosseis formosa,
Vosso tempo passou já.

Deixe o paço, e as damas,
Quem fòr da vossa maneira,
Inda que para mudanças
Sereis a mór dansadeira.
E tambem d'aconselhar,
Por muito que tendes visto,
Podereis aproveitar,
E servir o paço n'isto.

Mas vosso conselho vão
Que sahe d'esse cascavel,
Não no ouvir era mais são,
Porque é azedo como fel.
Sois n'este paço peçonha,
E entr'as damas damnosa,
E sois a mór mentirosa
Que vi e mais sem vergonha!

E não digo eu só isto,
Mas a muitos o parece;
E no que vos acontece
O podeis já ter bem visto.
Pórque de quanto quereis
Vossa mercê quem na queira
Não acha, nem por terceira,
De ventura o achareis.

Tomai ora este conselho
Em que seja d'homem moço;

Lançai-vos antes n'um poço
Que curardes mais d'espelho.
Mas isto, senhora, ouvi!
Casai vós co' o Salvador,
E servi Nosso Senhor,
Que não sois já para aqui.

Quem por si isto tomar,
Dissimule, não se queixe,
Porque quem mal quer fallar
Cumpre que em si fallar leixe.
Não cure d'arrapiar,
Pois em salvo não repica,
Porque me fará tornar
A dizer o que inda fica.

DIOGO BRANDÃO

—

Á MORTE D'EL-REI D. JOÃO O SEGUNDO

QUE É EM SANTA GLORIA

(90 v.)

Todos attentos na morte cuidemos,
Na qual duvidamos por mais nosso mal,
Que d'ella sabendo ser cousa geral
Mais nos espantamos do que nos provemos.
Os bens temporaes por alheios deixemos,
Pois mais nos provocão a mal que não bem,
Os quaes cuidando nos outros, que temos,
Elles com fortes cadêas nos têm.

Os bens que são da alma, aquelles sigamos,
Pois n'elles consiste o vero proveito:
Os de fóra busquemos, havendo respeito
A quão brevemente por elles passamos.
Riquezas, favores que aqui percalçamos,
Assim como passão se perde a memoria,
Se bem n'este mundo fazemos, obramos,
Vive para sempre no outro por gloria.

N'este fim logo sejamos prudentes,
Pois toda gloria n'aquella se canta,
E com boas obras e vida mui santa
Devemos na morte mui bem parar mentes.
E se pelas cousas que vemos presentes,
Não bem conhecemos o grã poder d'ella,
Lembrança tenhamos de quã excellentes
Principes, reis, passárão por ella.

Dizer dos antigos que são consumidos
Não quero em Gregos fallar, nem Romãos,
Mas nos que nos cahem aqui d'entr's mãos
Vistos de nós, e de nós conhecidos.
Despertemos de todo os nossos sentidos,
Pois este mundo é tão inconstante:
Crèamos dos mortos que não são perdidos,
Mas que são idos um pouco adiante.

Não póde ser pouco, pois é muito certo
Que hoje se póde fazer esta via,
E se este não é o derradeiro dia,
Sabei que elle está de nós muito perto.
Todos nascemos com este concerto,
Que quem tiver vida, tem certo perdèl-a:
E pois o viver nos é tão incerto,
Vivendo na morte, cuidemos bem n'ella.

E pois tão aberta está esta via
Por ordem d'aquelle que a todos nos fez,
Não nos espantemos de vir uma vez
Aquillo que nos póde vir cada dia.

Alli cada um ordenar-se devia,
Como se fosse á morte chegado,
E d'esta maneira nos não enganaria,
Se tivessemos d'ella na vida cuidado.

E de tal maneira devemos tratal-a
Que pois assim é, sem mais duvidar,
Que ella nos espera em todo lugar,
Devemos nós outros tambem de esperal-a.
Devemos ás vezes por nós desejal-a,
Conformes com Deos em nossa desculpa,
Porque a longa vida, sem mais approval-a,
Pela maior parte tem sempre mais culpa.

Que sendo compostos d'aqueste metal,
Que sempre desejamos o que é sem medida!
Nunca tanto bem fazemos na vida
Que mais não façamos n'aquella de mal.
Cresce n'aquesta cobiça mortal
Raiz e começo de todos os vicios,
Abre-se mais o caminho infernal,
Quando se sarrão os bons exercicios!

Tornando pois logo a aquesta certeza,
Que todos uma vez morrer nos convem,
Esforçar-nos devemos fazêl-o tão bem,
Que a morte sintamos com menos tristeza.
Esta tomemos com toda firmeza,
Pois ha de vir de necessidade:
Menos sentiremos a sua crueza,
Quando a recebermos com boa vontade.

Antigos exemplos á parte deixados,
Sem os alheios querer memorar,
Os mortos em Cannas deixemos estar,
Com outros mil contos, que são já passados.
Deixem de ser aqui relatados!
Abaste fallar nos possuidores
D'esta nossa terra, que d'ella abaixados
Forão assim com' a pobres pastores.

Que se fez d'aquelle que Ceyta tomou
Por força aos mouros, com tanta victoria,
O intitulado da boa memoria,
Que a si e aos seus tão bem governou?
As cousas tão grandes, que vivendo acabou,
Afóra nas batalhas mostrar-se tão forte,
Com outras façanhas, em que se esmerou,
Nunca puderão livral-o da morte.

Seu filho primeiro, bom rei D. Duarte,
Que foi tão perfeito e tão acabado,
Reinando mui pouco, da morte levado
Foi, como quiz quem tudo reparte.
Seus irmãos, os infantes, que tanta de parte
Na virtude tiverão, pelo bem que obrárão,
Tendo nas vidas trabalhos que farte,
Com tristes successos alguns acabárão!

O sobrinho d'estes, infante de gloria,
Progenitor de quem nos governa,
Que foi de virtudes tão clara lucerna,
Tambem houve d'elle a morte victoria.

Comtudo não pôde tirar-lhe a memoria
De ser esforçado e forte na fé,
Tomou este principe, digno de historia,
Por força aos mouros o grande anafé.

O quinto Affonso não quero calar,
Que assim como teve victoria crescida,
Tantos trabalhos susteve na vida,
Que lhe causárão mais cedo acabar.
Tambem acabou o filho de dar
Fim a esta vida de tanta miseria,
No qual determino um pouco fallar,
Posto que emprenda mui alta materia.

Este foi aquelle bom rei D. João,
O mais excellente que houve no mundo,
Rei d'estes reinos, d'este nome o segundo,
Humano, catholico, sujeito á razão;
Do qual mui bem creio, sem contradicção,
Julgando das obras, e como morreu,
Que deve bem certo de ter salvação,
Pois tão justamente sempre viveu.

Foi em virtudes tão esclarecido,
Que é mui difficil poderem-se achar
Louvores que possão co' os seus igualar
Tão grandes assim como tem merecido!
Mas posto que fosse de todo cumprido
De grandes bondades, em que floreceu,
Algum louvor seu direi não fingido,
Que será mais baixo do que mereceu.

Teve nas cousas de Deos excellencia :
Aquellas amava, honrava, temia;
Em fabricas santas mui bem despendia
Assaz largamente com magnificencia.
Com justa medida, e grã providencia,
Suas esmolas mui bem repartia :
Quem se prezava de santa sciencia
Muito por certo ante elle valia.

Não sei com que lingua dizer-se podia
Como era grande e em todo magnifico;
Desejava ter mais ó seu povo rico
Que elle de o ser prezar se queria!
Por estas taes obras, que sempre fazia,
A sua nobreza bem clara se vê;
Havia por perda, passar-se algum dia,
Sem que n'aquelle fizesse mercê.

Jámais nos antigos, modernos que leio,
Se achou outro tal em liberalidade;
Partia com todos, com tanta vontade,
Que nunca em nobreza ao mundo tal veio.
Segue-se logo d'aqui, como creio,
Que, havendo-se n'isto assim grandemente,
Que mal poderia tomar o alheio,
Pois o seu dava de tão boa mente.

Era um mesmo no prazer e na sanha;
Das cousas virtuosas havia cobiça;
A todos igualmente fazia justiça,
Sem se lembrarem as teias d'aranha.

Era temido, e amado em Hespanha:
E tal que, não sendo para rei nascido,
Segundo a sua virtude tamanha,
Devèra para isso de ser escolhido.

Que d'esta maneira está confirmado
Que o rei e o principe, que ha de mandar,
Para os outros saber emendar
Deve primeiro de ser emendado;
Este na vida foi tão acabado
Que elle só era a propria lei,
Para cada um viver castigado,
Sem mais outra regra nenhuma de rei.

Os principes bons, por seu bom viver,
Exemplo tomavão do bem que fazião:
Os máos isso mesmo por elle sabião
As cousas que bem devião fazer.
D'este devemos por certo de crer
Que ainda que cá muitos annos vivèra,
Na força do corpo podia envelhecer,
Mas nunca na d'alma velhice tivera.

Os reis que vierem para bem reger
Tomar devem d'este exemplo geral;
Pois é muito certo que aquēste foi tal
Qual promettião os outros de ser.
Os seus subditos, por seu merecer,
A Deos sómente por elle rogavão,
Sendo mui certos que em no assim fazer,
Por si, por seus filhos, por todos oravão.

Era em sas obras tão bem temperado,
Que o que por palavra ña vez promettia,
De tal maneira com fé o cumpria,
Como se fôra por elle jurado.
Não se gloriava de ter alcançado
Por favor de fortuna nenhum bem temporal;
Toda a sua gloria era têl-o ganhado
Por alguma virtude e bem divinal.

Com lisonjeiros mui pouco folgava:
Erão-nos seus conselhos mui sãos,
Mostrava-se humano aos que erão meãos,
Os grandiosos e vãos desprezava.
A virtude por obra mais exercitada,
Que não por palavras, nem outras maneiras;
As cousas do mundo assim as amava,
Que não se esquecia das mui verdadeiras.

Tinha prudencia; tambem fortaleza;
Amava a justiça com grã temperança;
Fé, caridade, tambem esperança
N'elle moravão com toda a firmeza.
Ornárão-no estas de grande riqueza,
E nunca jámais o deixárão na vida,
Na morte lhe deram tamanha franqueza,
Que gloria por sempre recebe cumprida.

Estas, que digo, virtudes geraes,
Assim assomadas um pouco deixemos;
Porque é justa cousa tambem que fallemos
Nas particulares, e mais especiaes;

As quaes conhecidas por muito reaes,
Sendo a todos assim manifestas,
Ainda fez outras mui grandes e mais,
Que erão maiores, por serem secretas.

D'aqui se consire na ordem, que dava
Em pagar dividas, que o seu pai devia;
Pois como as suas já mal pagaria,
Quem tão grandemente as alheias pagava!
Jámais d'elle orphão nenhum se queixava:
A todos por inteiro mui bem se pagou:
Com pagas dobradas vi eu que pagava
A prata das igrejas, que então se tomou.

Pois em Castella? ahi n'essa guerra
Se foi esforçado mui bem se mostrou!
Depois da batalha, no campo ficou,
Os mortos n'aquella mettendo su terra!
Tambem n'essas pazes, se a penna não erra,
Foi mui prudente, e mui sabedor,
Os meios tomando dos valles e serra,
Que n'estes consiste virtude maior.

Não menos no reino, por este teor,
No tempo que foi aquella discordia,
Usou mais com elles de misericordia
Do que n'isso fez com justo rigor!
Era temido dos seus com amor;
E a Deos temia com todo querer;
Que quando o rei de Deos tem temor,
Então o soemos mui mais de temer.

Com animo grande d'esperas reaes
Abrio o caminho de todo Guiné,
Mais por crescer a catholica fé,
Que por cobiça de bens temporaes!
Com ella fez ricos os seus naturaes,
Os infieis trouxe a ver salvação;
Pois obras tão justas, e tão divinaes,
Serão sempre vivas, segundo razão.

Se em todo ponente se sente grã gloria,
Por serem as Indias a nós descobertas,
Elle foi causa de serem tão certas,
E tão manifestas por nossa victoria.
Pois é sua fama a todos notoria,
Culpem-me muitas, e mais d'uma vez,
Se d'elle não faço aquella memoria,
Que justa merecem os feitos que fez.

O fim já chegado de sua partida
Sendo de todas a cousa mais forte,
Já muito cerca da hora da morte,
Não se esqueceu das obras da vida!
Tendo a candêa já quasi perdida,
A penna na mão tremendo tomava;
E, com moderada justiça devida,
Tenças, mercês, padrões assignava!

Seus males e culpas, gemendo com dôr,
Partio d'esta vida na fé esforçado,
Pelo qual creio que outro reinado
Possue lá com Deos muito melhor.

Fez fim no Algarve, na villa d'Alvor,
No decimo mez, o fim já propinquo;
Sendo da éra de Nosso Senhor
Quatorze centenas noventa mais cinquo.

Com grã ceremonia a Silves levado
D'alli foi dos seus, que o muito sentião:
Quem antes um pouco as gentes seguião
Alli ficou só, de todos deixado!
O' morte, que matas quem é prosperado,
Sem de formoso curar, nem de forte,
E deixas viver o malaventurado
Porque vivendo receba mais morte!

D'alli a tres annos, não bem precedentes,
Foi com grã festa d'aqui trespassado;
E posto no lugar, que está deputado
Em ser mauseolo dos nossos regentes.
Quer Deos d'alli dar a muitos doentes
Comprida saude? tocão d'onde jaz;
Em serem os anjos com elles contentes
Nos é manifesto nas obras que faz.

Fez isto por elle o mui poderoso
Rei excellente, Manoel o primeiro,
Que em elle deixou successor verdadeiro,
Como rei justo e mui virtuoso.
Soube este principe mui animoso,
Que hoje governa com tanta medida,
Pagar-lhe na morte, como piedoso,
O bem recebido d'aquelle na vida.

Se honras, riquezas, virtudes, poder,
Puderão alguem da morte livrar,
Este justo rei, sem mais altracar,
Nunca jámais pudera morrer!
Mas pois que assim é que os bons hão de ser
Tambem sepultados, a vida deixando,
Quanto mais devem os máos de temer
Que sempre jámais vivêrão peccando!

A gloria de Deos de tanta excellencia
Não busca ninguem, sendo tão preciosa;
Mas a do mundo, que é tão enganosa,
Buscão os homens com grã diligencia!
Oh! como é de grã preeminencia
Quem põe em só Deos seu amor e querer!
Quem o mundo não ama com toda a crencia
Não tem n'elle cousa que possa temer!

Seja nossa culpa de nós conhecida!
Emquanto vivemos façamos pendença,
Que sem na fazermos, segundo sentença,
Havermos na morte perdão se duvida!
Por santos doutores é mui repetida
Aquesta doutrina que ver nos convem,
Que quem sempre mal viveu n'esta vida
É muito difficil poder morrer bem.

O eterno Deos, com justa balança,
Permitte com grande rigor, e mui forte,
Que se esqueça de si na hora da morte
Quem d'elle na vida não teve lembrança!

No bem que fazemos, tenhamos fiança;
Que por summa justiça está ordenado
Que sempre careça de toda a folgança
Quem nunca jámais careceu de peccado.

Pois desprezemos o breve prazer,
Que logo se converte em grave tristeza:
Que mui facilmente o mundo despreza
Aquelle que cuida que ha de morrer!
Quem firmemente aquesto tiver
Nas cousas de Deos será mui constante!
Por bemaventurado se deve de haver
Aquelle que a morte tem sempre diante!

EM UMA PARTIDA

(95 v.)

Meus dias tão tristes, por esta partida,
Serão para sempre com pena tão forte,
Que acabára melhor minha vida,
Porque atalhára meus males a morte.
Mas pois o ordena assim minha sorte,
E quer que tal vida padeça vivendo,
Ouvi minha dôr, de mim vos doendo,
Porque parte d'ella com isso conforte!

Sendo levado da parte d'além,
Postos os olhos nas vossas moradas,

Chorei tantas lagrimas, que em Jerusalem
Tantas não forão, nem tão derramadas!
Minhas tristezas alli memoradas,
Que mais crescentavão a minha paixão,
Dos tristes suspiros do meu coração
Estavão as gentes todas pasmadas!

Juntavão-se muitos, fazião grã mó,
Quando me vião n'aquelle cuidado.
Estando com todos, estava tão só,
Como se fôra n'um ermo lançado.
Era de muitos alli lamentado:
Já meus imigos de mim se doião,
Outros com mágoa grande dizião:
Olhai quem pudesse já ser namorado!

Por meu exemplo tomavão castigo!
Juravão que nunca mais damas servissem;
Mas eu dizia, fallando comigo,
Que aquillo seria se nunca vos vissem!
E lhes affirmava que tanto sentissem,
Vendo a vossa mui grã perfeição,
Que de cuidados com muita paixão
Todas sas vidas jámais se partissem.

D'alli me parti, d'onde elles estavão,
Ou me levavão aquelles com que ia;
Se n'esse caminho alguns me fallavão
Bem sem proposito lhes respondia.

Muitos d'aquestes extremos fazia;
Em só suspirar descanso tomava:
Não era tamanha a dôr que mostrava,
Como a grande que dentro sentia.

Meus olhos mais agua que fontes lançavão;
Mui grandes gemidos a voltas sahião;
Meus tristes sentidos jámais repousavão,
Mas antes seus males dobrados sentião.
Prazer e descanso de mim se partião
A contra d'aquestes, comigo ficava:
Se minha firmeza esp'rança me dava
Vossos desfavores matar-me querião.

A pena crescida maior se fazia,
Por ver tão incerta minha esperança:
Menos mil vezes a morte temia
Que não a graveza de sua tardança!
A razão me dá mui grã confiança
De minhas tristezas haverem já fim;
Mas a ventura, que é contra mim,
Jámais não me deixa haver segurança.

Resistir meu cuidado com pena queria,
Buscando maneiras d'amor apartar-me
Estonces mais preso, tomado me via,
Quando buscava razões de livrar-me.
Se achava confortos alguns de salvar-me,
Achava mil males, que me condemnavão.

Assim que em lugar de fugir me levavão
Meus grandes desejos a mais captivar-me.

Assim como quando se sentem tomar
As aves nos laços, e redes armadas,
Quando trabalhão por mais se soltar,
Achão-se então mui mais enlaçadas.
D'esta maneira sinto tomadas
Todas as forças com todo poder,
Que se me não val quem me póde valer
Serão minhas dôres por morte acabadas.

Este desejo, sem mais dilatar,
Porque se acabem meus tristes cuidados,
Não quer minha dita em tal outorgar,
Porque os tenha, vivendo, dobrados.
Serão meus sentidos por sempre penados;
Pois contra mim o mal se concerta.
A morte queria, pois é muito certa
Folgança d'aquelles que são tribulados.

Impossivel serião as dôres contadas,
Que passei n'estes dias de grandes tormentos!
Forão mal dormidas, e bem suspiradas
As noites d'aquestes com mil pensamentos.
Com a morte e vida n'aquestes tormentos
Guerra rompida cruel padecia
Co'a morte, senhora, que não me queria...
E eu menos a vida com taes sentimentos!

Ganhando mais males, perdendo a alegria,
Fizerão fim as tristes jornadas;
Mas não as tristezas e grande agonia,
Que sempre me forão por vós ordenadas!
Nem podem por tempo ser remediadas,
Como mil outras doenças, que vêm,
Porque o só remedio que têm
É pela causa que forão causadas.

E pois o poder é em vós de salvar-me,
Querei haver já de mim compaixão!
Não leveis gosto assim de matar-me,
Pois morro por vós com tal devoção!
Havei piedade de tal perdição!
Querei dar remedio a tão triste vida,
Porque vos não hajão por desconhecida...
E eu que não morra tão sem galardão!

ESPARSA

A UMA SENHORA QUE SE CHAMAVA DA COSTA.

(96.)

Quem bem sabe navegar,
Pela vida segurar
A esperança tem posta
Dentro no pego do mar;
Mas aqui por se salvar,
Deve certo vir á costa,

Porque posto que n'aquella
De vivo se veja morto,
Ganha-se tanto por vêl-a,
Que é melhor perder-se n'ella,
Que salvar-se n'outro porto.

FINGIMENTO DE AMORES

(96.)

Erão da sombra da terra
As nossas terras cobertas,
Quando parecem desertas
As habitações sem guerra.
Ao tempo que repousão
Os corações descansados,
E os malfeitores ousão
Commetter móres peccados.

Os nove mezes do anno
Erão já quasi passados
Quando erão meus cuidados
Crescidos por mais meu damno:
E assim com mal tão forte
Mais crescendo minha fé,
Vi passar além do pé
As guardas do nosso norte.

Se dormia não sei certo,
Se velava muito menos:
Com meus males não pequenos
Nem durmo nem são desperto!
Não m'atrevo de turvado
Dizêl-o, não sei se cale...
D'alli me senti levado,
E posto n'um fundo valle.

Oh! divina sapiencia!
De todos tão desejada,
E de mim pouco gostada
Por não ter sufficiencia.
Faze-me tão sabedor
Que possa dizer aqui,
Com favor de teu favor,
As grandes cousas que vi.

Por este valle corria
Uma tão funda ribeira,
Que estando junto da beira
Escassamente se via!
Tanta tormenta soava
N'aquelle lugar eterno,
Que se me representava
Quanto dizem do inferno!

De mui escura neblina
Era o ar todo coberto;

Devia ser d'alli perto
O lugar de Proserpina.
O fogo sem se apagar,
O mal sem comparação,
Podião bem demonstrar
O dominio de Plutão.

Não vi camaras pintadas
Com ricos patins de fundo,
Dos ricos d'aqueste mundo
Por demasia buscadas.
Nem vi suaves cantores
Com vozes mui accordadas,
Mas mui discordes clamores
Das almas atormentadas.

Não vi aves mui suidosas,
Que cantassem docemente;
Mas bradavão fortemente
Serpentes mui espantosas.
Alli prazer não senti,
Antes descontentamento;
Toda cousa que alli vi,
Era para dar tormento!

D'alli quizera salvar-me,
Do que via temeroso,
E das armas do medroso
Juntamente proveitar-me;

Mas achar não pude via
Para me poder salvar;
Então mostrei valentia
Para mais me condemnar.

E sem fazer a vontade,
Nem esperar por saude,
Quiz alli fazer virtude
Da minha necessidade:
E tambem por ser sem falha
Esta verdade que digo,
Que os que fogem na batalha
Passão sempre mór perigo.

E como faz quem peleja,
Vendo-se desesperado,
Por honra tomar forçado
A morte que já deseja;
Assim me fui juntamente
D'onde o fogo mais ardia,
Por viver honradamente,
Ou morrer como devia.

Assim de todo mudado
Alli junto me cheguei;
E n'este modo fallei
Assaz bem temorisado.
Oh! gentes attribuladas!
Porque razão de vós dê,

Dizei a causa porque
Sois assim atormentadas.

Logo de todo cessárão
D'aquelles grandes tumultos;
E com mui disformes vultos
Para mim todos olhárão!
E logo se alevantou
D'entre todas uma d'ellas,
E sem culpar as estrellas
D'esta maneira fallou:

« Este pranto tão dorido,
De tantas tribulações,
São os justos galardões
Dos sequazes de Cupido;
Que por lhe sermos leaes
Tantas mortes nos perseguem.
Que nossas dôres mortaes
São mui mais das que se seguem.

« Penamos pelas folganças,
Que vivendo procurámos;
Que é impossivel que hajamos
Duas bemaventuranças.
Que seria grande historia,
E juizo mui profundo,
Levar lá prazer no mundo,
E n'est'outro tambem gloria!

« Somos passados de frio
Em grandissima quentura;
A vida não tem segura
Quem bebe d'aqueste rio.
Que n'este fogo penados
Sejamos sem esperança.
Mata-nos mais a lembrança
Dos prazeres já passados!

« Pelo qual, se tu quizeres
Ser livre de nosso mal,
Trabalha quanto puderes
Por fugir caminho tal.
Sempre te guie razão;
Governe como cabeça;
A vontade lhe obedeça,
Sem outra contradicção.

« E se quereis saber mais
Porque deis conta de mi,
São um dos que descendi
Nos abysmos infernaes;
E fui lá com tal ventura
Que quanto quiz acabei,
Mas depois me condemnei
Por não guardar a postura.

« E por mais certos signaes
D'Eurydice fui marido,

Por ella mesma perdido
N'estas penas immortaes.
Eu fui aquelle que ouvistes
Que na musica soube tanto,
Que fiz com meu doce canto
Não penar as almas tristes.

« Aqu'essas outras companhas
Que penão n'essas cavernas
Antigas, tambem modernas,
São de mil terras estranhas.
Que jámais se passa dia
Que aqui não sejão trazidos...
É mui espaçosa via
A que seguem os perdidos. »

Inda bem não acabou
De dizer estas razões,
Quando com lamentações
Longe de mim se apartou.
Quizera ser informado
D'aquella gente que víra,
Mas d'alli fui relatado
E posto d'onde partíra.

A manhã esclarecia
Quando com cantos suaves
Nossas domesticas aves
Dão signaes de claro dia.

Pelas cousas que alli vi,
De que nada fui contente,
O meu cuidado presente
De deixal-o prometti.

Mas fui tal d'alli passando
Como homem que promettêra
Mui grandes mastos de cêra,
Em fortuna navegando.
Que vendo-se d'aquella fóra,
Tornado já em bonança,
Do que passou n'aquella hora
Não lhe fica mais lembrança.

E como faz o doente,
A morte vendo diante,
Que promette d'hi ávante
Viver muito continente;
Mas, o medo já passado,
É do que vio esquecido,
Assim me vejo perdido
Mais agora... e namorado.

E bem como tem o norte
Firmeza, sem se mover,
Espero firme de ser
Na vida, tambem na morte.
Assim como cahe direito
O dado quando se lança,

Assim minha mal andança
Não me muda d'outro geito.

E bem como a agua do mar
Não muda jámais a côr,
Nem perde nunca o sabor
Por quantas n'elle vão dar;
Assim eu, triste, não posso,
Com mil males d'estes taes,
Deixar nunca de ser vosso,
Em que sejão muitos mais.

E pois, com tanta verdade,
Vos sirvo com fé, senhora,
Havei, por Deos, algum'hora,
De meus males piedade;
Que se d'este mal profundo,
Eu não são remediado,
São perdido n'este mundo
E no que vi condemnado.

A HENRIQUE DE SÁ

SOBRE QUE CHEGANDO A UM MOSTEIRO, LHE VEIO UMA FREIRA BEIJAR A CAPA, SEM LHE DIZER OUTRA COUSA.

(97 v.)

Sem vida fazer em lapa,
As vossas amigas tanto!

Me têm por homem tão santo
Que me vêm beijar a capa.
Mas por mais minha saude
Desejo saber em cabo
Se m'a beijão por diabo,
Se por homem de virtude.

LUIZ HENRIQUES

—

AO DUQUE DE BRAGANÇA

QUANDO TOMOU AZAMOR, EM QUE CONTA COMO FOI.

(103 v.)

A quinze d'Agosto de treze e quinhentos,
Da éra de Christo nosso redemptor,
Do que se passou estai mui attentos,
No dia da madre do mesmo senhor.
O duque excellente, nosso guiador,
D. James da casa d'antiga Bragança,
De gente levando mui grande pujança,
Geral capitão, partio vencedor!

Não peço favor, que possa contar
O que se passou na santa viagem,
Nem menos ajuda me apraz de invocar
Ás antigas musas, nem sua linhagem.
Mas só á senhora que ha feito menagem
De virgem humilde por onde foi madre,
Que ella me alcance a graça do padre,
Pois que foi digna da summa mensagem.

Partio com a graça do que, triumphando,
Na arbor da cruz alcançou victoria,
Por mando do rei, que vai imperando,
Por grã vencimento de eterna memoria.
Os reis persianos, mui dignos de gloria,
Da India, Arabia, tambem d'Ethiopia,
E outros, que fazem em summa grã cópia,
Lhe são tributarios por fama notoria.

Cresce seu mando, seus reinos alarga,
Por seus capitães; na gente infiel,
O grã poderio dos mouros embarga
Em grã quantidade por guerra cruel.
Oh! mui serenissimo rei Manoel!
A esphera que trazes será triumphante,
Se com tuas gentes passares ávante,
Ganhando a casa que foi d'Israel.

Volvamos a falla ao grã Godufré!
D'aqueste grã Carlos direi sas façanhas!
Não menos o esforço do grã Jesué
Em suas victorias, grandezas tamanhas!
Nunca de Roma se vio nem Hespanhas
Tão grã capitão, nem mais esforçado,
De reis infinitos parente chegado,
Dotado de grandes virtudes e manhas.

No dia da festa da santa Assumpção,
Partio de Lisboa com toda sa frota;

Mui apontada em tal perfeição
Qual outra não vimos nem livros se nota.
Assim todos juntos seguírão sa frota,
Juntando-se em Farão a nobre companha
De condes, fidalgos, mais nobres de Hespanha,
Onde surgírão toda alma devota;

Levando comsigo a bandeira real,
Que nunca vencida se póde dizer,
Pois é invencivel aquelle signal
Tomado das chagas que quiz padecer
O summo bem nosso com muitos marteiros,
Porque salvasse o mundo perdido;
Tambem significa os trinta dinheiros,
Por cujo preço foi Christo vendido.

Depois de chegados e todos surgidos,
Quando vio tempo mais conveniente,
Senhores, fidalgos, forão requeridos
Que a elle se fossem todos juntamente.
Des que, congregados, com elle presente,
Lhes fez uma falla de tanto primor,
Como aquelle que tem grã favor,
Ajuda, subsidio do mais eloquente.

Onde por elle lhes foi declarado
Toda a tenção d'el-rei seu senhor,
Que foi envial-o sobre Azamor
Pela maldade do erro passado:

Que a todos pedia que de amor e grado
Quizessem, sem outra vontade nem zelo,
Em sua tomada tão bem commettêl-o,
Para que sempre lhes fosse obrigado.

Porque depois de ter esperança
Em Nosso Senhor, de lhe dar victoria,
Em elles levava tanta confiança
Para todo feito mais digno de gloria,
Que lhes pedia que houvessem memoria
Das cousas de Roma, quando prosperava,
Em quanta maneira a lei se guardava,
Segundo se nota na sua historia.

Com Remo e Romulo tambem allegando
De quando se aquella cidade fundou,
A pena que houve, porque quebrantou
A lei que foi posta em se começando:
Que lhes pedia que nunca desmando,
A guerra durante, em elles houvesse;
Mas que obedecessem ao que elle quizesse
E que elle sempre seria a seu mando.

Com doces palavras, forradas d'amor,
Com mui animoso desejo, e vontade,
Com mui cortezias, com grande favor,
Com umas entranhas de pura verdade,
Assim os provoca com tal mansidade
Que todos respondem, dizendo : « Senhor!

Nosso desejo é muito maior
Do que nos pedis em grã quantidade! »

Ouvindo palavras tão bem razoadas,
Ficou de contente a tão satisfeito
De sa senhoria a tão estimadas,
Que o por fazer estimou por feito;
Dizendo que sempre seria sujeito,
Fazendo por todos, como bem verião,
Que d'hi em diante elles conhecerião
As suas palavras ficar em effeito.

Erão quatrocentas as velas da armada
Sobre cincoenta, sem uma faltar,
Foi uma das cousas mais para notar
Que vimos, nem vio a gente passada.
Tão posta em ponto, tão apparelhada
De todas as cousas, que se requerião,
E da artilharia tão bem compassada,
Que nada faltava, segundo dizião.

Partímos em ponto, sem mais esperar,
Depois d'esta falla assim acabada,
E em poucos dias pudemos chegar
Á boca do rio da cidade honrada.
E porque a barra estava cerrada,
E era um pouco perigoso de entrar,
Houve conselho com' determinar
Que em Mazagã fosse a terra tomada.

Achámos o porto quieto, seguro,
A frota mui junta se pôz bem em terra,
Mui bem concertada no auto da guerra
Com grande recado, conselho maduro.
No dia seguinte, depois do escuro
Ser já passado, e sol já sahido,
Sahio toda a gente mais forte que muro,
De esforço guarnida, sem nada fingido.

Com muita prudencia, esforço, cuidado,
O duque ordena sentar arraial,
Mais trabalhando do que Annibal
Quando houve os Alpes de todo passado.
Pôz suas estancias com tanto recado
E seus capitães em tanto concerto,
Que nunca entr'elles houve desconcerto
Nem cousa que fosse escontra seu grado.

Onde tres dias lhe aprouve d'estar,
Ainda que a toda Mourama pesasse,
Porque de todos se cresse e notasse
Que não era gente de mais estimar.
Que com seu esforço podia domar
Mais que perdeu el-rei D. Rodrigo,
E mais que levava tal gente comsigo
Com que podia grã terra ganhar.

Veio de Tite a lhe obedecer
O principal mouro que n'elle havia,

Pedindo que paz lhe aprouvesse fazer
Com toda a gente que n'elle vivia.
Foi a resposta de sa senhoria
Que a elle só sua casa segura!
O mouro, em vendo resposta tão dura,
Ficou tão cortado que mais não podia.

Pelo qual logo, sem mais dar vagar,
O gentil de Tite foi despovoado,
De medo cortados leixárão lugar
Té serem por pazes a elle tornado.
Cá vírão seu feito ir tão mal parado
Que desesperárão de bem esperar,
Seria Mafoma bem pouco louvado,
Pois n'elle soccorro se não pôde achar.

Foi entre os mouros tamanho encanto,
Por ver o que nunca cuidárão de ver,
Que nenhuns christãos podião fazer,
Entr'elles demora de tanto quebranto.
Forão cortados com tanto espanto
Segundo por obra foi notificado,
Sas forças, esforço de todo quebrado,
Que de seu desmaio não sei dizer tanto.

Em o quarto dia, o duque mandou
Sessenta navios com artilharia;
Que entrassem no rio lhes encommendou,
Porque elle partia em o mesmo dia.

Os quaes Deos aprouve levarem tal via
Que todos entrárão sem contradicção,
Queimando apparelhos, que Muleizião
Com mil canniçadas pòr fogo queria.

Em o dia mesmo que era primeiro
D'este Setembro da éra presente,
Partio o grã Cesar com toda sa gente,
Levando concerto de gentil guerreiro:
Ordena batalhas, andando fragueiro
Correndo-as todas mil vezes n'um ponto,
Mostrando-se a todos ser mais companheiro
Que principe grande, como é, e vos conto.

Chegámos já tarde áquella cidade,
Porque não póde ser d'outra maneira;
A qual achámos, fallando verdade,
De muros e torres mui forte e guerreira.
Sahírão uns mouros á porta primeira
Co'uns poucos dos nossos escaramuçar,
De volta com elles lhes forão matar
Alguns cavalleiros de sua bandeira.

Isto acabado, á noite na mão,
Sentou-se arraial ao longo do rio,
Estancias postas já bem de serão,
Escuitas lançadas sem outro desvio.
O duque, provendo em seu senhorio,
Como quem tanto no caso lhe ia,

A todas as partes mui rijo provia,
Como quem corre de noite seu fio.

Aquella noite ninguem a dormio
Com grande trabalho, sem mais repousar;
O somno, preguiça de todos fugio;
Artilharia se pôz no lugar
D'onde combate se havia de dar,
No tempo e hora que fosse ordenado;
Seria do dia o meio passado,
E além uma hora depois doze dar.

D'hi a pedaço, não muito tardou,
Que logo ao duque recado não veio,
Que estava o campo de mouros tão cheio,
Que dos de cavallo dez mil se apodou :
N'aquelle momento que se isto contou,
Ordena o duque, sem outro debate,
Que uns começassem de dal-o combate,
E elle co'os mais aos mouros passou.

Começou-se a cidade tão bem combater,
Com muito esforço, com tal pressa dar,
Que em pouca de hora se póde bem crer
Dos mouros de dentro seu grande pezar.
A artilharia começa a jogar;
As mantas e bancos não muito tardavão
Ás gentes das portas, que os muros picavão,
Que uns aos outros não davão vagar.

Deu-se o combate, mui duro, mui forte,
Gastando-se o muro por tiros mui grossos,
Tanto que os mouros se tinhão nos mossos,
Julgando que tinhão d'alli peior sorte.
Cid Almanzor alli prendeu morte,
Entr'elles prezado, e senhor de lanças :
Vírão os mouros perder esperanças,
Sem haver entre elles tal que os conforte.

Por morte d'aquelle a todos quebrárão
Seus corações, sua fortaleza ;
E logo em ponto se determinárão
Leixar a cidade, de muita fraqueza.
O duque, esforçado, com grande ardideza
Começa sa gente mui bem d'ordenar ;
Como aquelle que espera de dar
Fim a seu feito com muita proeza.

Forão batalhas mui bem concertadas,
Assim de cavallo, como as de ordenança :
Já tarde partírão, sas forças quebradas.
Os mouros, que vírão aquella mostrança,
Fizerão na volta com muita trigança,
Os quaes grande medo levarem se creia :
Ficámos no campo té noite ser meia,
Sem os do combate fazerem mudança.

Os mouros de dentro, que vírão crescer
Seu mal e seu damno, sem bem esperar,

Com grande temor de vidas perder,
Leixárão cidade, por vidas salvar,
Fugindo sem tento, com tal pressa dar,
Que ao sahir da porta muitos se matavão :
Os pais pelos filhos se não esperavão,
Mulher por marido podia aguardar!

Após meia noite (tres horas serião,
Quando a cidade foi toda vazia);
E um dos judêos que n'ella vivia
Por corda do muro abaixo descia :
Ao senhor duque a nova trazia
Para os d'essa lei seguro pedindo :
Foi-lhe outorgado, as novas ouvindo,
Com outro alvitre, que preço valia.

Sabbado seguinte, oito horas do dia,
Na grande cidade o duque entrou,
Com grande victoria, que mais não podia.
Deos seja louvado, que assim o guiou!
Por toda a terra sa fama soou;
E pôz tal espanto com grande terror,
Por onde Almedina, com muito temor,
De toda sa gente se despovoou.

Foi celebrado o officio divino
Com grã efficacia e grã devoção;
Dando-lhe graças com tal contrição.
Qual merecia o verbo divino.

Oh! summo bem! oh! um Deos, e trino!
Tu que por morte salvar-nos quizeste,
Concede victoria a quem esta déste
De imigos humanos esp'rito malino.

JOAO RODRIGUES DE CASTELLO-BRANCO

—

CANTIGA

PARTINDO-SE.

(107 v.)

Senhora, partem tão tristes
Meus olhos por vós, meu bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguem!

Tão tristes, tão saudosos,
Tão doentes da partida,
Tão cansados, tão chorosos;
Da morte mais desejosos
Cem mil vezes que da vida!
Partem tão tristes os tristes,
Tão fóra d'esperar bem,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns por ninguem!

RUI GONÇALVES DE CASTELLO-BRANCO

—

CANTIGA

(108.)

Que de meus olhos partais,
Em qualquer parte que esteis,
Em meu coração ficais,
E n'elle vos converteis.

Este é o vosso lugar,
Em que mais certa vos vejo;
Porque não quer meu desejo
Que vos d'hi possais mudar!

E por isso que partais
Em qualquer parte que esteis,
Em meu coração ficais
Pois n'elle vos converteis.

DR. FRANCISCO DE SA

—

CANTIGA

(109 v.)

Comigo me desavim :
Vejo-me em grande perigo!
Não posso viver comigo,
Nem posso fugir de mim!

Antes que este mal tivesse
Da outra gente fugia :
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse!

Que cabo espero, ou que fim
D'este cuidado, que sigo,
Pois trago a mim comigo,
Tamanho imigo de mim!

CANTIGA

(109 v.)

Coitado, quem me dará
Novas de mim, onde estou;
Pois dizeis que não sou lá;
E cá comigo não vou!

Todo este tempo, senhora,
Sempre por vós perguntei;
Mas que farei, que já agora
De vós, nem de mim não sei?

Olhe vossa mercè lá
Se me tem; se me matou;
Porque eu vos juro que cá
Morto, nem vivo, não vou!

LUIZ DA SILVEIRA

—

CANTIGA

(128 v.)

Tudo se póde perder;
Nada não póde durar:
E quem n'isto bem cuidar,
Nem folgará com prazer,
Nem sentirá o pezar.

Se fortuna alguem contenta
Com bem, ou mal, que lhe ordena,
Faz-lh'o, porque depois senta
Na mudança maior pena!
Faz o mal pelo fazer;
Faz o bem para o tirar,
E consente no ganhar
Pelo perder!

CANTIGA

(128 v.)

A taes novidades vim
Que eu mesmo me não conheço;
Porque já vi mal sem fim,
Mas nunca o vi sem começo!

E pois este, que me veio,
Começo, nem fim não tem;
Mal esperarei tambem
Que tenha meio!

Este mal só veio a mim!
Eu tambem só o mereço!
Os outros buscão-lhe fim,
E eu busco-lhe começo!

GREGORIO AFFONSO

CRIADO DO BISPO D'EVORA.

ARRENEGOS

(137 v.)

Arrenego de ti, Mafoma,
E de quantos crêm em ti.
Arrenego de quem toma
O alheio para si.
Renego de quantos vi
De quem forão esquecidos.
Arrenego dos perdidos
Por cousas não mui honestas.
Renego tambem das festas
Que trazem pouco proveito.
Arrenego do direito
Que se vende por dinheiro.
Arrenego do palreiro,
E de quem em elle crê.
Arrenego da mercê,
Mais pedida de uma vez.

Arrenego de quem fez
O ruim do bom senhor.
Renego do julgador
Que julga por affeição.
Renego da semrazão,
E de quem por ella usa.
Renego de quem refusa
Fazer bem a quem merece.
Renego do que padece
Sem querer ser confessado.
Arrenego do casado,
Mandado pela mulher.
Arrenego de quem der
A ruins e chocarreiros.
Arrenego dos dinheiros,
E thesouros suterrados.
Renego dos letterados
Que não usão do que lêm.
Arrenego dos que crêm
Nas riquezas d'este mundo.
Arrenego do segundo,
Que viveu com outro homem.
Arrenego dos que comem
O alheio sem pagar.
Arrenego do palrar
E fallar muito sobejo.
Arrenego de quem vejo
Usar sempre do que quer.
Renego de quem disser
Que ha hi algum amigo.

Renego de quem comsigo
Não despende do que tem.
Renego tambem de quem
Favorece o ruim.
Renego tambem de mim
Se creio em vaidades.
Renego das puridades,
Descobertas mais que a um.
Arrenego de jejum
Que se faz por não ter pão.
Arrenego da paixão
Sem nenhuma esperança.
Arrenego do que dansa,
Sem ouvir tanger nem som.
Renego tambem do bom,
Que usa de ruins manhas.
Arrenego das façanhas
Feitas por quem pouco val.
Arrenego do casal
Que nunca está em paz.
Arrenego do rapaz
Que sempre serve chorando.
Vou tambem arrenegando
De mil cousas que não fallo.
Arrenego porque calo
Cousas mais substanciosas.
Arrenego das formosas,
Cujas obras são mui feias.
Arrenego das candeias
Que não dão mui claro lume.

Renego de quem presume,
E mostra mais do que é.
Renego tambem da fé
Dos que não são baptisados.
Renego dos namorados,
Que tendo tempo não pegão.
Arrenego dos que negão
Parentes e natureza.
Arrenego da riqueza
Avara e mal usada.
Arrenego da casada
Que deseja ser solteira.
Arrenego da bandeira
A quem segue pouca gente:
Renego de quem consente
Posturas em sua casa.
Arrenego de quem casa
Com mulher muito garrida.
Renego tambem da vida
Envolta em muitos vicios.
Renego dos beneficios
Havidos com simonia.
Renego da zombaria
Que logo dá na verdade.
Arrenego da cidade
Regida pelos tyrannos.
Renego dos mui mundanos
Depois que já são dos trinta.
Arrenego da infinta,
Não vivendo d'ouro trapo.

Arrenego do máo papo
De ruins mexeriqueiros.
Renego dos lisonjeiros,
E tambem dos mentirosos.
Renego dos cubiçosos,
E dos ricos avarentos.
Arrenego de quinhentos,
Ou de todos os judêos.
Arrenego dos sandêos
Que levão as dos sisudos.
Arrenego dos.........
Dos que sabem que o são.
Renego do capitão
Que sabe pouco da guerra.
Arrenego de quem erra,
E jámais não se emenda.
Renego tambem da renda,
Que é menos que o gasto.
Renego tambem do pasto
Em que não entra bom vinho.
Arrenego do vizinho
Invejoso e sandêo.
Renego tambem do meu
Amigo por interesse.
Arrenego se quizesse
Entender, nem ver mil cousas.
Renego de quantas lousas
Quantas arma o diabo.
Renego do grande rabo
Sem outros alguns honores.

Arrenego dos favores
Com que se pagão serviços.
Arrenego dos chouriços,
E comer feito sem sal.
Renego do official
Que muito folga com peita.
Renego da que se enfeita,
Tendo o marido cego.
Arrenego tambem do prego
Que é mais brando que o páo.
Renego tambem do váo
Como chega á orelha.
Arrenego da conselha
De moços, e pouco lidos.
Renego dos arruidos,
E do homem revoltoso.
Renego de perfioso
Que não sabe o que diz.
Arrenego da perdiz
Depois que passa dos dez.
Renego tambem de Fez
Com toda a sua mourisma.
Arrenego d'esta scisma,
E revolta da igreja.
Renego de quem peleja
E vai contra o padre santo.
Renego de trajo tanto
Quanto vejo deshonesto.
Renego de tanto gesto
Quanto se ora contrafaz.

Renego de quem não traz
O siso em seu lugar.
Arrenego do fallar
Soberbo e descortez.
Renego de quem em tres
Pagas paga o que deve.
Renego de quem já teve,
E depois vem a pedir.
Renego do muito rir,
E de quem chora de cote.
Renego do sacerdote
Que vive como o leigo.
Renego tambem do meigo,
E do homem mui fagueiro.
Renego do cavalleiro
Que não tem bem de comer.
Arrenego do fazer
A lenha em ruim matto.
Arrenego do barato
Que depois se torna caro.
Arrenego do avaro
Que jámais nunca se farta.
Renego do que se aparta
De cumprir a lei divina.
Arrenego da doutrina
De quem é mal doutrinado.
Arrenego do julgado
Que se dá a quem o pede.
Arrenego do que mede
Máos e bons de uma maneira.

Renego da alcoviteira,
E de quem sem causa mente.
Renego de quem não sente
O bem e mal que lhe fazem.
Renego dos que lhe aprazem
Os ruins mais que os bons.
Renego tambem dos tons
Que são falsos, ou são muitos.
Renego tambem dos fruitos
Que provêm da doudice.
Renego da bebedice
E dos que são de mil leis.
Renego tambem dos reis
Pelos tyrannos mandados.
Renego tambem dos dados,
E jogar tanto corrupto.
Renego tambem do.....
Que em mulher nunca entende.
Arrenego de quem vende
A ruim cousa por boa.
Arrenego da pessoa
Que se não lembra da morte.
Renego tambem do forte,
Que quando cumpre é fraco.
Arrenego do velhaco,
E do peco cortezão.
Renego de homem vão,
E dos mui presumptuosos.
Renego dos preciosos,
E dos cheios de perfumes.

Renego de mil costumes,
E de mim, se me contentão.
Renego dos que se assentão
Onde não devem estar.
Renego do passear
De contínuo pela praça.
Arrenego da má graça,
E de quem não tem vergonha.
Arrenego de quem sonha
Sempre em cousas mundanas.
Arrenego das ufanas,
E das que são mui golosas.
Renego das ociosas
Criadas em muitos viços.
Renego de seus feitiços,
E das que têm ruim fama.
Renego da gentil dama
Que quer bem a homem vil.
Arrenego da subtil
E aguda em maldades.
Renego das ruindades,
Quantas sabem ordenar.
Renego de quem gastar
Sua vida após ellas.
Renego tambem d'aquellas
Que tomão muitos amores.
Arrenego dos pastores
Que não olhão por seu gado.
Arrenego do grã estado,
E a renda quasi nada.

Arrenego da pousada
Em que ha mui pouca roupa.
Renego tambem da pouca
Devoção que vejo aqui.
Renego se nunca li
Boas coplas portuguezas.
Arrenego das defesas,
Que, provadas, não absolvem.
Renego dos que revolvem
Criados com seus senhores.
Renego dos servidores
Que não são muito fieis.
Renego dos menestreis
Que não são bem concertados.
Arrenego dos privados
Que conselhão mal seu rei.
Renego tambem da lei
Não usada communmente.
Arrenego do presente
Que suja ambas as mãos.
Arrenego dos irmãos
Que nunca são bem avindos.
Arrenego dos mui lindos,
E dos homens mulherigos.
Arrenego dos inigos
Que jámais nunca ameação.
Renego dos que apração,
E conversão com ruins.
Arrenego dos malsins,
Nem se ha hi já verdade.

Arrenego da bondade
Que traz damno para si.
Arrenego se ha hi
Nenhuma regra nem ordem.
Renego da grã desordem
Que ha nos ecclesiasticos.
Arrenego dos fantasticos
E dos fracos regedores.
Renego dos prégadores
Que mui rijo não reprendem.
Renego dos que defendem
Que se não faça justiça.
Arrenego da preguiça,
E da grande agudeza.
Renego da gentileza
Ondé ha vil condição.
Renego se acharáõ
Official que não roube.
Renego se sei nem soube
Julgador sem duas tachas.
Arrenego das borrachas
Que bebem mais dó que fião.
Renego dos que perfião
Em cousas que não entendem.
Renego se os que prendem
Não devião de ser presos.
Renego dos mui acesos
N'estes amorinhos vãos.
Arrenego dos vilãos
Postos em alguma honra.

Arrenego da deshonra
Que, vingada, não descansa.
Renego da muito mansa,
E tambem da muito brava.
Arrenego da que lava
E enxagua quando chove.
Renego se ha hi prove,
Nem bom homem estimado.
Renego do mui inchado,
E do cheio de vangloria.
Arrenego da memoria,
Não do bom, mas ruim feito.
Renego de quem traz preito,
Com p..... ou poderoso.
Renego do mui iroso,
E de homem muito manso.
Renego se ha descanso
N'este mundo de miseria.
Arrenego da materia
Dos que servem ao demo.
Renego se não me temo
De dizerem que praguejo.
Pelo que com este pejo,
De muitos outros desisto,
Crendo bem na fé de Christo.

JOAO RODRIGUES DE LUCENA

Á SENHORA D. JOANNA DE MENDONÇA

PORQUE LHE MANDOU A RAINHA QUE NÃO SAHISSE UNS DIAS DA POUSADA.

(139.)

Senhora, vivei contente!
Não vos dê nada paixão!
Porque não é sem razão
Que quem prende tanta gente,
Saiba que cousa é prisão.

Porque sabendo a certeza
Do mal que a tantos fazeis,
Não creio que querereis
Usar de tanta crueza
Co'os captivos que prendeis.

Mas cuido que differente
Sois d'esta minha tenção;
E que sendo solta então
Prendereis muita mais gente...
E em mais esquiva prisão!

RESPOSTA D'ULYSSES A PENELOPE

TIRADA DO SABINO, DE LATIM EM LINGUAGEM.

(139 v.)

Tua carta bem notada,
Com piedosas palavras,
A teu Ulysses foi dada,
Assim como desejavas.
E n'ella bem conheci
Tua mão, e entendi
Teu mui fiel coração;
E foi-me consolação
Dos longos males que vi.

Reprendes-me que tardei!
Eu antes queria estar
Contando-te o que passei
Que havêl-o de passar.
A Grecia não me lançou
N'este lugar onde estou,
Com o fingido furor
Que fingi, quando o amor
Em tua terra me achou.

Porque então o não querer
Partir-me de ti tão triste,

Era causa de deter
Minhas velas, como viste.
Que não cure de escrever
Me escreves, mas de fazer,
Por mais asinha chegar,
E os ventos, por m'estorvar,
Fazem todo seu poder.

Já na Troya aborrecida
De vós outras não estou;
Porque já é destruida,
E em cinza se tornou.
Deiphobo, Asio e Heitor,
Que te punhão em temor,
Já é tudo sepultado...
E eu ando desterrado,
Soffrendo tão grande dôr!

De Rheso, por mim estruido,
Rei de Thracia, escapei;
E trouxe d'elle vencido
Os cavallos, que tomei:
E tambem na torre entrei
De Pallas, d'onde roubei
O fatal paladião,
Por onde a destruição
De toda Troya causei.

Nem menos eu fóra estava
Do cavallo de madeira,

Quando Cassandra bradava :
Qeime-se em toda maneira ;
Porque dentro n'elle estão
Muitos Gregos, que darão
Morte a todos os Troyãos ;
E com suas crueis mãos
Cruel guerra lhe farão.

Achilles, que sepultado
Não era como devia,
Em meus hombros foi tornado
A Thetis, como cumpria.
Os Gregos nunca me derão
O louvor que elles devêrão
A mim que tanto acabei ;
Porém as armas levei
D'Achilles que alli perdêrão.

Mas a mim, que me aproveita
Que no mar são subvertidas,
A frota toda desfeita,
Minhas companhas perdidas !
Tudo me fica no mar ;
Mas o amor grande, sem par,
Que te tenho, me seguio :
Emquanto passei se vio
Sem um'hora me deixar.

Nunca a Niseia virgem,
Com seus cães mui cubiçosos,

Nunca Charybdis tambem,
Com seus mares fortunosos,
O puderão quebrantar;
Nem Antiphates mudar;
Nem Parthenope enganosa,
Inda que mui desejosa,
Foi de me fazer ficar.

Nem aquella que tentou
Por magica me deter;
Nem a deosa, que cuidou
Ricas camas me vencer;
Ainda que me promettião,
Ambas ellas, que farião
Que não pudesse morrer,
Se eu quizesse fazer
O que me ellas commettião.

E porém eu, desprezando
Tal mercê, vou para ti,
Tanta fortuna passando,
Quanta por chegar soffri:
E tu por ventura medrosa,
D'outra mulher receiosa,
E não mui segura, lês
Aquesta carta, que vês
Escripta tão saudosa.

Tambem por ventura crês
Que a causa de me deter

Seja Calypso ou Circês,
E isto te faz temer?
Cá a mim me dá tal paixão
Quando Antinoo e Medão,
Polybo leio tambem,
Que o sangue todo se vem
Do corpo ao coração.

Triste de mim! que crerei?
Que estás tu entr'essa gente,
Em convites! eu... que sei
Se te has tu castamente!
Mas tua presença airosa,
Se a sempre vêm chorosa,
Como se namorão d'ella,
E com tão justa querella
Não deixas de ser formosa?

E hei grã temor tambem
Que estás já para casar,
Se a teia, que te detem,
Antes que eu vá, se acabar.
Inda que á noite desteces
Quanto todo o dia teces,
Essa arte te ha de fazer
Acabares de tecer
A teia, se te adormeces.

E se isto se acertar,
Não me fôra a mim mais são

Polyphemo me matar
Na cova com sua mão?
Não fôra eu melhor vencido,
E morto e sepelido
De cavalleiro mui forte
De Thracia, quando por sorte
Era em Ismaro detido?

Não fòra melhor ficar
No inferno, onde me achei,
Para Ditis contentar,
Que escapar, como escapei;
Onde eu embalde vi
A mãi que, quando parti,
Deixei viva, a qual, finada,
Me disse, sem faltar nada,
Quanto em tua carta li?

E disse-me os embaraços
De minha casa... e fugio!
E tendo-a entre meus braços,
Tres vezes se me expedio.
Protesiláo vi estar,
Que quiz antes começar
A guerra, que não temer
Sobre Troya alli morrer,
Podendo-o bem escusar!

Estava bem aventurado
Alli com sua mulher,

Que não quiz elle finado
Mais n'esta vida viver :
E posto que sua vida
Não era toda cumprida,
Quiz morrer com seu marido,
Que morreu de mui ardido,
E ella de mal soffrida.

Vi Agamemnon o forte,
Que me fez muito chorar,
Disforme com nova morte,
Cousa bem para espantar !
E posto que não ficou
Na grã guerra, em que se achou
Junto co'os muros de Troya,
Nem nos mares de Euboya,
Que a seu salvo passou :

Foi porém assim morrer
De muito cruas feridas,
Depois de offerecer
As offertas promettidas :
A qual morte Clitemnestra
Tão cruamente lhe adestra,
Estranhos varões seguindo,
Nova capa lhe vestindo,
Feita com sua mão destra.

Mas que me aproveita ver
A mulher d'Heitor, e irmãs,

Ajuntadas alli ser
Entre as captivas troyãs?
Pois entre ellas escolhi
A Hecuba, porque vi
Que era já velha feita,
Por perderes a suspeita
D'outra mulher, e de mim.

A qual Hecuba agourou
Minhas náos, e as fez tremer;
E em cadella se tornou,
Que a todos ia morder;
E a triste, assim, ladrando,
Suas desditas queixando,
Acabou sua querella,
Feita raviosa cadella,
Nos desertos habitando.

E Thetis, por tal signal,
O manso mar me negou;
E Eolo, por me fazer mal,
Todos seus ventos soltou!
E assim ando desterrado,
Por todo o mundo lançado,
Por onde me quer levar
O vento e o bravo mar,
Que me trazem destroçado.

Mas se Tiresias fôra
Da morte tal agoureiro,

Como o eu acho agora
Em meus males verdadeiro,
Que tudo o que me fingia
Que eu de passar havia
Pela terra e pelo mar,
Já o acho, sem faltar
Nada do que me dizia!...

Pallas se me ajuntou...
Já não sei em que ribeira:
E d'alli sempre me guiou
Com'a boa companheira.
Esta vez foi a primeira,
Que a vi com' estrangeira
Depois de Troya estruida,
A ira diminuida,
Tornada já prazenteira.

Porque, no que commetteu
Diomedes, eu pequei;
E sua ira se estendeu
A tod'los Gregos, que eu sei.
Nem a ti não perdoou
Diomedes, mas causou
Que tu andasses errando,
Ainda que pelejando
Contra Troya te ajudou.

Nem o Teucro que Telamon
Houve da troyã roubada:

Nem o forte Agamemnon,
Capitão da grande armada;
Nem tu, bemaventurado
Meneláo, que foste achado
Com tua mulher no mar,
Sem te poder estorvar
Nenhuma sorte, nem fado.

Porque então, inda que os ventos,
E os mares vos detinhão,
Vossos amores isentos
Nenhum damno recebião:
Que os ventos não estorvavão
Vossos beijos, nem cessavão
Vossos braços d'abraçar,
Inda que no bravo mar
Os fortes ventos sopravão.

E se eu assim estivera
Sempre comtigo no mar,
Tua presença fizera
Tudo sem pena passar.
Mas já meus males estão
Leves em meu coração,
Porque sei que eu, sendo ausente,
É Telemaco presente
Comtigo, pois eu não são.

Do qual me queixo porque
Foi a Pilo e a Sparta,

Por mares que certo é,
Como vi por tua carta,
Não consinto em piedade,
Que com tanta crueldade
De perigos se sustem.
Porque certo não foi bem
Fial-o da tempestade.

Ainda me eu hei de achar,
Porque um propheta m'o disse,
Entre seus braços estar...
Mas isto, quem no já visse!...
E então, quando eu chegar
Tu só me has de abraçar,
E só me has de conhecer :
Aquelle grande prazer
Sabe-o dissimular.

Porque a mim não me convem
Guerrear taes cavalleiros;
Elle m'o disse tambem,
Que assim dizem seus loureiros;
Mas por ventura em comendo,
Ou em estando bebendo
De supito chegarei.
E chegando vingarei
O que elles andão fazendo.

E serão muito espantados
Da não esperada ida

D'Ulysses; e rogo aos fados
Que venha cedo este dia;
O qual fará renovar
O amor, grande, sem par,
Da antiga cama amada;
E então tu, já casada,
Começar-me-has a lograr.

CARTA DE ENONE A PÁRIS

TRASLADADA DO OVIDIO, EM COPLAS.

(140 v.)

Sendo Páris já crescido,
Andando na matta Ida,
Por prove pastor havido,
Enone foi sem sentido
Por elle d'amor perdida;
E pelo pomo dourado,
Que á deosa Venus julgou,
D'ella lhe foi outorgado
Que havia de ser casado
Com Helena, que roubou.

E para haver de cobrar
O que lhe era promettido,
Começou-se a apparelhar,
Para em Grecia navegar,

Depois de ser conhecido :
E foi mui bem hospedado
De el-rei Meneláo, que ordena,
Por lhe fazer gasalhado,
De lhe mostrar seu estado,
E a formosa rainha Helena.

E logo se namorou
Da tão formosa rainha,
E com ella concertou
Como d'alli a levou
Para Troya, onde a tinha :
Mas Enone, mui sentida
De ver-se assim desprezada,
Lhe escreve por despedida
Esta carta tão dorida,
Quasi já desesperada.

ENONE A PÁRIS

Se acabas tu de ler
Esta carta que te mando!
Ou se a nova mulher
T'o não consente fazer,
Já de mim se arreceando!
É porém sem affeição
A lei que n'ella verás,
Que não tem nem lettra não
Escripta com grega mão,
Com que tu não folgarás.

Enone, nympha honrada
Nas troyãs mattas e serras,
Se queixa, de ti aggravada,
Porque era a triste casada
Comtigo, se tu quizeras.
E qual Deos contrariou
A nosso voto e querer?
Ou que peccado peccou
Enone, porque cessou
De ser já tua mulher?

Porque bom é de soffrer
Mal que merecido vem;
Mas pena, sem merecer,
É muito para doer
A quem na sem causa tem.
Inda tu não eras nada,
Nem sómente conhecido,
Quando eu, nympha gerada
Do grã rio, era pagada
De ter-te a ti por marido.

E tu, que agora és tido
Por filho d'el-rei Priamo,
Por servo eras havido,
E servo eras marido
De mim, nympha, porque te amo.
Bem sabes tu que folgámos
Muitas vezes entre o gado,
Cobertos com verdes ramos,

E que juntos nos deitámos
Por aquelle verde prado.

E quantas vezes, jazendo
Em alta cama de feno,
Em baixa casa vivendo,
Nos cobrio neve; e sendo
D'aquisto lembrada peno!
Dize-me, quem te mostrava
Os boscos para caçar?
E em que lugar criava
Seus filhos a besta brava,
Que tu logo ias matar?

Quantas vezes me já achei
Por mattos comtigo, armando,
E quantas vezes andei
Com os cães que eu criei,
Junta comtigo caçando!
Nos freixos inda estará
Meu nome escripto e notado,
E inda se n'elles lerá :
— *Enone!* — nome que está
Com tua fouce cortado.

De um alamo sou acordada,
Que está a par de uma ribeira,
Em o qual está notada
Uma lettra bem lembrada
De mim já na derradeira.

E assim como vão crescendo
Seus troncos grandes, erguidos,
Bem assim o vão fazendo
Meus nomes. I-vos erguendo,
Em meus titulos crescidos.

Alamo, que assentado
Estás n'aquella ribeira,
Vive, pois que tens notado
Em teu tronco enverrugado
Um verso d'esta maneira!
— *Quando Páris já viver*
Sem Enone que recebeu,
Então veremos correr
O rio Xantho, e volver
Para a fonte onde nasceu!

Xantho, volta, volta já,
Correi aguas por detrás,
Páris vive, e viverá
Sem Enone, que chorará
Como tu, rio, verás!
Aquelle dia, cortada
Me trouxe bem máo fadario!
N'aquelle fui eu trocada!
N'aquelle me foi mudada
Minha sorte ao contrario.

Quando as tres deosas vierão,
Juno, Venus e Minerva,

E por juiz te escolhêrão,
Grandes dons te promettêrão
Todas tres nuas na herva;
E então tu, espantado,
Todo te transfiguraste,
De temor todo cercado,
Tremendo, mui demudado...
Lembra-te, que m'o contaste!

Eu, não menos espantada,
Logo me aconselhei;
E é cousa mui provada
Que me foi resposta dada
Com que mui pouco folguei;
Porque com fayas cortadas
Guarneceste grossa armada;
E as náos já acabadas
Forão depressa lançadas
Na brava onda trigada!

Eu te vi, certo, chorar,
Quando te de mim partiste;
Para que é isto negar?
Que mais te deve pesar
Do amor que tu lá viste.
Choraste, e viste chorando
Meus olhos tristes, sentidos;
E ambos lagrimejando
Fomos assim suspirando
Para sempre despedidos.

Em teus braços fui tomada:
E meu pescoço apertado;
Que a vide que está atada,
E nos olmeiros empada,
Não está mais a recado.
Quantas vezes te queixavas,
Que os ventos te detinhão
Com contrarias ondas bravas,
Mas os teus não enganavas,
Porque o contrario sabião!

E tantas vezes tornaste
A me beijar n'aquella hora,
Que escassamente escuitaste
O que beijando estorvaste,
Que foi o ir-vos embora;
E logo foste embarcado;
E as velas todas alçadas;
E com vento arrebatado;
E com o remo apressado
As aguas brancas tornadas.

Os meus olhos te seguião....
Emquanto te pude ver!
As lagrimas, que corrião,
A terra toda cobrião,
Cousa para se não crer!
Com as quaes triste, coitada,
Ás verdes deosas do mar,
Rogava pela tornada,

Para vir em tua armada
Quem me faz desesperar.

Pelos rogos que eu roguei,
Tornaste.... e não para mim!
Triste de mim, que farei,
Que o rogo em que andei
Foi pela comboça emfim!
E estando um dia assentada
Em um monte, que está a par
D'onde bate a onda, que brada,
N'uma serra bem alçada
D'onde se vê todo o mar:

O que eu primeiro vi
Forão velas que chegavão;
Pois primeiro as conheci:
Quizera-me ir para ti,
Mas as ondas me estorvavão;
E estando-te assi aguardando,
Na prôa de ta náo vi
Que luze de quando em quando
Purpura, que em na olhando,
Logo me d'ella temi.

Que tu não acostumavas
Aquelles trajos trazer;
E quanto mais te chegavas,
Tanto mais claro mostravas
Que alli vinha mulher.

Não abastou isto ser:
Mas aguardei um pedaço,
Que não cri, até não ver
A adultera jazer,
Encostada em teu regaço.

Então, chorando, rompi
Todas minhas vestiduras;
Em meus peitos me feri;
Todo meu rosto carpi
Com tamanhas amarguras;
E co'os gritos, que alli dei,
Toda a matta fiz tremer;
As lagrimas que chorei
Á minha casa as levei,
Para com ellas viver.

Assim veja eu Helena,
Já de ti desamparada,
Queixar-se com tanta pena,
Que a que me ella ordena,
Em ella a veja dobrada!
E agora dizem que vem
Por mar tão bravo e crescido
A que diz que te quer bem,
E deixa lá o que tem
Por legitimo marido!

E quando não tinhas nada,
E eras prove pastor,

Enone era casada
Comtigo, e de ti amada
Assim prove lavrador.
Não que me espantem agora
Tuas riquezas.... mas amo!
Nem por ser grande senhora,
Nem por ser chamada nora,
Uma das d'el-rei Priamo.

Que elle deve de folgar
Co'uma nora tal como eu:
Deve-se Hecuba de honrar
De me poder nomear
Por mulher de um filho seu.
Digna são de ser mulher
D'um poderoso varão;
E desejo de o ser;
E tambem saberei ter
Um sceptro na minha mão.

Nem porque me eu deitava
Comtigo, por esse prado,
Não me desprezes... que amava!
Que eu mais digna me achava
Para um leito dourado:
E emfim o meu amor
Mais seguro ha de ser,
Porque nenhum vingador
Te puzera no temor
Que te põe essa mulher.

Que p'ra se Helena cobrar
Arma-se mui grossa armada;
Isto foste lá buscar;
Este dote te hão de dar
Com essa nova casada;
A Heitor, que é teu irmão,
Deves tu de perguntar,
Ou a Deiphebo, que são
Os que te aconselharáõ,
Se lh'a deves de tornar.

E Priamo, e Antenor,
Olha o que te dirão;
Que por idade maior,
É seu conselho melhor
Que o que te est'outros darão.
Que é cousa mui perigosa
Tua terra aventurar:
Tua causa é vergonhosa;
Seu marido tem formosa
Razão para batalhar.

E tu cuidas que has de ter
Fiel amiga em Helena,
Que assim, sem te conhecer,
Se deixou logo vencer
De ti, cuja morte ordena;
E deixou a seu marido,
O menor filho d'Atreu,
Que se queixa, mui sentido,

Da mulher despossuido,
Porque pousada te deu?

Mas se no mundo ha verdade,
Assim te has de tu queixar;
Porque como a castidade
Se quebra, logo a bondade
Não se póde mais cobrar;
Que o bem que te agora quer,
Já o quiz a Meneláo;
E agora o faz jazer
Só na cama; porque crer
Em Helena lhe foi máo.

Oh! tu, bemaventurada
Andromacha, que te tem
Teu marido bem casada!
Porém eu, triste, coitada,
Devêra-o de ser tambem!
Mas tu mais mudavel és
Que as folhas seccas co'o vento:
Alça rijo d'entre os pés;
E logo n'outro revez
As abaixa n'um momento.

És muito menos pesado
Que uma mui secca aresta,
Que com sol amiudado
Se secca sobre um telhado,
Na metade de uma sesta!

Lembra-me que tua irmã
N'outro tempo me bradava
Na grande matta troyã;
E que, com palavra vã,
Assim me prophetisava:

— Que fazes, Enone, que!
Porque semeias na arêa!
Porque lavras, e tens fé
Em campo que certo é
Que nem colherás avêa!
Porque uma bezerra vem
Grega, que nos perderá,
Que a si, e a quem na tem,
E á nossa terra tambem
Tudo nos destruirá?

Oh! Deoses! com vossa mão
Alagai aquella náo!
Fazei que não venha, não.
Oh! quanto sangue troyão
Que traz n'ella aquelle máo!
Isto dito com furor,
Suas damas a tomárão;
Foi tão grande minha dôr,
Que os cabellos com temor
Todos se me arripiárão.

Oh! propheta! n'esta serra
Quão verdadeira te achei!

Vede l'a grega bezerra!
Em meus pascigos e terra;
Dentro n'elles a topei;
Que é adultera provada,
Inda que formosa seja,
De seu hospede roubada,
Sacrifica, e põe obrada
Aos deoses que deseja.

Já outra vez a roubou
De sua terra Theseu;
Certo Theseu a levou,
Se ó nome não me enganou,
Co'o geito que lhe ella deu.
De um tal mancebo crerei
Que assim virgem a tornou?
Por Deos! não o jurarei!
Se perguntas como o sei?
Amar-te m'o revelou.

Se com nome de forçada
A tu queres desculpar,
É desculpa mal cuidada:
Tantas vezes foi roubada!...
Ella se deixa roubar;
E Enone sem sentido
Ficará viuva emfim
Do enganoso marido.
O' Páris, que escarnecido
Bem puderas ser de mim!

Porque um dia eu estava
N'estas mattas escondida,
E grã companha passava
De satyros, que me buscava
Por toda a montanha de Ida;
E Fauno, que vinha armado
Co'um mui agudo pinheiro,
Na cabeça coroado
Com grandes cornos, alçado
Entre os outros o primeiro.

Eu lhe respondi porém:
O grã cercador de Troya
Fielmente me quiz bem:
E dias ha já que tem
De mim a mais rica joia;
E luitando o arrepelei,
Porque me assim perseguia;
Suas faces arranhei:
Porém nunca o apartei
Do desejo que trazia.

Nem por preço do peccado
Não pedi pedras, nem ouro;
Porque malaventurado
É o corpo que é mercado,
Nem vendido por thesouro:
Mas elle, por me pagar
O que assim de mim tomou,
Prouve-lhe de me mostrar

As artes para curar
Que elle primeiro inventou.

E todas as hervas sabidas
As que podem aproveitar
Em todo o mundo nascidas,
N'essa hora me são trazidas
Sem nenhuma me prestar.
Ai mesquinha! que o amor
Com as hervas não se cura:
Porque a mim, que era a maior
N'aquesta arte, a esta dôr
Que farei, que inda me dura?

E Apollo, que esta arte achou,
Não dizem que foi queimado
Do mesmo fogo que eu sou,
E que as vaccas guardou
D'el-rei Admetes no prado?
Bem sei que Deos nem a terra,
Com quantas hervas criar,
Não podem matal-a guerra,
Que minha vida desterra
E tu pódel-a matar!

Tu pódes.... e eu mereço
Que hajas de mim paixão;
Porque eu não te impeço
Com gregas armas, nem peço
Do que te dei galardão!

Mas pois por tua me dou,
E comtigo até aqui
Minha vida se gastou,
Te peço que, emquanto sou
Viva, te lembres de mim!

D. RODRIGO DE MONSANTO

AO CONDE PRIOR

PORQUE ACHÁRÃO N'UM CAMINHO UM SEU MOÇO DE ESPORAS, COM UMA TROUXA DE VESTIDOS ÁS COSTAS.

(166 v.)

A vinte e tres dias do mez de Janeiro,
 Uma sexta-feira,
Aquem das Cabritas, além da Landeira,
 Topámos troteiro.
Topárão troteiro, com cousa tão pouca,
Tão pouca, tão leve, que quem a levava,
Diz que tão leve com ella se achava,
Que dava taes saltos, tão alto pulava,
Mais alto que Saide, bailando com touca.
 Senhor D. João, o vosso troteiro
Chegou ao Barreiro, e logo embarcou :
A barca com elle tão leve se achou,
Por onde o barqueiro levar-lhe escusou
 Da trouxa dinheiro.
Sem vela, sem remo, partio derradeira,
 E chegou primeiro;

. Porque a trouxa de vosso troteiro
A fez mais veleira.

TESTAMENTO DO MACHO RUÇO DE LUIZ EIRE

ESTANDO PARA MORRER.

(167.)

Pois que vejo que Deos quer
D'este mundo me levar,
Quero bem encaminhar
A minha alma.... se puder!
Emquanto estou em meu siso,
A morte dando-me guerra,
Mando a alma ao paraiso,
De si o corpo á terra.

E mando logo primeiro,
Emquanto vivo me sento,
Que d'este meu testamento
Seja meu testamenteiro
Meu irmão, o de Barrocas,
Que eu mais que todos amo,
Por sempre fugir a trocas,
E servir mui bem seu amo.

O qual me fará levar
Com mui grã solemnidade

Ao rocio da Trindade,
U' me mando enterrar;
Pois me d'alli governei
Grã parte de minha vida,
A carne, que levarei,
Alli deve ser comida.

E vão cantando diante
A de Braria e d'Affonso
Um tão solemne responso,
Que todo o mundo se espante.
A estes ambos ajude
O macho de Gomes Borges,
O qual leve o ataúde,
A bitalha, e os alforges.

Rogo aos cortezãos,
Quanto lhes posso rogar,
Que todos me vão honrar
Com seus cirios nas mãos:
E pois erão espantados
De passar vida tão forte,
Devem ser de mim lembrados,
Dando-me honra na morte.

Item, me levem de offerta
Dous ou tres cestos de palha,
Que pois custa nem migalha
Não deve de haver referta.

Tambem me levem um alqueire
De farelos ou cevada;
Pois na vida Luiz Freire
D'isto nunca me deu nada.

Infindos perdões pedi
Ás pousadas ú pousei,
D'alguidares que quebrei,
E gamellas que roí :
E não me devem culpar
De lhe fazer tantos damnos;
Pois que de palha fartar
Nunca me pude em vinte annos.

Item, peço ás verceiras
Muitos.... infindos perdões;
E tambem aos hortelões,
Dos damnos das salgadeiras;
Que a bofé! se me soltava,
Fome tal me combatia,
Que qualquer cousa que achava,
Tudo mui bem me solia.

E que meu amo aggravos
Me désse com amarguras,
Deixo-lhe tres ferraduras,
Que não têm mais de dous cravos :
E pero d'elle me queixo
De males que me tem dados,

Dous ou tres dentes lhe leixo,
Que mande fazer em dados.

Não lhe posso mais leixar,
Que elle nunca mais me deu :
Rogo a Alvaro d'Abreu
Que o queira acompanhar.
Rogo tanto que se doa
D'elle tanto meu irmão,
Que o ponha em Lisboa
A redor de S. Gião.

Sobre minha sepultura,
Depois de ser enterrado,
Se ponha este dictado
Por se ver minha ventura .
— *Aqui jaz o mais leal*
Macho ruço que nasceu!
Aqui jaz quem não comeu
A seu dono um só real!

ANONYMO

—

ESTES SÃO OS PORQUES QUE FORÃO ACHADOS NO PAÇO EM SETUBAL, NO TEMPO D'EL-REI D. JOÃO

SEM SE SABER QUEM OS FEZ.

(174 v.)

Pois que vemos tantos modos
De homens, os quaes não sabemos,
Razão é que perguntemos
O *porque* o fazem todos.

Porque não Villa-real
Come gallinha nem pato?
Porque o prior do Crato
Apanha tanto enxoval?

E porque tão bem guardado
Tem Abranches seu dinheiro?
Porque o mór camareiro
Só trocar é seu cuidado?

Porque ousão de ir ao serão
Saldanha, e Jorge de Mello?
Porque é Affonso Tello
Tão amigo de melão?

E porque tem seu irmão
Emparedada a mulher?
Porque tão mal D. João
Sabe cantar, a meu ver?

Porque traz de cavalleiro
D. Gonçalo presumpção?
Porque Abranches D. João
Se embrida como gaiteiro?

Porque ha por asselado
Lopo da Cunha o que diz?
Porque falla João Moniz
Como homem que anda pasmado?

E porque tão occupado
É na caça D. Rodrigo?
Porque o Lobo, Alvito nado,
Não lhe sabemos amigo?

E porque vida tão vã
Fazem Corrèa e Pereira?
Porque anda João Caldeira
Tão calvo pela manhã?

Porque Tinoco Fernão
D'Inglaterra tão asinha?
Porque Bucar D. João
Tanto olha pela sobrinha?

E porque todo Miranda
Pende á banda dos maiores?
Porque D. Henrique anda
Tão redondo nos amores?

Porque dá nenhuma cousa
Marialva a Castelhanos?
Porque sobre noventa annos
É mundanal Ruy de Souza?

Porque seu filho primeiro
No inverno traz safões?
Porque com tantos botões
Vem D. Duarte ao terreiro?

Porque Nicoláo, seu ponto
Traz em se vender á gente?
Porque louvão tão sem conto
Almeidas qualquer parente?

Porque falla tanto á mesa
Lopo Soares na guerra?
Porque tem tão boa presa
Visen, no ôdre que aferra?

Porque Diogo da Silveira
Requere ser do conselho?
Porque traz Nuno Pereira
Cabelleira, sobre velho?

Porque tanta hypocrisia
Ha em Saldanha Diego?
Porque parece morcego
D. Luiz ao meio-dia?

Porque é D. Luiz Coutinho
Tão leve que anda *nel ayre?*
Porque tantas filhas pare
A mulher de D. Martinho?

Porque Pero de Baião
Diz mal d'Antão de Faria?
Porque Pedro Homem trazia
Tanta cilada em gibão?

Porque não póde a demanda
O Tavares acabar?
Porque Vasco de Miranda
Nunca leixou de furtar?

Porque Jam Lopes Sequeira
Cuida que é tão resabido?
Porque a Francisco Silveira
Nunca se rompeu vestido?

Porque se mostra feroz
Mascarenhas capitão?
Porque Lima D. João
Nunca uma hora come arroz?

Porque o coudel-mór fez
Tanta má trova escrever?
Porque Affonso d'Albuquer
Dá párias a el-rei de Fez?

Porque Henriques D. Henrique
É mais ventoso que Maio?
Porque no campo d'Ourique
Nunca nasceu papagaio?

Porque nunca da ucharia
Ruy Lobo nada dar quer?
Porque traz rabularia
Alvar Lopes de saber?

Porque o Barrocas anda
De tantos lares corrido?
Porque Ayres de Miranda
Cada mez lança um pedido?

Porque tanto casamento
D. Philippa já vio?
Porque de tanto unguento
Teixeira o rosto cobrio?

Porque D. Branca mais
Presume, do que é formosa?
Porque se vem a da Rosa
Ao serão e outras taes?

Porque é Francisca de Souza
Tão cheia de autoridade?
Porque sahe em tanta cousa
D. Urraca ao padre?

Porque tanto arrebique
Isabel Cardosa traz?
Porque é tão máo rapaz
D. Margarida Henrique?

Porque falla todo o dia
Por todos Brites Pereira?
Porque traz D. Maria
S'os braços tal raposeira?

Porque D. Guimareta
Nunca tem o rosto quedo?
Porque não dão co'uma setta
A Jacome de Azevedo?

Co'os *porques* deveis folgar,
Pois que a ninguem empece:
E ria quem se alegrar,
E quem não, vá-se beijar
Onde lhe a pelle fallece.

DIOGO DE MELLO

VINDO D'AZAMOR

ACHANDO SUA DAMA CASADA.

(183.)

Bem te conheço, ventura,
Que me quizeste mostrar
O prazer quão pouco dura
Quando o queres desviar!
E pois isto has de ter
Não te quero agradecer
Algum bem, se m'o fizeste,
Pois havias de fazer
No fim tudo o que quizeste.

Tu quebras as esperanças,
E desfazes fundamento :
Toda és feita em mudanças
Sem deixar contentamento.
Mas quem ventura conhece,
E seus males lhe offerece,
E em seu poder se vê,

Isto, e muito mais, merece,
Quem por ventura se crê.

Coração, se me deixáras
No tempo, que eu quizera,
Não tiveras, nem tivera
Cousas com que me matáras.
Defendes-me, e não te queixas,
Que não diga que me deixas
Tantos males sem razão :
A quem contarei mi's queixas,
Coração, meu coração!

Trago o tempo occupado
Em me ver de tudo fóra;
Mas triste é aquella hora
Quando me lembra o passado.
Lembra-me minha verdade;
E quão pouca lealdade
Amostrou em se casar!
Casada sem piedade,
Vosso amor me ha de matar.

D'este tempo tão mudado
Não me fica em poder
Mais que um triste prazer
Se n'elle tinha passado.
Tenho esperança perdida
Do que a tinha servida,
Que já a não posso cobrar :

Direi mal á minha vida
Cada vez que me alembrar.

Quando me quero lançar,
Tenho-a na fantasia;
E de noite vou sonhar
Com ella que lhe dizia:
Pois fizestes tal mudança,
Sem terdes de mim lembrança,
Acabai-me, minha vida,
Pois não tenho esperança
De jámais ver-vos vencida.

Sempre lhe veja prazer
Como a hora que casou;
E veja nunca lhe ver
Mais que quanto me deixou;
Pois tão triste me deixaste
Com a vida que tomaste,
Emquanto vida tiveres,
Rogo a Deos, pois que casaste,
Que chorando desesperes.

DIOGO VELHO

DA CHANCELLARIA DA CAÇA QUE SE CAÇA EM PORTUGAL

FEITA NO ANNO DE CHRISTO DE 1516.

(201.)

Oh! que caça tão real,
Que se caça em Portugal!

Rica caça, mui real,
Que nunca deve morrer,
P'ra folgar de lhe correr
Toda a gente natural.

Linda caça mui subida
Se descobre em nossa vida,
A qual nunca foi sabida,
Nem seu preço quanto val.

O da grã matta Lisboa,
Onde toda caça vôa!
Arabia, Persia, Gôa,
Tudo cabe em seu curral.

Calecut, e Cananor,
Malaca, Tauris menor,
Adem, Jafo interior,
Todos vêm por um portal.

Talhamar da grã riqueza,
Damasco com fortaleza,
Troyano, Cayro com sa grandeza
Não domárão nunca tal.

O mui sabio Salomão,
Que fez o grande montão,
Teve parte e quinhão,
Mas não todo o cabedal.

Mida Anglia com norte!
E Alexandre tão forte
Não conservou esta sorte
Nem o seu vidro crystal.

Priamo, Juba, Assueiro,
Membrot, Pompêo guerreiro,
Nenhum foi tão sobranceiro,
Nem tão pouco Annibal.

Carina navegador
Navegou com muita dôr;
Nunca foi descobridor
D'este tão rico canal.

Hercules, Cesar, corredores,
Tambem forão caçadores,
E não forão achadores
D'este sceptro tão real.

Cyro, Porsena fronteiro,
Afrons, Jupiter herdeiro,
Nenhum foi tão verdadeiro,
Nem Saturno paternal.

Enéas, Ulysses caminheiro,
Tolomeu, Prinio mensageiro,
Nino, Remulo primeiro,
Gemêrão, sabendo tal.

Machabèo, co'os doze pares,
Com seus deoses e altares,
Não tiverão taes lugares,
Nem tal graça especial.

Ouro, alfojar, pedraria,
Gommas e especiaria,
Toda outra drogaria
Se recolhe em Portugal.

Onças, leões, aliphantes,
Monstros e aves fallantes,
Porcellanas, diamantes,
É já tudo mui geral.

Gentes novas, escondidas
Que nunca forão sabidas,
São a nós tão conhecidas
Como qualquer natural.

Jacobitas, abassynos,
Catayos, ultramarinos,
Buscão godos e latinos
Esta porta principal.

O evangelho de Christo,
Cinco mil leguas visto,
E se crê já lá por isto
O mysterio divinal.

O das grandes carapuças,
Longas pernas, grandes chuças,
Pharisèos, suas aguças,
Nem o Chinches austerial.

Amaro e o ermitão
Em sua contemplação
Leixárão revelação
D'este horto terreal.

Em o anno de quinhentos
E com mil primeiro tentos
Descobrírão os elementos
Esta caça tão real.

Em este segre cintel
Reina el-rei D. Manoel,
Que recolhe em seu annel
Sua divisa e seu signal.

Porque é mui virtuoso,
Excellente e justiçoso,
Deos o fez tão poderoso
Rei de sceptro imperial.

Sua santa parçaria,
Rainha D. Maria,
Estas maravilhas lia
Por esp'rito divinal.

Esta é gentil a Andina
Para cantar com Amina,
Safim, Zamor, Almedina,
Tambem é de Portugal.

Razão é que não nos fique
A alma do infante Henrique,
E que por ella se supplique
Ao nosso deos celestial.

Porque foi desejador,
E o primeiro achador
D'ouro, servos e odor,
E da parte oriental.

O pod'roso rei segundo
João, perfeito, jocundo,
Que seguio este profundo
Caminho tão divinal,

O cabo de Boa Esp'rança
Descobrio com temperança,
Por signal e de mostrança
D'este bem que tanto val.

A madre consolador
De muito bem sustedor,
Em virtudes fundador,
Sua parte tem igual.

D'el-rei D. João parceira
D. Lyanor herdeira,
Natural e verdadeira
Rainha de Portugal.

Emanuel sobrepujante,
Rei perfeito roboante,
Subjugou mais por diante
Toda a parte oriental.

Nunca sejão esquecidos
Seus nomes sempre sabidos,
E de gloria cumpridos
Para sempre eternal.

Aquelle grande prudente
Prophetisou do ponente
E de toda sua gente
Caçar caça tão real.

O grã rei D. Manoel,
Ajebusseu e Ismael,
Tomará e fará fiel
A lei toda universal.

Já os reis do oriente
A este rei tão excellente
Pagão párias e presente
A seu estado triumphal.

Pela grande confiança
Que em Deos tem e esperança
E-lhe dada grã possança
De memoria immortal.

O dos mui lindos buscantes,
Rasteiros e tão voantes
Caçadores rastejantes
Que cação caça real.

São conhecidos de cujos;
São estes lindos sabujos;
É bem criar-lhe os andujos
Para casta natural.

É o tempo achegado
Para Christo ser louvado;
Cada um tome cuidado
D'este bem que tanto val.

As novas cousas presentes
São a nós tão evidentes
Como nunca outras gentes
Jámais vírão mundo tal.

É já tudo descoberto,
O mui longe nos é perto;
Os vindouros têm já certo
O thesouro terreal.

HENRIQUE DA MOTTA

GLOSA A ESTE MOTE QUE FEZ EM QUE NÃO ESTÃO MAIS NEM MENOS LETTRAS DO QUE AS DO NOME DE ANTONIA VIEIRA

JÁ VICTORIA NAO É.

(202.)

Matar um homem vencido,
Preso sobre sua fé...
Já victoria não é.

Matardes-me vós, senhora,
Pelo meu, não me dá nada;
Mas por vós que sois culpada
Em matar quem vos adora.
E que me matais agora,
Pois não matais minha fé,
Já victoria não é.

Que victoria levareis
Matar um vosso captivo,
Pois confesso que não vivo

Senão quanto vós quereis.
E posto que me mateis,
Sem vos lembrar minha fé,
Já victoria não é.

A UM CLERIGO

SOBRE UMA PIPA DE VINHO QUE SE LHE FOI PELO CHÃO, E LAMENTAVA-O D'ESTA MANEIRA.

(205.)

Ai! ai! ai! ai! que farei!
Ai que dôres me cercárão!
Ai que novas me chegárão!
Ai de mim, onde me irei!
Que farei, triste, mesquinho,
Com paixão!
Tudo leva máo caminho,
Pois que vai todo meu vinho
Pelo chão!

Ó vinho! quem te perdêra
Primeiro que te comprára!
Oh! quem nunca te provára,
Ou, provando-te, morrêra!
Oh! quem nunca fôra nado
N'este mundo!
Pois vejo tão mallogrado
Um tal bem tão estimado,
Tão profundo!

Ó meu bem, tão escolhido,
Que farei em vossa ausencia!
Não posso ter paciencia
Por vos ver assim perdido.
Oh! pipa tão mal fundada
　　Desditosa,
De fogo sejas queimada,
Por teres tão mal guardada
　　Esta rosa.

Ó arcos, porque chuxastes!
Ó vimes de maldição,
Porque não tivestes mão
Assim como me ficastes?
Ó máo, vilão tanoeiro
　　Desalmado,
Tu tens a culpa primeiro,
Pois levaste o meu dinheiro
　　Mal levado.

FALLA COM A SUA NEGRA

— Ó perra de Manicongo,
Tu entornaste este vinho:
Uma posta de toucinho
Te hei de gastar n'esse lombo.
— A mim! nunca, nunca, mim
　　Entornar!
Mim andar augua jardim;
A mim nunca sar ruim
　　Porque bradar.

— Se não fosse por alguem,
Perra, eu te certifico
Bradar com almexerico
Alvaro Lopo tambem.
— Vós logo todos chamar,
    Vós beber,
Vós pipo nunca tapar.
Vós a mim quero pinguar!...
    Mim morrer!

— Ora, perra, cal'te já,
Senão matar-te-hei agora.
— Aqui sar juiz no fóra
A mim logo vai té lá.
Mim tambem fallar mourinho
    Sacrivão :
Mim nã medo no toucinho :
Guardar nã ser mais que vinho
    Creligão.

— Ora te dou ao diabo!
Rogo-te já que te cales,
Que bem me abastão meus males
Que me vêm de cada cabo...
Olhai a perra o que diz
    Que fará!
Irá dizer ao juiz
O que fiz, e o que não fiz,
    E crêl-a-ha!

E pois ella é tão ruim,
Bem será que me perceba;
Dirá que é minha manceba
Para se vingar de mim.
Então em provas, não provas,
 Gastarei;
Irão dar de mim más novas,
E farão sobre mim trovas...
 Que farei?

O siso será calar
Para não buscar desculpa;
Pois a negra não tem culpa,
Para que lh'a quero dar?
Eu são aqui o culpado
 E outrem não;
Eu são o damnificado:
E eu são o magoado,
 Eu o são.

Que negra entrada de Março
Se todo vai por est'arte!
E as terças d'outra parte
Hão-me de dar um camarço.
Ó vós outros que passais
 Pelas vinhas,
Respondei! (assim vivais),
Se vistes dôres iguaes
 Co'as minhas.

Pois não tenho aqui parentes,
Saltem vos, amici mei,
Chorareis como chorei.

Chorareis a minha pipa;
Chorareis o anno caro;
Chorareis o desamparo
Do meu bem de Caparica:
E pois tanta dôr me fica,
Saltem vos, amici mei,
Chorareis, como chorei.

FALLA COM O VIGARIO

Ó gordo padre vigario,
Vós que sabeis que dôr é,
Ajudai por vossa fé
A chorar este fadario;
Se perdêra o breviario,
Nem a capa que comprei,
Não chorára o que chorei.

RESPONDE O VIGARIO

Ó irmão! muito perdeste,
E, segundo em mim sento,
Não tivera atrevimento
De soffrer o que soffreste.
É um tão grande mal este
Que, com dó que de ti hei,
Para sempre chorarei.

FALLA COM ALVARO LOPES

Ó Alvaro, irmão amigo,
Vêl-o jaz aqui no chão!
Pois perdeste teu quinhão,
Vem e chorarás comigo.
Certamente eu te digo
Que quando morreu el-rei,
Por Deos, tanto não chorei.

RESPOSTA D'ALVARO LOPES

Melhor me fôra perder
Dez mil vezes meu officio,
Ou um grande beneficio,
Que tanta pena soffrer.
Pois não temos que beber,
Ó irmão, onde m'irei?
Pois que choras, chorarei.

FALLA COM O ALMOXARIFE

Ó almoxarife irmão!
Levantemos esta pipa,
E veremos se lhe fica
Ainda algum membro são.
Mas eu tenho tal paixão
Do triste, que não logrei,
Que por sempre chorarei.

RESPONDE O ALMOXARIFE

Pois que não tem alma já,
Para que é a levantada?
Mas muito peior será
Que dizem que ficará
Esta casa violada.
A confraria é damnada!
Ó irmão, que te farei?
Se chorares, chorarei.

FALLA COM O JUIZ DOS ORPHÃOS

Vós, que tendes jurdição
N'aquelles que não têm pai,
Vinde, vinde aqui, chorai,
Que eu tambem orphão são.
E que vossa condição
Seja d'agua, como sei,
Chorareis, como chorei.

RESPOSTA DO JUIZ DOS ORPHÃOS

Esforçai! não vos mateis!
Perto é d'aqui a Agosto.
A negra fica comvosco,
Com que vos confortareis.
Do perdido não cureis,
Nem chameis aqui d'el-rei,
E eu vos consolarei.

FIM DA LAMENTAÇÃO DO CLERIGO

Todo o genero honrado,
Em que virtude consiste,
Ajudai chorar o triste,
Que jaz aqui entornado!
E pois eu, por meu peccado,
Para tanto mal fiquei,
Para sempre chorarei.

TROVAS A UMA MULA MUITO MAGRA E VELHA

QUE VIO ESTAR NO BOMBARRAL, Á PORTA DE D. DIOGO, FILHO DO MARQUEZ, E ERA DE D. HENRIQUE, SEU IRMÃO, QUE IA EM ROMARIA A NOSSA SENHORA DA NAZARETH; LEVAVA N'ELLA UM SEU AMO.

(206 v.)

D'onde sois, senhora mula,
Que assi stais desmazelada?
Vós no peccado da gula
Não deveis de ser culpada.
Segundo estais delicada
    Juraria
Que sereis acostumada
A comer pouca cevada
    Cada dia!

Vós por vossa grã magreira
Não deveis ter dôr de baço:

Já deveis deixar o paço,
Pois vos dão tão má conteira.
Que eu não sinto quem vos queira;
Porém sei
Quando foi da alfarrobeira,
Que andaveis na dianteira
Co'os d'el-rei.

D'essa vossa guarnição
Bem sei que vos contentais;
D'outra parte é razão
Pois que tem tantos metaes:
Ouro, prata, estanho, e mais
Tem verniz:
Latão, cobre, não deixais;
Pareceis hi onde estais
Uma boiz.

Se fôrdes á Nazaré
Alli é vosso fartar:
Oh! que grã doçura é
Arêa e agua do mar!
Se vos Deos bem ajudar
N'esta jornada,
Quero-vos prophetisar
Que haveis lá de ficar
Estirada.

Vós pareceis um diabo
Senão quanto sois mais feia:

Por mais que bulais co'o rabo
Haveis de ter bem má cèa.
Tendes feição de lamprèa
Na longura :
Da barriga pouco cheia,
Ó Jesú, que má estreia!
Que tristura!

A MULA

A bofé, bem vos metteis
Sem saber com quem fallais!
E de mais, se vós cuidais
Que fallais com quem soeis!
Vós de mim zombar quereis
Assaz de mal,
Que fui do senhor marquez;
E já reis vi morrer tres
Em Portugal.

— O que dizeis é assi?
Dizei; assim vos Deos farte!
— No tempo d'el-rei Duarte
Vos affirmo que nasci;
E já quatro reis servi
Portuguezes;
E com quanto mal soffri,
Nunca de casa sahi
Dos marquezes.

— Pois com quem viveis agora,
Que vos tem tão mal tratada?
— Traz-me um homem emprestada
De quem seja cedo fóra.
— Não me direis onde mora?
    — Se ousasse...
Mas traz uma tal espora,
Qu'iria lá na má hora,
    Se fallasse.

— No tempo dos caramelos,
Que comeis? — Que Deos vos valha!
Uma quarta de farelos,
Uma joeira de palha.
— Não comeis outra bitalha?
    — Assi gosedes!
Não como mais ni migalha.
— Dar-vos-ha fome batalha!
    — J'ora vedes.

— Ora bem, e no beber
Assim vos põe provisão?
— Quanto a d'isso fartação,
Não ha hi al que dizer.
Se me dessem de comer
    D'essa maneira,
Bem podia gorda ser,
Não me veria morrer
    De laseira.

— Tende-los ossos mui altos,
E a carne mui sumida,
Andais bem fóra dos saltos,
Sois de quadris bem fornida.
— Por hi vereis vós a vida
    Que eu passo,
E por ser mais destruida,
Vou com um homem n'esta ida
    Mui escasso.

— Ora bem, esse vosso amo
Não direis como se chama?
— É o amo que eu desamo,
Que a mim bem pouco ama.
Não hei de calar sa fama,
    Que me esfole!
Mas se agora houvesse lama,
Se lhe eu não fizesse a cama
    Na mais molle!

GARCIA DE REZENDE

TROVAS Á MORTE DE D. IGNEZ DE CASTRO

QUE EL-REI D. AFFONSO O QUARTO, DE PORTUGAL, MATOU EM COIMBRA, POR O PRINCIPE D. PEDRO, SEU FILHO, A TER COMO MULHER, E, PELO BEM QUE LHE QUERIA, NAO QUERIA CASAR.

(221.)

ENDEREÇADAS ÁS DAMAS

Senhoras, se algum senhor
Vos quizer bem, ou servir,
Quem tomar tal servidor,
Eu lhe quero descobrir
O galardão do amor.
Por sua mercê saber
O que deve de fazer,
Veja o que fez esta dama
Que de si vos dará fama,
Se estas trovas quereis ler.

FALLA D. IGNEZ

Qual será o coração
Tão crú e sem piedade,

Que lhe não cause paixão
Uma tão grã crueldade,
E morte tão sem razão!
Triste de mim, innocente,
Que por ter muito fervente
Lealdade, fé, amor
Ao principe, meu senhor,
Me matárão cruamente.

A minha desaventura,
Não contente de acabar-me,
Por me dar maior tristura,
Me foi pôr em tanta altura,
Para d'alto derribar-me.
Que se me matára alguem,
Antes de ter tanto bem,
Em taes chammas não ardêra:
Pai, filhos não conhecêra,
Nem me chorára ninguem.

Eu era moça, menina,
Por nome D. Ignez
De Castro, e de tal doutrina
E virtudes, que era dina
De meu mal ser ao revez.
Vivia sem me lembrar,
Que paixão podia dar,
Nem dal-a ninguem a mim.
Foi-me o principe olhar,
Por seu nojo e minha fim.

Começou-me a desejar;
Trabalhou por me servir;
Fortuna foi ordenar
Dous corações conformar
A uma vontade vir.
Conheceu-me! conheci-o!
Quiz-me bem! e eu a elle!
Perdeu-me! tambem perdi-o!
Nunca té morte foi frio
O bem que, triste, puz n'elle.

Dei-lhe minha liberdade;
Não senti perda de fama;
Puz n'elle minha verdade;
Quiz fazer sua vontade,
Sendo mui formosa dama.
Por me estas obras pagar,
Nunca jámais quiz casar;
Pelo qual aconselhado
Foi el-rei, que era forçado,
Pelo seu de me matar.

Estava mui acatada;
Como princeza servida;
Em meus paços mui honrada,
De tudo mui abastada;
De meu senhor mui querida.
Estando mui devagar,
Bem fóra de tal cuidar,
Em Coimbra d'asecègo,

Pelos campos do Mondego
Cavalleiros vi somar.

Como as cousas que hão de ser
Logo dão no coração,
Comecei entristecer
E comigo só dizer:
Estes homens d'onde irão!
E tanto que perguntei,
Soube logo que era el-rei.
Quando o vi tão apressado,
Meu coração trespassado
Foi, que nunca mais fallei.

E quando vi que descia,
Sahi á porta da sala,
Divinhando o que queria,
Com grã choro e cortezia
Lhe fiz uma triste falla.
Meus filhos puz de redor
De mim, com grã humildade,
Mui cortada de temor
Lhe disse: « Havei, senhor,
D'esta triste piedade!

« Não possa mais a paixão
Que o que deveis fazer!
Mettei n'isso bem a mão,
Que é de fraco coração
Sem *porque* matar mulher,

Quanto mais a mim, que dão
Culpa, não sendo razão,
Por ser mãi dos innocentes,
Que ante vós estão presentes,
Os quaes vossos netos são.

« E têm tão pouca idade,
Que se não fôrem criados
De mim, só, com saudade,
E sua grã orphandade,
Morrerão desamparados.
Olhai bem quanta crueza
Fará n'isto vossa alteza;
E tambem, senhor, olhai,
Pois do principe sois pai,
Não lhe deis tanta tristeza.

« Lembre-vos o grande amor,
Que me vosso filho tem,
E que sentirá grã dôr
Morrer-lhe tal servidor,
Por lhe querer grande bem;
Que se algum erro fizera
Fôra bem que padecêra,
E que estes filhos ficárão
Orphãos tristes, e buscárão
Quem d'elles paixão houvera.

« Mas pois eu nunca errei,
E sempre mereci mais,

Deveis, poderoso rei,
Não quebrantar vossa lei,
Que, se morro, quebrantais.
Usai mais de piedade
Que de rigor nem vontade!
Havei dó, senhor, de mim,
Não me deis tão triste fim,
Pois que nunca fiz maldade. »

El-rei, vendo como estava,
Houve de mim compaixão;
E vio, o que não olhava,
Que eu a elle não errava,
Nem fizera traição.
E, vendo quão de verdade
Tive amor e lealdade
Ao principe, cuja são,
Pôde mais a piedade
Que a determinação.

Que se me elle defendêra,
Que a seu filho não amasse,
E lhe eu não obedecêra,
Então com razão pudera
Dar-me a morte, que ordenasse.
Mas, vendo que nenhuma hora
Dès que nasci até agora,
Nunca n'isso me fallou,
Quando se d'isto lembrou
Foi-se pela porta fóra,

Com seu rosto lagrimoso,
Co'o proposito mudado,
Muito triste, mui cuidoso,
Como rei mui piedoso,
Mui christão, e esforçado.
Um d'aquelles que trazia
Comsigo na companhia,
Cavalleiro desalmado,
Detrás d'elle, mui irado,
Estas palavras dizia :

« Senhor, vossa piedade
É digna de reprender,
Pois que, sem necessidade,
Mudárão vossa vontade
Lagrimas de uma mulher.
E quereis que abarregado,
Com filhos, como casado,
Estê, senhor, vosso filho?
De vós mais me maravilho,
Que d'elle que é namorado.

« Se a logo não matais,
Não sereis nunca temido,
Nem farão o que mandais,
Pois tão cedo vos mudais
Do conselho que era havido.
Olhai quão justa querella
Tendes pois por amor d'ella!
Vosso filho quer estar

Sem casar, e nos quer dar
Muita guerra com Castella.

« Com sua morte escusareis
Muitas mortes, muitos damnos;
Vós, senhor, descansareis,
E a vós e a nós dareis
Paz para duzentos annos.
O principe casará,
Filhos de benção terá,
Será fóra de peccado;
Que agora seja anojado
Amanhã lhe esquecerá. »

E ouvindo seu dizer
El-rei ficou mui turvado,
Por se em taes extremos ver,
E que havia de fazer
Ou um, ou outro... forçado.
Desejava dar-me vida
Por lhe não ter merecida
A morte nem nenhum mal;
Sentia pena mortal
Por ter feito tal partida.

E vendo que se lhe dava
A elle toda esta culpa,
E que tanto o apertava,
Disse áquelle que bradava:
« Minha tenção me desculpa:

Se o vós quereis fazer,
Fazei-o sem m'o dizer,
Que eu n'isso não mando nada.
Nem vejo essa coitada
Porque deva de morrer. »

Dous cavalleiros irosos,
Que taes palavras lhe ouvírão,
Mui crús e não piedosos,
Perversos, desamorosos,
Contra mim rijo se virão!
Com as espadas na mão
Me atravessão o coração!
A confissão me tolhêrão!
Este é o galardão
Que meus amores me derão.

A RUY DE FIGUEIREDO

ESTANDO DETERMINADO PARA SE METTER FRADE.

(224.)

Pois trocais a liberdade
Por viver sempre sujeito,
Sem haverdes saudade
Dos amigos de verdade
Vossos sem nenhum respeito,
Se estais, senhor, de partida
Para entrar em nova vida,
Tomai isto que vos digo

Como de um vosso amigo
Grande e fóra de medida.

Se determinais vestir
Habito, com seu cordão,
Não haveis nunca de rir
No mosteiro, nem bolir,
Que é signal de devão.
Diurnal e breviario,
Contas pretas e rosario,
Trazei de cote na mão,
Sem rezardes oração
A santo do calendario.

S'hi houver disciplinar
I' com grande devoção,
E depois da casa estar
Ás escuras, açoutar
Rijo, mas seja no chão.
A miudo suspirar,
Que todos possão cuidar
Que é de muito marteirado;
Assim estareis poupado,
Sem vos da regra tirar.

Haveis sempre de mostrar
Que andais mui mal disposto,
Por do côro escapar,
Que é grã trabalho rezar
A quem n'isso não tem gosto;

E á mesa jejuar,
Que façais todos pasmar;
Mas tereis em vossa cella
Mantimento sempre n'ella,
Com que possais jarrear.

Tereis, de sob o colchão,
Gibão e calças de malha,
Casco, luvas, burquelão,
Punhal e espadarrão,
Chuça e uma navalha,
Escada de corda boa,
Que suba e desça a pessoa,
Segura de não quebrar:
Cabelleira não errar
Para cobrir a corôa.

Como se a lua puzer
Sahireis d'esse fadario,
Vestido como faz mister,
Porque então haveis de ler
Pelo vosso calendario.
Por segurar o caminho
Sêde amigo do meirinho,
E do alcaide tambem,
Que não queirão por ninguem
Tomar-vos no vosso ninho.

Pobreza e castidade,
E tambem obediencia

Dareis á communidade;
Mas não tereis caridade,
Verdade nem paciencia.
Trabalhai muito por ir
De casa em casa pedir,
Co'os olhos postos por terra,
Porque assim se faz a guerra
Melhor que com bom servir.

Para melhor vos salvar,
Sède mui mexeriqueiro;
De uns e de outros murmurar,
E o guardião louvar
Em tudo mui por inteiro.
Fallai manso e devagar,
E se houverdes de rezar,
Seja alto e de má mente;
E fazei-vos mui sciente,
Por mulheres confessar.

Se vos mandarem cavar,
Aguar arvores ou varrer,
Ser forneiro ou cozinhar,
Ou os habitos lavar,
Começai logo gemer,
E dizei: « Padre, eu são
De tão fraca compleição,
Que não digo trabalhar,
Mas se um pouco me abaixar,[1]
Cahirei morto no chão. »

Isto podereis fazer;
Mas o bom que a vida tem
Não o haveis vós de soffrer:
Por isso antes de ser
Frade, conselhai-vos bem;
Porque quanto bem merece,
Pela vida que padece,
O bom frade virtuoso,
Tanto o máo religioso
Torna atrás e desmerece.

QUARENTA E OITO TROVAS, POR MANDADO D'EL-REI NOSSO SENHOR

PARA UM JOGO DE CARTAS SE JOGAR, NO SERÃO, D'ESTA MANEIRA:

Em cada carta, sua trova escripta, e são vinte e quatro de damas e vinte e quatro de homens; doze de louvor e doze de deslouvor; e, baralhadas todas, hão de tirar uma carta, em nome de Fuã ou Fuão, e então lêl-a alto; e quem acertar o louvor, irá bem, e quem tomar a de mal, riráõ d'elle. Começão logo os louvores das damas, os quaes fez todos á Sra. D. Joanna de Mendonça. (Ultima.)

DE LOUVOR ÁS DAMAS

Não sei que possa dizer
Por vós, que seja louvor!
Que se tão ousado fôr,
Perderei o entender.
Quando quero começar
É cousa que não tem cabo:
Antes me quero calar
Que cuidarem que vos gabo.

Formosura tão sobeja
Vos deu Deos, cá entre nós,
Que não sei quem vos bem veja,
Que se não perca por vós.
Que nos deis sempre cuidado,
Que nos mateis cada hora,
Antes de vós desamado
Que amado de outra senhora.

Pois sois sem comparação
De todas quantas nascèrão,
Os que por vós se perdèrão
Bem se perdem com razão.
E pois nunca vimos tal,
Nem creio que vio ninguem
Que façais a todos mal...
Eu digo que fazeis bem.

Tendes tanta gentileza,
Tanto ar na falla e rir,
Que quem vos, senhora, vir,
Nunca sentirá tristeza.
Fostes no mundo nascida
Com graças tão escolhidas,
Que só por vos ter servida
Daria duas mil vidas.

Vossas grandes perfeições,
Manhas, e desenvolturas,

Tirão todas as tristuras,
Que achão nos corações.
Vossas penas são prazer,
Vossos cuidados victoria,
Vosso mal é bemfazer,
E vosso esquecer memoria.

Quem vos não vio não tem vida;
Quem vos não servio, senhora,
Póde contar por perdida
Toda sa vida tégora;
E quem vir tal formosura,
Seja certo que ha de ter,
Emquanto viver, tristura,
Juntos pezar e prazer.

Do que vós tendes de mais
Podeis dar a todas parte,
E em vós ficar que farte,
Sem fallecer o que dais.
Que todas queirão tomar
Manhas, graça e parecer
De vós, não póde minguar
Quanto n'ellas mais crescer.

Dama de tal formosura,
Dama de tal merecer,
O que vive sem vos ver
Não teve boa ventura.

Para que é vida sem vós?
Nem se póde chamar vida;
E se não foreis nascida,
Porque nasceramos nós?

Quem vio nunca tal senhora?
Quem vio nunca tal mulher,
Que póde dar, se quizer,
A morte e vida n'uma hora!
Certo não dirá ninguem,
Que se vio tal creatura,
Nem que tal desenvoltura
Donzella teve, nem tem.

Sois tão linda, tão airosa,
Que muitos matais por fama;
Ante vós nenhuma dama
Não se chamará formosa,
Porque quantas damas são
Juntas só n'uma figura,
Não terá comparação
Ante vossa formosura.

Se no mundo se perdesse
Quanto se póde cuidar,
Tudo vós pudereis dar,
Sem que nada fallecesse;
Porque o que em vós sobeja
É tanto, que abastaria

A mil mundos, e teria
Cada uma o que deseja.

Em saber e discrição,
Em virtudes e bondade,
E em toda perfeição,
Tendes primor na verdade.
Sois tambem mui piedosa,
Amiga de todo o bem,
Sobretudo a mais formosa
Do que ouvio nem vio ninguem.

DE DESLOUVOR DAS DAMAS

Vós não sois muito manhosa,
Nem matais ninguem de amores;
Sois mais feia que formosa,
Tendes poucos servidores;
E o que tão enganado
Fôr, que lhe pareçais bem,
Ha mister desenganado
De vós mesma, ou d'alguem.

Na dansa sois mui atada,
No baile pouco geitosa,
Em passear desairosa,
Em fallar desengraçada.
Sois um pouco já taluda
De tempo para casar,
E não sois muito aguda
Em escrever nem fallar.

Pois que por galantaria
Nunca haveis de ser condessa,
O meu conselho seria
Trabalhar por abbadessa.
Servireis Nosso Senhor,
Tereis certo de comer;
Se quizerdes servidor
Não ha lá de fallecer.

Pareceis mal ém janella,
Em serão muito peior;
Sois mais fria e semsabor
Do que nunca vi donzella.
Vós fareis bem de ensinar
As damas moças a ler,
Não a vestir nem fallar,
Pois o não sabeis fazer.

Vós não sois para senhora,
Nem menos para terceira;
Se me crerdes desde agora
Pareceis já mal, solteira.
E pois manhas para dama
Não tendes, nem parecer,
Casai-vos, e póde ser
Que ainda sereis ama.

Se de alguem, por amizade,
Vós fosseis desenganada,

E vos fallasse a verdade,
Estarieis na pousada.
Para vós não é serão,
Dansa nem baile mourisco:
Em feia, pondes o risco
Mais alta que quantas são.

Em fallar sois enxabida,
E em rir desengraçada;
Sois mui pouco entremettida,
Em responder mui pejada.
Sois tambem desensoada
Para dansar turdião;
Quiçá se foreis vesada,
Bailareis baile vilão.

Não vos acho nenhum geito
Para nos matar d'amores:
O corpo não é bem feito,
As manhas são semsabores.
Não sois das mais estimadas,
Nem menos das mais sabidas,
Que muitas são as chamadas,
E poucas as escolhidas!

Nos, senhora, perdoai
Se mal digo, se mal faço
Em dizer que vosso pai
Fez mal trazer-vos ao paço:

Antes fôra bom conselho
Metter-vos no Salvador,
Ou casar-vos co'um doutor,
Ainda que fôra velho.

Fallais com pedras na mão
Como que foreis formosa!
E sois mui presumptuosa,
Sobre ter má condição!
Não sois muito bem disposta,
Nem pareceis muito bem:
Se comvosco falla alguem
A todos dais má resposta.

Senhora, de meu conselho,
Por viverdes descansada,
Guardai-vos de ter espelho,
Nem vos entre na pousada;
Que se virdes o que vemos
Direis que temos razão
De rirmos, e de dizermos
Que tendes mui má feição.

Sois muito má de servir,
E sois sempre ravinhosa;
Não quereis ver nem ouvir;
Tambem tocais de raivosa.
Sois soberba, sois infinta;
Sois muito forte mulher:

Se eu tomar papel e tinta,
Muito mais hei de escrever.

LOUVOR DOS HOMENS

São tão gentil cortezão,
Que se as cãs me não vierão,
As damas todas souberão
Que dou mate a quantos são.
Não curo de vaidade,
Pico-me de gracioso;
Tambem de fallar verdade
Ás vezes são comichoso.

São mui negociador;
Fallo sempre á puridade;
Tenho muita gravidade;
Logo pareço senhor.
São sisudo e avisado,
E são grã visitador
D'officiaes, ou privado
Tambem de qualquer doutor.

São mui brando e temperado;
E por meus amigos faço:
Ando mui acompanhado
Da pousada até ao paço.
A todos respondo bem;
São grande motejador;
E está-me bem bedem,
Não sendo cavalgador.

Entre todos cortezãos
Me hão de enxergar, e ouvir :
Sei bem as damas servir;
Bulo sempre com as mãos.
São subtil, brando, e delgado,
Mais universal que todos;
E sobre isso tão honrado
Que dou tres figas aos godos.

São mui solto no fallar;
Fallo tudo quanto quero;
Não me dá nada de dar
Más respostas, e ser fero.
Sou na dansa mui airoso,
E bom musico tambem;
E tambem são gracioso
Mas é á custa d'alguem.

Que me vós vejais calar,
Eu trago muito bom jogo;
Ando tão perto do fogo,
Que me hei n'elle de queimar;
E por ser muito discreto
Me fazem tantos favores :
Vai-me sempre bem d'amores,
Porque me têm por secreto.

Eu são muito entremettido
Com as damas e senhores;

E com todos mui valido.
E ando sempre d'amores;
Trago as damas em revolta;
Não me sabem entender;
E á que é mais desenvolta,
A essa dou mais que fazer.

Eu são mui gentil galante,
De idade para o conselho,
E que seja um pouco velho
São nos amores constante;
E são mui bom caçador
De toda sorte de caça:
Sei bem rir a uma graça;
Sobre isso bom dansador.

São bem disposto, e formoso;
E que seja um pouco frio,
São em tudo mui manhoso,
E em mim muito confio.
São das damas servidor;
Em muitas cousas sabido:
Danso bem, são trovador,
E mais são muito provido.

Eu prezo-me d'escrever,
E dar conselhos n'uns motos:
Sei bem cantar, e tanger:
Alguns são em mim devotos;

E são prezado das damas,
Estimado dos senhores;
E com todos meus favores
Não lhes tiro suas famas.

Eu são muito d'estimar,
E assim são estimado,
Porque sei bem apodar,
E tambem ser apodado.
Eu são muito gracioso,
Despejado no terreiro;
Quero-me fazer pomposo,
Nunca fallo em escudeiro.

Eu sei bem fallar trocado,
E dar d'olho aos de redor:
Presumo de andar dobrado,
Fallo cousas de primor:
São d'est'arte zombador,
E não me acode ninguem;
São longe de semsabor,
Folgo de parecer bem.

DE DESLOUVOR

Vós não no tomais por vós;
Mas vós sois tão desairoso,
Que fareis qualquer de nós
De semsabor gracioso.
De mula, e de cavallo
No terreiro, e no serão,

Sois tão fóra de feição,
Que eu já não posso calal-o.

Vós me entendeis bem, senhor,
Quando vestis a lubeta,
Que pareceis provisor,
Cavalgador da gineta.
Sois um pouco desasado,
E não muito desenvolto;
Em manhas não muito solto:
Em dar que rir avesado.

Vossos dias já passárão,
Logo pareceis passado:
Sois das damas engeitado,
E nunca vos engeitárão.
Sois mais pai que servidor,
Sois mais avô que galante,
Por isso dès hoje avante
Deixai as damas, senhor.

Vós andais arrepiado:
Nem sabemos se é de frio;
E sois já tão engelhado
Que ás damas fazeis fastio.
Se o causa Almeirim,
Ou estes frios d'agora,
Por mercê, crede-me a mim,
Não enfadeis a senhora.

Que mostreis ser confiado
Nos outros sabemos bem :
O que ha de ter, ou que tem
O galante namorado.
Sois um pouco repinchado;
Bom para ver em gibão,
E par'ceis fradegão,
Se estais desataviado.

Galante brafamador,
Tendes feição de varrão :
Tão longe de semsabor,
Como perto de malhão.
Quem isto tomar por si,
Ha de ser homem de paço;
E já eu vejo d'aqui
Alguem posto em embaraço.

Porque vindes ao serão,
Porque vos metteis na dansa,
Pois que para cortezão
Andais mui longe de França?
Sois mui frio e semsabor,
E sabeis-vos mal vestir :
Então quereis presumir
De galante e dansador!

Vós sois longo e destripado,
Bem para folgar de ver :

Pareceis grou espantado,
Bode morto por comer.
Se vos vier ter á mão
Esta carta por acerto,
Quer esteis longe, quer perto,
Todos vos conheceráõ.

Galante sem se vestir,
Namorado sem ter dama,
Desavir, tornar a avir,
Elle se ama e desama!
Sem ninguem luita comsigo:
Elle cahe, elle se alça!
Quem olhar isto que digo
Verá de que pé se calça.

Que vos eu pareça assi
Não vou lá, nem faço mingua;
Que não solte muito a lingua,
Outros peiores ha aqui.
Eu não sei porque não são
No paço muito valido,
Pois que sou curto é corrido,
E tenho grã presumpção.

Vós sois muito enfadonho,
E fallais sempre de siso:
E amostrais-vos medonho,
Por nos tolherdes o riso.

Mando-vos eu metter medo;
Mando-vos arenguiar,
Que haveis de haver, tarde ou cedo,
Que cousa é desgravisar.

Vós andais amarlotado,
Que sejais muito sabido;
E que andeis ataviado,
Andais sempre entanguido!
Haveis mister enxugado
Ao sol, e muito quente,
Ou muito bem apodado
Por dardes prazer á gente.

FIM DO CANCIONEIRO.

BREVE MEMORIAL

DOS PECCADOS[1]

ANTES DE ENTRAR NOS MANDAMENTOS, VEREI ESTAS SETE COUSAS, QUE É MUI NECESSARIO O SACERDOTE SABER :

Primeiramente, quem são e o estado em que vivo.

Se n'elle uso, como devo e é razão; principalmente os que têm cura d'almas; o cuidado e diligencia que têm em ensinar e corrigir seus subditos, e olhar pelas cousas da igreja, e como despendem os bens d'ella.

E por que maneira houverão os beneficios que têm.

E os que têm mando jurdicção, se olhão pelo povo e proveito commum, como devem de fazer; ou se lhe dão oppressões e os apremão muito, e se servem d'elles, ou se lhe tomão o seu.

[1] Sobre um precioso exemplar de pergaminho, que finda assim :
« Acabou-se o confessionario em linguagem portugueza; feito por Garcia de Rezende, e imprimido por mandado do muito alto e muito poderoso rei D. Manoel, nosso senhor. Em a muito nobre cidade de Lisboa, por Germão Gaillardo, imprimidor, a 25 dias de Fevereiro de 1521. »
As folhas não são numeradas.

E os da justiça, se a fazem verdadeiramente como devem, ou se a deixão de fazer, por amor, ou odio, ou temor, ou cobiça, ou piedade; ou se com ira e rigor dão mais asperas sentenças do que o caso o requer, e se a fazem por igual, assim aos grandes como aos pequenos.

E assim officiaes do rei, que têm mando em sua casa, ou fazenda, e quaesquer outros officiaes do reino, se fazem o que são obrigados a seus officios.

E os fidalgos, cavalleiros e commendadores, como cumprem e guardão o que devem, e suas regras e constituições d'ellas: e tambem os religiosos, ecclesiasticos, casados, viuvos, solteiros, e officiaes d'officios mecanicos, cada um veja o estado em que vive; se n'elle faz o que deve e é obrigado, e senão diga sua culpa em todas aquellas cousas em que fez o contrario.

Segunda, se estou ou incorri em alguma excommunhão, e por que causa, e quanto tempo ha?

Terceira, se fiz verdadeiramente a confissão passada com estas quinze condições, que a boa confissão ha de ter; scilicet:

Ha de ser simples, humildosa, pura, fiel, verdadeira, miuda, viva, discreta, por vontade, inteira, secreta, vergonhosa, forte, accusante, chorosa.

E assim, se cuidei bem em meus peccados, para me lembrarem todos, e me não esquecer nenhum: ou se fiz a confissão fingida, e deixei, por vergonha ou outra cousa, algum peccado por dizer.

E tambem se busquei bom confessor, que me soubesse bem escoldrinhar minha consciencia; ou se fui buscar

algum inorante, que não soubesse ou não tivesse poder para me absolver, e me confessei a elle; porque em taes casos, não fico confessado, e são obrigado a tornar a confessar os peccados de novo.

ORAÇÃO PARA DIZER DEPOIS DA CONFISSÃO ACABADA

São, Senhor, maravilhado de minha vida, porque, sendo por mim examinada, acho que toda é maldade e peccados, e sem nenhum fructo. E se algum parece n'ella, é fingido ou não acabado, ou corrupto, de maneira que são certo que os meus peccados merecem damnação; e que a minha pendença não a basta a satisfazer.

E tambem que a tua misericordia sobeja por toda a offensa.

Lembre-te, Senhor, que me creaste e que padeceste por mim, e que perdoaste a David, e a Pedro, e Paulo, e Mattheus, e a Magdalena, e ao ladrão na cruz.

Pela tua piedade, perdôa a mim, peccador; porque o meu merecimento é nenhum, se não fôr a tua paixão e grande misericordia, Senhor Deos! Amen!

FIM DO MEMORIAL DOS PECCADOS.

MISCELLANEA[1]

. . . .

Vimos cadêas, collares,
Ricos tecidos, espadas,
Cintos, e cintas lavradas,
Punhaes, borlas, alamares,
Muitas cousas esmaltadas:
Arreios quanto lustravão,
Duravão muito, e honravão;
Só com vestidos frisados,
Com taes peças arraiados
Os galantes muito andavão.

Agora vemos capinhas,
Muito curtos pellotinhos,

[1] *Miscellanea* de Garcia de Rezende, e variedade de historias, costumes, casos, e cousas que em seu tempo acontecêrão. — Edição de Lisboa, officina de Manoel da Silva, 1752. Anda annexa á *Chronica de D. João II.* O que aqui extractamos vem de fol. 115 até o fim.

Golpinhos, e sapatinhos,
Fundas pequenas, mullinhas,
Gibõeszinhos, barretinhos:
Estreitas cabeçadinhas,
Pequenas nominaszinhas,
Estreitinhas guarnições,
E muito más invenções,
Pois que tudo são cousinhas.

E vimos em nossos dias
A lettra de fôrma achada,
Com que a cada passada
Crescem tantas livrarias,
E a sciencia é augmentada.
Tem a Allemanha louvor,
Por d'ella ser o autor
D'aquesta cousa tão dina!
Outros affirmão na China
O primeiro inventador.

Outro mundo novo vimos
Por nossa gente se achar,
E o nosso navegar
Tão grande, que descobrimos
Cinco mil leguas por mar:
E vimos minas reaes
D'ouro, e de outros metaes
No reino se descobrir!
Mais que nunca vi saber
Engenho de officiaes.

Vimos rir, vimos folgar,
Vimos cousas de prazer,
Vimos zombar, apodar,
Motejar, vimos trovar
Trovas, que erão para ler:
Vimos homens estimados,
Por manhas avantajados:
Vimos damas mui formosas,
Mui discretas e manhosas,
E galantes afamados.

E depois vimos cuidados,
Paixões, descontentamentos,
Muitos maleneonisados,
Muitos sem causa aggravados,
Sobejos requerimentos:
Vimos desagradecidos,
Vimos outros esquecidos,
Que devião de lembrar,
Vimos muito pouco dar
Pelos desfavorecidos.

Vimos tambem ordenar
A misericordia santa;
Cousa tanto de louvar,
Que não sei quem não se espanta
De mais cedo não se achar:
Soccorre a encarcerados,
E conforta os justiçados,
A pobres dá de comer,

Muitos ajuda a soster,
Os mortos são suterrados.

Musica vimos chegar
Á mais alta perfeição,
Sarzedo, Fonte cantar,
Francisquilho assi juntar,
Tanger, cantar, sem razão :
Arriaga, que tanger!
O cégo que grã saber
Nos orgãos! e o Vaena!
Badajoz! outros que a penna
Deixa agora d'escrever!

Pintores, luminadores
Agora no cume estão,
Ourivises, esculptores
São mais subtis, e melhores,
Que quantos passados são :
Vimos o grã Michael,
Alberto, e Raphael,
E em Portugal ha taes,
Tão grandes, e naturaes,
Que vêm quasi ao olivel.

E vimos singularmente
Fazer representações
D'estylo mui eloquente,
De mui novas invenções,
E feitas por Gil Vicente

Elle foi o que inventou
Isto cá, e o usou
Com mais graça, e mais doutrina,
Posto que João del Enzina
O pastoril começou.

Lisboa vimos crescer
Em povos, e em grandeza,
E muito se nobrecer
Em edificios, riqueza,
Em armas, e em poder :
Porto, e trato não ha tal,
A terra não tem igual
Nas frutas, nos mantimentos;
Governo, bons regimentos,
Lhe fallece, e não al.

Os mais dos governadores,
Que á India forão mandados,
Vi mortos, ou accusados;
Cavalleiros, sabedores
Não vi d'estas escapados:
Os mais são lá suterrados,
E os vindos demandados,
Sequestradas as fazendas,
Uns presos, a outros contendas,
E libellos processados.

Vimos muito espalhar
Portuguezes no viver,

Brasil, ilhas povoar,
E ás Indias ir morar,
Natureza lhe esquecer:
Vemos no reino metter
Tantos captivos, crescer,
E irem-se os naturaes,
Que se assim fôr, serão mais
Elles que nós, a meu ver.

E vimos communicar
El-rei com o preste João,
Embaixadas se mandar,
Cousa que n'ella fallar
Parecia admiração:
Vimos cá vir elephantes,
Outras bestas semelhantes
Trazer da India por mar.
Por mar as vimos mandar
A Roma mui triumphantes.

E vimos monstros na terra,
E no céo grandes signaes,
Cousas sobrenaturaes,
Grandes prodigios de guerra,
Fomes, pestes, cousas taes:
Dizem que em Chypre foi visto
Mui grande numero d'isto,
Roma, Milão, outras partes:
Vimos nigromantes artes,
Que remedão Anti-Christo.

Vimos grandes sabedores
Mui pouco tempo viver,
Sem lhes valer seu saber.
Mirandula seus primores
Não acabou de escrever:
E alguns religiosos
Em doutrina copiosos
Vimos, e de autoridade;
Mas solapou a vaidade
Edificios tão pomposos.

Para que se algum cavide
De vangloria, se a tem,
Lembre-lhe que vimos bem
A frei João d'Athayde
Mais humilde que ninguem;
Que viveu tão santamente,
Que era julgado da gente,
Sendo cortezão, por santo:
Fez-se frade, foi-o tanto,
Que fez milagre evidente.

Deixou conde d'Atouguia,
E não quiz ser regedor;
Deixou rendas, fidalguia,
Honras, privança, valia,
Por servir Nosso Senhor:
E quem bem quizer olhar,
É muito pouco deixar
Por Deos, quanto cá se alcança,

Pois a bemaventurança
Com isso póde alcançar.

E vimos em a christandade
Mover grandissimas guerras,
Muito grande mortandade,
Destruidas muitas terras
Com mui grande crueldade:
E tal batalha passou,
Que segundo se affirmou,
Quarenta mil perecêrão;
Os homens alli morrêrão,
E o odio vivo ficou.

Vimos os bons descahidos,
E os máos mui levantados,
Virtuosos desvalidos,
Os sem virtudes cabidos
Por meios falsificados:
A prudencia escondida,
A vergonha submettida,
O mentir mui desfaçado,
O saber desestimado,
A falsidade crescida.

A cobiça mui lembrada,
Nobreza bem esquecida,
Manhas não valerem nada,
Devoção desbaratada,
Caridade destruida:

Os sisudos mal julgados,
Sandèos desenvergonhados
Valer com seus artificios;
Estrangeiros com officios,
E senhores enganados.

Vimos honrar lisongeiros,
E folgar com murmurar,
E caber mexeriqueiros,
Os mentirosos medrar,
Desmedrar os verdadeiros:
Vimos tambem vilania
Preceder á fidalguia,
A razão, e a vontade,
A franqueza, e liberdade,
Sujeitas da tyrannia.

Vimos moços governar,
E velhos desgovernados,
Fracos em armas fallar,
E vimos muitos mandar,
Que devião ser mandados:
Vimos os bens estorvados,
Os males accrescentados,
Vimos clerigos viverem
Com mulher, e os filhos serem
Dos beneficios herdados.

Outras simonias calo,
Grandes trocas, e partidos,

E beneficios vendidos
A taes, que de só fallal-o
Escandalisa os ouvidos:
Mosteiros mui hourados
De mitra, e bago ordenados
Para ter abbades bentos;
Vimos livres, e isentos,
Dados a homens casados.

Vimos ricos adquirir
Riquezas mal ajuntadas
Com mal comer, mal vestir,
Sem pagar, restituir,
E com vidas mui cansadas:
Trabalhão por ajuntar
O que ha cá de ficar
Por ventura a máos herdeiros,
E thesouros verdadeiros
Não querem enthesourar.

. . . .

Vimos esterilidades,
Pestes, e ares não sãos,
Usuras, e crueldades;
Vimos comprar novidades,
E revendêl-as christãos:
Ha ahi de Deos pouca lembrança,
Pouca fé, muita esperança,
E uma vã presumpção,

Bons costumes mortos são,
Justiça posta em balança.

E vimos máos pagadores
Dever, sem querer pagar
A quem são devedores;
Nem comer, vestir, calçar,
Senão de alheios senhores:
E os mais endividados
Folgão, dormem descansados,
E vivem sem ter dever
Com pagar, nem com morrer,
Nem satisfazer criados.

E vimos já lavradores
Pagar seus dizimos bem,
Pagar bem a seus senhores;
Dar-lhes Deos annos melhores
Dos que lhes agora vêm:
Trigo, cevada, centeio,
Furtão quasi de permeio,
E deitão terra no pão:
São tão máos os que máos são,
Que de Deos não têm receio.

Vemos em ladrões fallar;
Se os ha, não são achados,
Ou não os querem catar;
Vimos já officios dar
A homens não bem julgados:

Poucas vezes vi buscarem
Homens bons para lh'os darem:
Vimos com muitos officios
Homens de erros e vicios,
Vimos as partes chamarem.

Um só máo official,
Que ha em uma cidade,
Destrue a communidade;
Vêde bem, se farão mal
Muitos d'esta qualidade!
Deos e el-rei não são servidos,
Os povos são destruidos,
A policia damnada:
A republica roubada,
E os povos opprimidos.

Vi grandes perdas no mar,
Más novidades na terra,
Muitas mudanças no ar,
Nos verãos, no invernar,
Vemos já tambem que erra:
Pão, carnes, frutas, e vinhos,
E os pescados marinhos,
Azeites, e todo o al,
Se nos vai de Portugal,
E não sei por que caminhos.

Vimos os mui comedidos
Não lembrarem se nascêrão,

E os mui entremettidos
Vimos em cousas mettidos,
Que elles nunca merecêrão:
Vimos muito mais valer,
Mais medrar, mais ricos ser
Os mui importunadores,
Que os grandes servidores,
Que acertão vergonha ter.

Vemos poucas amizades,
Se as ha, são com respeitos;
Vemos odios, imizades:
Vemos parcialidades
Secretas por seus proveitos:
Officiaes e privados
Vemos ser mui aguardados,
Mil amigos na bonança;
Se lhes fallece a privança,
Logo são desamparados.

Vimos os escrupulosos
Poucas vezes acertar,
E os muito rigorosos
Serem pouco piedosos,
E mui máos de conversar:
Vimos bebados, gulosos,
Tafues e luxuriosos,
Não olhar mais que o presente,
Acabarem pobremente
Entrevados e gotosos.

Vimos ingratos negar
Beneficios recebidos,
Cousa para castigar,
E cousa para chorar
Não serem os taes punidos:
Quando Roma prosperava,
Por grã crime se accusava
Em juizo ingratidão,
E como grã traição
Se punia e castigava.

Vimos os mui confiados
Confiarem pouco n'elles,
E vimos desconfiados
Brigosos, apassionados,
Enfadonhos os mais d'elles:
Vimos os peccos fallar
Fóra de tempo e lugar,
Os sisudos e sabidos
Não fallar, mui comedidos,
Cheios de ouvir e calar.

Vimos muitos ociosos,
Sem querer nada fazer,
Deixar o tempo perder,
E dos bons e virtuosos
Não lhes minguar que dizer:
Pelas praças, pelas ruas,
Sem verem as vidas suas,
Andão vagamundeando,

O tempo mui mal gastando,
E as mãos e linguas cruas.

Vimos os mui suspeitosos
Viver sempre com paixão;
E vimos os invejosos
Soturnos, presumptuosos,
De perversa e má nação:
Inveja vem de torpeza...
Pois que vive com tristeza,
Por ver aos outros bem,
E nenhum descanso tem,
Tem pezar, dôr e vileza.

Glosadores, maldizentes,
Desfazedores de quem
Os faz viver descontentes;
Com amigos, nem parentes
Não têm lei, nem com ninguem:
Vi fracos de coração,
Asperos, sem criação,
Trabalhar por ter imigos,
E deixar perder amigos
Por sua má condição.

Vimos os muito ciosos
Não viver, nem descansar,
Pensativos e cuidosos,
Orgulhosos, comichosos,
Pelo vento e ar olhar:

Vimos outros descuidados,
Folgazões, desenfadados,
Começos não atalhar,
Depois virem acabar
Em deshonrados cuidados.

Em medos e adversidades
Vemos propositos ter
De emendar e corriger
As más vidas e maldades
A honesto e bom viver:
Mas como passa o temor,
Torna tudo a ser peior:
Porque nós a nós tornamos,
E de novo começamos
Ter ao mundo mais amor.

Gastos mui demasiados
Vemos nas donas casadas
Em joias, prata, lavrados,
Perfumes e desfiados,
Tapeçarias dobradas:
As conservas, o comer,
Vestidos, donzellas ter,
As camas e os estrados;
Vimos por vinte cruzados
Luvas de couro vender.

As Portugezas honradas
Vimos por deshonra haver

No rosto e face poer,
E trazer averdugadas,
E tambem vinho beber :
Por deshonestas havião
As que taes cousas fazião,
Depois forão tão usadas
Todas, que hão que as passadas
Nem sabião, nem vivião.

Os Portuguezes soíão
Ser nas armas mui destrados,
Mollicias ter não sabião;
Os homens mui delicados
Por homens fracos havião :
Não lhes lembrava tratar,
Nem muito negociar;
Erão com pouco contentes,
Com amigos e parentes
Costumavão de folgar.

Depois forão tão polidos,
Tão ricos, tão atilados,
Tão doces e tão luzidos,
E tão cheios d'esmaltados,
Cabelleiras e tingidos,
E em gastar desordenados,
E tantos trajos mudados,
Tanto mudar de viver,
Tanto tratar, revolver,
Tanto ser negociados!

Vemos mui anticipadas
As vidas d'agora todas,
Moços com capas, espadas,
Moças com moços casadas,
Ante tempo fazer vodas :
Quem deve ser ensinado,
Reprehendido, castigado,
Muito mal póde ensinar,
Casa e filhos governar,
Se deve ser governado.

Vi soberba nos vilãos,
E baixeza nos honrados :
Vi cobiça nos prelados,
Descuido nos anciãos,
E desordens nos Estados :
Vimos mortes apressadas,
E vidas mui encurtadas,
Doenças não conhecidas,
Muitas canseiras nas vidas,
Poucas vidas descansadas.

Os reis, por accrescentar
As pessoas em valia,
Por lhe serviços pagar,
Vimos a uns o dom dar,
E a outros fidalguia :
Já se os reis não hão mister,
Pois toma dom quem o quer,
E as armas nobres tambem

Toma quem armas não tem,
E dá o dom á mulher.

Vi muitos mattos romper,
Grandes paules abertos,
Muitas herdades fazer
Em terras, mattos, desertos;
Vemos o pão mais valer:
Vemos tudo levantar,
Mantimentos máos de achar,
Officiaes, mercadores,
Logreiros, alugadores,
Tudo mui caro custar.

Vimos em Evora valer
Os moios de pão iguaes
Quinze, vinte mil reaes:
Agora os vemos vender
A setenta mil, e mais:
Anno vi tão abastado,
Que a oito reaes comprados
Foi o alqueire de pão;
Outro vimos em que não
Se achava por um cruzado.

Vimos os campos coalhados
De aves, e caçadores,
O mar cheio de pescados
Muito bons, muito prezados,
E de muitos pescadores:

Perde-se a altanaria,
Não ha peixe que soía,
Nem gaviões, nem relé,
Nem sei onde isto é,
Pois de tudo tanto havia!

Vimos tanto costumar
Todos arcos de pelouros,
Tanto com elles folgar
Nas cidades, hortas, mar,
Como agora com thesouros:
Não havia homem algum
Que se contentasse de um;
Havia d'elles mil tendas,
Muitas compras, muitas vendas,
Agora não vemos nenhum.

Vimos jogos de mancaes,
Tambem da pequena pélla,
Infinitos e geraes,
Entre provo e principaes,
Em Portugal e Castella:
Isto com tempo passou;
Péllla grande começou;
Começou fluxo, primeira;
Rumfa ficou derradeira,
E como tudo acabou!

Os jogos, nojos, prazeres,
Costumes, trajos e leis,

Virtudes, manhas, saberes,
E bons e máos pareceres,
São segundo querem reis :
Que como são adorados,
Ao que são inclinados
Todos vemos inclinar;
Tudo lhes vemos louvar,
Ainda que vão errados.

Com heresias e manha
Vimos o falso Lutherio
Converter em Allemanha
Tanta gente, que é façanha
Na mór força do imperio :
Contra nossa fé prégando,
E do papa blasphemando,
Dos bispos, dos cardeaes,
Venceu batalhas campaes
A grã gente do seu bando.

Com sua lingua maligna,
E preceitos deshonestos,
Semêa sua doutrina
Cheia de luxuria indigna
E vergonhosos incestos :
O que mais deve doer
É que vemos estender
Este veneno a mais terras,
E com pestiferas guerras
Tardo remedio poer.

Vimos a astrologia
Mentir toda em todo mundo,
Que toda junta dizia,
Que em vinte e quatro havia
De haver diluvio segundo :
E secco vimos o anno,
E bem claro o engano,
Em que astrologos estavão,
Pois d'antes tanto affirmavão
Por chuvas haver grã damno.

Vimos tambem subverter
Em Grada muitos lugares,
E muita gente morrer,
E tal terremoto ser,
Que serras forão algares ·
Na ilha áquem da Terceira,
Uma grande villa inteira
N'este anno se subverteu,
E todo o povo morreu;
Foi grã caso em grã maneira!

Vi que em Lisboa cahio
Da costa grã quantidade;
Duas ruas destruio,
Duzentas casas sumio,
Foi grã temor na cidade :
Aquestes tremores taes,
E outros muitos signaes
Vemos, sem termos lembrança

De Deos, nem fazer mudança
De nossas vidas mortaes.

. . . .

E depois d'isto em Roma
(Só com tres dias chover)
Em Outubro o Tibre toma
Agua tanta, em tanta somma,
Que foi espanto de ver :
Toda a cidade alagou ;
A agua dizem que chegou
Té os segundos sobrados,
Os baixos forão lagados,
Só nos montes não tocou.

Infindas casas cahírão,
Castellos todos inteiros
Levados do rio vírão,
Edificios se sumírão,
Casas, fortes mosteiros ;
E pelas ruas andavão
Grandes barcas, que salvavão
A gente; tambem com ellas,
Puderão ir caravellas,
Pois tão alto navegavão.

Muita gente se sumio,
Foi mui grã destruição,

A mór que se nunca vio
D'esta sorte, nem ouvio
Do Tibre tal perdição :
E morreu grã quantidade
De bestas, e na cidade
Se perdêrão vinho e pão,
E cousas de provisão,
Tudo em geralidade.

Segundo todos dizião,
Não foi cousa natural
O damno que recebião;
Mas por castigo o havião,
E temião vir mais mal :
Muitas procissões fizerão,
E grandes esmolas derão,
E o papa a todos deu
Por confissão jubilèo,
Só porque a Deos temêrão.

E no Janeiro do anno
Logo seguinte, signaes
Espantosos vimos, taes,
Que não basta engenho humano
Aos boquejar não mais :
Antemanhã quinta-feira
Foi em tão grande maneira
Terremoto em Portugal,
Que se não vio outro tal,
Nem Deos que se veja queira.

Veio primeiro um raio,
Após elle um trovão,
E grã terremoto então,
Tão grande, que pôz desmaio,
Qual não vírão, nem verão :
Tal que a todos parecia
Que o mundo se destruia
Para não haver mais mundo,
E que tudo era defundo,
E a terra se subvertia.

Obra de um credo durou ;
Se mais fôra, destruíra,
Tudo por terra cahíra,
Morrêra quem escapou,
A mór parte se fundíra :
Em um ponto pontual
Foi em todo Portugal ;
Na Extremadura mór,
Nas outras partes menor,
Que não foi todo igual.

E ás sete horas do dia
Foi outro tremor estranho,
Que pôz medo e covardia,
E depois do meio-dia
Outro, porém não tamanho :
E em outra quinta-feira
Antemanhã, da maneira
Que foi o grande, espantoso,

Foi outro mui temeroso,
Outro ante a terça-feira.

D'este grande ao primeiro
Cincoenta dias houve,
Nos quaes todos por inteiro
Tremeu : deu tal marteiro,
Qual té gora se não soube :
Um anno todo tremeu,
Mas pouca cousa, e perdeu
A gente já o temor,
Aprouve a Nosso Senhor,
Que cessou, não esqueceu.

Gretas, buracos fazia
A terra, e se abrio,
Agua, e arêa sahia,
Que a enxofre fedia;
Isto em Almeirim se vio :
E porque logo vierão
Grandes chuvas, que chovêrão,
E alguns dias durárão,
As aberturas tapárão,
Que nunca mais parecêrão.

Todos, com medo que havião,
Deixárão casas, fazendas;
Nos campos, praças dormião
Em tendilhões, e em tendas
Casas de ramas fazião :

As mais das noites velando,
Temendo, e receando,
Porque tremor não cessava,
A gente pasmada andava
Com medo morte esperando.

Dous mezes assi estiverão
Na mór força do inverno,
Aguas, ventos sustiverão,
Tormentas, trovões soffrêrão,
Bradando por Deos Eterno :
Todos logo confessados,
Casos grandes perdoados,
Feitas grandes devoções,
Romarias, procissões,
Em esmolas occupados.

Tambem se sentio no mar;
Sem vento mares se alçárão,
Navios forão tocar,
No fundo com quilhas dar,
Como perdidos andárão :
Todas as cousas nascidas
Forão quasi amortecidas,
Féras, domesticas bestas,
Cães e aves, cousas d'estas
Estavão esmorecidas.

Muros e torres cahírão,
Villas, paços, mosteiros,

Igrejas, casas, celleiros,
Quintas, e as mais abrírão,
Não cahião pardieiros:
Pedras se vião rachadas,
E em pedaços quebradas,
E cousas de muitas sortes,
Quanto mais rijas, mais fortes,
Tanto mais espedaçadas.

Infinda gente morreu,
Grandes perdas recebêrão,
Grande perda se perdeu:
Muitos má morte morrêrão,
Porque de noite acaeceu:
Cousas por nossos peccados
Nunca vistas dos passados
N'estes reinos, nem ouvidas;
Deos nos livre nossas vidas
De casos tão desastrados.

Em Evora vi um menino,
Que a dous annos não chegava,
E entendia e fallava,
E era já bom latino,
Respondia e perguntava:
Era de maravilhar
Ver seu saber, seu fallar,
Sendo de vinte dous mezes;
Monstro entre Portuguezes
Para ver, para notar.

Estas novas novidades,
Mudanças, e grandes feitos,
Em papas, reis, dignidades,
Em reinos, villas, cidades,
Vimos feitos, e desfeitos:
E pois tudo vi passar,
Começar e acabar,
E d'esta mundana gloria
Não ficar mais que memoria,
D'esta me quiz ajudar.

Esta devemos de ter
D'este mundo tão mudado,
Para d'isso recolher,
Quem tiver siso e saber,
Que o porvir é passado:
Tudo acaba, senão
Amar Deos de coração,
E servil-o de vontade,
Todo o al é vaidade,
E cousas que vêm e vão.

Porque só Deos tem poder,
Elle só é o que sabe,
Ninguem póde comprehender
Seus juizos e saber,
E poder que n'elle cabe:
Elle é toda bondade,
Elle é toda verdade,
Elle é o summo bem,

Elle dá ser, e sustem
Nossa fraca humanidade.

Que se elle fosse esquecido
De nós outros um momento,
Tudo seria perdido,
E o mundo destruido,
Pois é nossa vida vento :
Tomarei logo d'aqui
D'estas cousas que escrevi,
E de quanto foi, e é,
Louvar Deos, ter firme fé,
Ver quem são, como nasci.

CONCLUSÃO

Mui poucos ajudadores
Acha quem quer fazer bem,
E se alguem bem feito tem,
São tantos os glosadores,
Que o não faz já ninguem :
As cousas ante de achadas,
Nem vistas, nem praticadas,
É muito quem as bem acha,
E mui pouco pôr-lhe tacha,
Quem as deseja tachadas.

O caminho fica aberto,
A quem mais quizer dizer,
Tudo o que escrevi é certo;
Não pude mais escrever,

Por não ter mais descoberto :
Sem lettras e sem saber
Me fui n'aquisto metter,
Por fazer a quem mais sabe,
Que o que minguar acabe,
Pois eu mais não sei fazer.

FIM DA MISCELLANEA.

CHRONICA DE D. JOÃO II[1]

CAPITULO XXVIII

A maneira em que se as menagens dão.

Aos tantos dias de tal mez, e tal anno, na cidade, ou villa tal, nas casas taes, onde el-rei nosso senhor pousa, Fuão lhe fez preito e menagem pelo castello e fortaleza tal, na fórma que se segue:

As quaes palavras ha de ler alto o escrivão da puridade, ou o secretario.

Mui alto, e mui excellente, e mui poderoso meu verdadeiro e natural rei e senhor! Eu Fuão vos faço preito e menagem pelo vosso castello e fortaleza tal, de que me ora novamente encarregais e dais carrego, que a tenha e guarde por vós, e vos acolherei no alto e no

[1] *Chronica dos valorosos e insignes feitos d'el-rei D. João II, de gloriosa memoria*, por Garcia de Rezende. Lisboa, officina de Manoel da Silva, 1752, um vol. in-fol., no fim do qual vêm ainda outros opusculos do mesmo autor.

baixo d'ella, de noite e de dia, a quaesquer horas e tempos que seja, irado e pagado com poucos e com muitos, vindo em vosso livre poder; e d'elle farei guerra, manterei tregoa e paz, segundo me por vós, senhor, fôr mandado, e o não entregarei a alguma pessoa de qualquer estado, gráo, dignidade, ou preeminencias que seja, senão a vós, meu senhor, ou a vosso certo recado. Logo sem delonga, arte, nem cautela, a todo tempo que qualquer pessoa me der vossa carta assignada por vós, e assellada com vosso sello, ou sinete de vossas armas, porque me tirais este dito preito e menagem. E se acontecer que eu no castello haja de deixar alguma pessoa por alcaide, e guarda d'elle, eu lhe tomarei este dito preito e menagem na dita fórma e maneira, e com as clausulas, e condições, e obrigações n'elle conteúdas. E eu por isso não ficarei desobrigado d'este dito preito e menagem, e das obrigações e cousas que n'elle se contêm; mas antes me obrigo que o dito alcaide, ou pessoa que assim deixar, tenha e mantenha, cumpra e guarde todas estas cousas, e cada uma d'ellas inteiramente. E eu, sobredito Fuão, faço preito e menagem em as mãos de vossa alteza, que de mim a recebe uma, duas e tres vezes, segundo vosso costume d'estes vossos reinos. E vos prometto, e me obrigo, que tenha e mantenha, guarde e cumpra inteiramente esse dito preito e menagem, e todas as clausulas, condições e obrigações, e todas as cousas, e cada uma d'ellas em ella conteúdas, sem arte, cautela, fraude, engano, nem minguamento; e por firmeza d'elle, assignei aqui: testemunhas, Fuão, e Fuão. E eu Fuão, escrivão da puridade,

que esta menagem por mandado do dito senhor fiz escrever, e estive ao assignar d'el[l]a, tambem assignei.

CAPITULO LIX

Da justiça que em Abrantes el-rei mandou fazer na estatua do marquez de Montemor.

Estando el-rei em Abrantes, por ser certificado que o marquez de Montemor, estando em Castella, não deixava de seguir sua má vontade contra elle, com os do seu conselho e lettrados, ordenou, e quiz em sua ausencia mandar fazer justiça, e justiçar sua estatua n'esta maneira.

Na praça da dita villa se fez um cadafalso de madeira, grande e alto, todo coberto de pannos de dó, e n'elle assentos para corregedores, desembargadores e juizes, e ahi em pé meirinhos, alcaides e officiaes da justiça. E publicamente foi alli trazida uma estatua do marquez, natural como viva, que se parecia com elle, e vinha armado de todas as armas, e em cima d'ellas sua cota d'armas, e na mão direita uma espada alta, e na esquerda uma bandeira quadrada de suas armas; e alli pelos juizes lhe forão lidas em alta voz suas culpas; e logo por todos os juizes e desembargadores sentenciado, que morresse por justiça morte natural, e publicamente fosse degollado. E acabada de ler a sentença, veio um rei d'armas, e em voz alta dizia :

Porquanto vós, condestavel, por vosso tão grande of-

ficio, ereis obrigado a ter muita lealdade a vosso rei; e servil-o e ajudar a defender seus reinos, e vós não o fizestes; antes trabalhastes e procurastes por lhe offender, e lhe fostes desleal; não mereceis tal espada; e logo lhe foi tirada da mão.

E tornou logo a dizer :

Porquanto vós, marquez, por vossa grande dignidade, vos foi dada bandeira quadrada, como a principe, e por esta honra e dignidade que recebestes, ereis obrigado guardar a honra e estado d'el-rei vosso senhor, e servil-o e acatal-o, como naturale verdadeiro rei e senhor, e vós tudo isto fizestes ao contrario : tal bandeira não deveis ter, porque a não mereceis! E lh'a tomárão logo da mão : e pela mesma maneira e ceremonia lhe tirárão a cota d'armas, e armadura da cabeça, e todas as outras peças d'armas, até ficar desarmado e em gibão.

E então veio um pregoeiro e um algoz, e com pregão de justiça, em que declarava suas culpas, lhe cortárão a cabeça, de que sahio sangue artificial, que parecia de homem vivo. E acabada esta grande ceremonia de justiça, que durou muito, se descêrão todos do cadafalso, e logo foi posto fogo n'elle e á estatua, e o cadafalso todo assim como estava foi queimado, cousa que pareceu espantosa. E o marquez, sendo d'isto sabedor, foi mui enojado e triste, e d'ahi a pouco tempo se finou em Castella, onde elle estava.

CAPITULO XLVI

De como el-rei perdoou ao duque de Viseu a culpa que n'este caso tinha, e da morte do duque de Bragança

Logo ao outro dia depois da prisão do duque, el-rei mandou chamar ao duque de Viseu á casa da rainha sua irmã, e perante ella lhe fez uma falla, na qual o reprehendeu muito, dizendo-lhe que elle fôra sabedor de todas as cousas passadas, que o duque de Bragança e o marquez seu irmão contra elle quizerão commetter, e que se com rigor e justiça o quizera castigar, cousas tinha sabidas d'elle, por onde com direito o poderia fazer. Porém, por ser filho do infante D. Fernando, seu tio, e por sua pouca idade, e pelo amor que sempre lhe tivera, e tinha, e principalmente por a rainha sua irmã, que elle sobre todas tanto estimava e amava, lhe perdoava tudo livremente, e dava por esquecidos quaesquer erros ou culpas que n'este caso tivesse, dando-lhe sobretudo tão virtuosos e verdadeiros conselhos e ensinos, que o infante seu pai, se fôra vivo, lh'os não pudera dar melhores; e o duque, por não ter escusas, nem replicas, sem fallar palavra alguma, lhe beijou a mão por tamanha mercê. E a rainha, que isto muito estimou, com palavras de grande amor e muita prudencia o teve em muita mercê a el-rei.

E para o caso do duque de Bragança, mandou el-rei vir a Evora todos os lettrados da casa da supplicação,

que então estava em Torres-Novas, e foi logo dado por juiz o licenciado Ruy da Grã, muito bom homem, e de muito boa consciencia, e bom lettrado; e por procurador d'el-rei o Dr. João d'Elvas; e por procurador do duque o Dr. Diogo Pinheiro, que depois foi bispo do Funchal, homem fidalgo, e de muito boas lettras, e bom saber, e da creação do duque, e com elle Affonso de Barros, que era havido por um dos melhores procuradores do reino. Aos quaes el-rei mandou e encommendou que com muito cuidado e estudo procurassem e defendessem a causa do duque, que por isso lhes faria muita mercê.

Foi feito e dado libello contra o duque, que logo procedeu com vinte e dous artigos, fundados n'aquellas cousas em que parecia elle ser culpado; os quaes pelo juiz lhe forão logo levados onde estava, e todos lidos, de que o duque mostrou logo alguma turvação; porque na substancia d'elles conheceu claramente que muitas cousas suas erão descobertas, que elle havia por muito secretas e escondidas. E depois de estar um pouco cuidoso, antes de nada responder, encommendou a Ruy de Pina, que era presente, que fosse dizer a el-rei seu senhor, que aquellas cousas, e em tal tempo, não tinhão replica mais propria de servo para senhor, nem que mais conviesse á sua grandeza, virtudes e piedade, que a que o propheta David disse a Deos no psalmo : *Et non intres in judicio cum servo tuo, Domine, qui non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens*. E que quando isto, que a elle por todos respeitos mais convinha, não quizesse fazer, que então por sua dignidade, e por ser assim di-

reito, lhe quizesse dar juizes conforme a elle, e que seu feito mandasse determinar a principes e duques, pois o elle era. E el-rei houve tudo isto por escusado, e mandou que todavia respondesse, e se livrasse por direito. E além das cartas, instrucções e escripturas, que logo, para prova do libello, forão no feito offerecidas, se perguntárão pelos artigos d'elle estas pessoas por testemunhas. Convem a saber : Lopo da Gama, Affonso Vaz, secretario do marquez, Pero Jusarte, Lopo de Figueiredo, Diogo Lourenço de Montemór, Jeronymo Fernandes, Fernão de Lemos, e João Velho de Vianna de Caminha : todos da creação do duque e de seus irmãos. Cujos testemunhos pareceu que fazião prova ao libello; nem havia a elles contradictas, nem lh'as recebèrão.

Foi o processo contra o duque acabado em vinte e dous dias, e nenhuma diligencia, que para elle cumprisse, foi necessaria fazer-se fóra da côrte. E para final determinação d'elle, forão por mandado d'el-rei juntos para juizes alguns fidalgos e cavalleiros do reino, homens sem suspeita, que com os lettrados forão por todos vinte e um juizes. E tanto que o feito foi concluso, os juizes forão todos juntos em uma sala dentro do aposento d'el-rei, armada de pannos da historia, equidade e justiça do imperador Trajano. Onde se pôz uma grande mesa, apparelhada como cumpria para o auto : era que de uma parte, e da outra, os juizes estavão todos assentados, e no tope d'ella el-rei. E junto com elle o duque, assentado em uma cadeira, a quem el-rei, em chegando a elle, e em se despedindo, guardou inteiramente sua cortezia e ceremonia. O qual veio alli duas vezes, em

que vio ler o feito, e pelos procuradores, de uma parte e da outra, disputar em grande perfeição os merecimentos do processo. E á terça-feira, em que publicamente se havião de reperguntar as testemunhas em pessoa do duque, el-rei o mandou chamar, e elle se escusou, e não quiz vir, dizendo a Ruy de Pina, que o foi chamar, estas palavras :

— Dizei a el-rei, meu senhor, que eu me confessei e communguei hoje, e que agora estou com o padre Paulo, meu confessor, fallando em cousas de minha alma, e do outro mundo, e que essas, para que me chama, são do corpo, e d'este mundo, e de seu reino, de que elle é juiz, que as julgue, e determine como quizer; porque a ida de minha pessoa não é necessaria — e não foi.

E com esta resposta mandou el-rei logo despejar a sala, para sobre a final sentença tomar os votos dos juizes. Aos quaes, antes de votarem, fez el-rei uma falla, em que lhes encommendou o que devia, como virtuoso e justo rei, e isto com muitas lagrimas, que todos aquella noite lhe vírão correr; porque cada voto, que cada juiz concrudia na morte do duque, el-rei chorava com grandes soluços, e muito triste. E no votar se detiverão dous dias, manhã e tarde, com a noite derradeira muito tarde, em que finalmente accordárão todos com el-rei, que na sentença pôz o seu *passe;* que vistos os merecimentos do processo, conformando-se no caso com as leis do reino, e imperiaes, e com a pura e mui antiga lealdade que aos reis d'estes reinos de Portugal se devia sobre todos, accordárão que o duque morresse morte natural, e fosse na praça d'Evora publi-

camente degollado, e perdesse todos seus bens, assim os patrimoniaes como os da corôa, para o fisco e real corôa d'el-rei.

E acabada de assentar e assignar a sentença, tomou el-rei logo com todos assento sobre o que na execução d'ella se havia de fazer. E aos vinte dias do mez de Junho do anno de mil e quatrocentos e oitenta e tres, de noite antemanhã, tirárão o duque dos paços em cima de uma mula, e Ruy Telles nas ancas apegado n'elle, e muita e honrada gente a pé, que o acompanhava com grande seguridade. E o duque em sahindo cuidou que o levavão a alguma fortaleza, e quando vio todos a pé, ficou muito enleado e triste. Foi assim levado a umas casas da praça, que parece cousa de notar: porque o dono d'ella se chamava Gonçalo Vaz dos baraços, e em Evora não se vendião senão em sua casa. Onde o duque conheceu a verdade, que logo claramente lhe foi descoberta pelo padre Paulo seu confessor, que o já estava esperando e lhe deu com muitos confortos e esforços a mui triste e desconsolada nova, a qual o duque recebeu com palavras de muita paciencia, e muito em si, como homem mui esforçado. E logo ahi fez uma cedula de testamento que elle notava, e um Christovão de Barros, escrivão, escrevia, na qual assignou com o padre Paulo seu confessor; em que por descarrego de sua alma, declarou algumas cousas; principalmente pedio á duqueza sua mulher por mercê, e assim a seus irmãos, e encommendando a seus filhos por sua benção, e encommendou a seus criados, que todos, por o caso de sua morte, não tivessem odio nem escandalo contra alguma

pessoa que lh'a causasse, nem muito menos contra el-rei seu senhor, porque em tudo o que fazia era verdadeiro ministro de Deos e mui inteiro executor de sua justiça. Porém não declarando se era ou deixava de ser culpado no caso por que morria.

Fallando muitas cousas, e fazendo em tal tempo algumas perguntas, como de homem mui accordado, e de grande esforço, e sobretudo catholico e bom christão.

E mandou pedir perdão a el-rei com palavras de muita humildade e de accusação de si mesmo, e pedio que, antes de padecer, lhe trouxessem o recado, como lhe fôra em seu nome pedido, e assim se fez.

E tanto que o duque entrou nas ditas casas, forão logo juntos muitos carpinteiros e officiaes, e com muita brevidade fizerão um grande e alto cadafalso quasi no meio da praça, e um corredor que de uma janella das casas ia a elle, e no meio do cadafalso outro pequeno, pouco maior que uma mesa, mais alto com degráos, tudo de madeira, coberto de alto abaixo de pannos negros de dó, e feito como havia poucos dias que a el-rei perante o duque disserão que se fizera em Paris outro tal, com tal ceremonia, a um duque que el-rei Luiz de França mandou degollar.

E no fazer do cadafalso e corredor que era grande, e no que mais era necessario se detiverão tanto que erão já mais de dez horas do dia, no qual tempo o duque, cansado e desvelado da noite, pela grande agonia em que estava, pedio de beber, e sobre figos lampos bebeu uma vez de vinho. E em uma cadeira de espaldar, em

que estava assentado, se affirma que se encostou e dormio um pouco. E acordado, tornou a estar com seu confessor, e disse que fizessem o que quizessem, que elle nada tinha mais que fazer. Vestírão-lhe uma grande loba capello, e carapuça de dó. E atárão-lhe diante ao cinto com uma fita preta os dedos pollegares das mãos. E em lh'os atando lhe disserão que houvesse paciencia e não se escandalisasse, porque assim era mandado por el-rei. E elle respondeu :

— Soffrêl-o-hei e mais um baraço no pescoço, se sua alteza o mandar.

Sahio assim ao corredor por onde havia de ir ao cadafalso, e diante d'elle confessores e religiosos, com uma cruz diante, encommendando com devotas orações sua alma a Deos.

E quando vio o cadafalso, e da maneira que tudo estava ordenado, lembrou-lhe o que ouvíra contar a el-rei sobre o duque que em Paris degollárão, e disse :

— Ah ! como em França !

E n'esta morte do duque o fez o conde de Marialva muito honradamente, que sendo meirinho-mór, e mandando-lhe el-rei que fosse estar com o duque, lhe pedio muito por mercê que tal lhe não mandasse, porque antes perderia quanto tinha que o fazer, porque era grande amigo do duque; e el-rei lhe conheceu de sua razão e o escusou e mandou servir de meirinho-mór a Francisco da Silveira, que ora é coudel-mór. O qual, com muita gente d'armas, e elle ricamente armado, foi lá com vara de justiça na mão; e o duque, quando o vio assim, pezando-lhe, disse :

— Bem galante está Francisco da Silveira!

Foi com muita segurança até o cadafalso, que era defronte da capella de Nossa Senhora; e em chegando se pôz em joelhos; e com os olhos na imagem se encommendou com muita devoção a ella; e os religiosos, dizendo-lhe palavras para tal hora de muito esforço e grande confiança em Deos.

Mas elle foi sempre tão esforçado, tão inteiro na fé, e tanto em seu inteiro accordo, que pareceu que para sua salvação as não havia mister. E porque a gente principal do reino acudio toda a el-rei, era a praça tão cheia de gente d'armas, que não cabia nem pelas ruas; e a cidade toda em grande revolta, o confortárão muito que de vista de rumor tão espantoso não tomasse turvação nem escandalo; e elle respondeu: « Eu não me turvo nem escandaliso do que me dizeis; porque, se o posso ou devo dizer, Jesus-Christo Nosso Senhor não morreu morte tão honrada. » E fallando com o confessor, perguntando-lhe se se lançaria, se subio ao outro cadafalso mais alto, d'onde todos o vião; e assentado n'elle com os olhos em Nossa Senhora, encommendando-lhe sua alma, chegou a elle, por detrás, um homem grande, todo coberto de dó, que lhe não vírão o rosto; o qual se affirma não ser algoz e ser homem honrado, que estava para o justiçarem; e por fazer esta justiça em tal pessoa, foi perdoado; e com uma toalha de Hollanda que trazia na mão lhe cobrio os olhos; e com muita honestidade o lançou de costas, pedindo-lhe primeiro perdão, e acabado um espantoso pregão que um rei d'armas dizia, e dous pregoeiros em alta voz davão, o

homem com um grande e agudo cutelo que tirou debaixo da loba, perante todos lhe cortou a cabeça.

E acabado de o assim degollar, se tornou á casa d'onde o duque sahíra por o mesmo corredor, sem ninguem saber quem era; e o pregão dizia assim : Justiça que manda fazer nosso senhor el-rei! manda degollar D. Fernando, duque que foi de Bragança, por commetter e tratar traição, e perdição de seus reinos e sua pessoa real.

E el-rei tinha mandado que, tanto que o duque fosse morto, tocassem o sino de S. Antão; e estando el-rei com poucos, ouvio tocar o sino; e em o ouvindo levantou-se da cadeira e pôz-se em joelhos e disse : « Rezemos pela alma do duque que agora acabou de padecer », e isto com os olhos cheios de lagrimas : e assim em joelhos esteve um espaço, rezando por elle e chorando. E certo o duque recebeu a morte com tanta paciencia, tanto arrependimento e contrição de seus peccados, tanto esforço, e em tudo tão achegado a Deos, que muitos se maravilhárão de tão santamente morrer, porque em sua vida não era havido como na morte mostrou; antes por homem muito mettido nas pompas e cousas d'este mundo, mais que nas do outro; esteve assim o corpo do duque publicamente no cadafalso á vista de todos por espaço de uma hora, e d'alli, sem dobrarem sinos nem haver choro, o cabido da sé, com a clerezia da cidade, com suas cruzes e muitas tochas acesas, o levárão honradamente ao mosteiro de S. Domingos, onde foi suterrado na capella maior. E na côrte não tomou pessoa alguma dó por elle, salvo el-rei, que esteve tres dias

encerrado, vestido de pannos pretos com capuzes cerrados e barrete redondo.

CAPITULO LI

Do que aqui em Santarem acaceu a el-rei de noite.

Nos paços de Santarem, estando el-rei com a rainha na cama, depois de todos repousados, ácerca da meia-noite, dormindo já el-rei, batêrão á porta da camara onde jazia. Acordando, perguntou quem era, e não lhe respondêrão; ficou então enleado, cuidando o que podia ser; d'ahi a pouco tornárão a bater, e elle se levantou mui manso, e vestio um roupão, e tomou uma espada, e uma adarga, e uma tocha acesa na sua mão, e foi muito passo só abrir a porta; e em a abrindo, sentio ir diante si homem, que abrio outra porta, e elle depós elle lhe foi o homem fugindo, abrindo todas as portas até os desvãos dos paços, que é cousa tão carregada, que de dia se carrega qualquer pessoa de andar só por elles, quanto mais de noite, e a taes horas, e mais havendo ahi suspeita que alli sentia cousa má. A rainha bradou alto, e aos brados lhe acudírão mulheres, que a grande pressa chamárão os fidalgos da guarda, e monteiros, que logo acudírão todos com armas e tochas acesas, e forão achar só el-rei nos desvãos buscando todos os cantos d'elles, tão seguro e sem receio, que mais não pudera ser se fôra no meio do dia. E então

perante si fez buscar tudo, sem ficar nada, e não se achou cousa alguma; por onde elle, e todos affirmárão ser cousa passada d'esta vida; e tornou-se el-rei então com todos, fazendo fechar as portas, tão despejado, e o rosto tão seguro e alegre, que todos vinhão espantados. Deu boas noites, e tornou-se a lançar na cama com a rainha, como d'antes jazia, e não deixou por isso de repousar e dormir.

CAPITULO LII

De como se começou o caso em que o duque de Viseu foi contra el-rei.

Em Santarem se começou a praticar e tratar a segunda deslealdade contra el-rei, d'onde se seguio a triste e rebatada morte do mallogrado duque de Viseu. A qual nasceu mais de crer perversos e errados conselheiros, que de sua condição; porque d'el-rei nunca recebeu escandalo nem aggravo, para que com razão lhe devesse de querer mal; mas a má inclinação e o odio dos que o n'isso mettião, mais por seus proprios odios a el-rei, que por desejarem de elle reinar, como lhe fazião crer, com uma esperança vã e desordenado desejo o cegárão de maneira que lhe fizerão esquecer que el-rei era seu natural rei e senhor, e que o criára como filho, e honrára como irmão, e que era seu primo co-irmão, e irmão da rainha sua mulher, filho do infante D. Fernando seu tio. Pelas quaes cousas elle, mais que outra

nenhuma pessoa, tinha razão de com verdadeira lealdade, obediencia, amor, servir e acatar el-rei em tudo o que a sua vida, honra e estado real, e bem de seus reinos cumprisse. E não lhe lembravão que o fizerão metter na conjuração dos primeiros, que a desobediencia e destruição d'el-rei tratavão; e sendo elle n'ella comprehendido e posto em seu poder, el-rei por suas muito grandes virtudes, movido mais de piedade e misericordia, que ira, nem rigor, e havendo tambem respeito á sua pouca idade, e pelo da rainha, não quiz olhar suas culpas, por saber que então não nascião d'elle, e quiz mais perdoar-lhe como pai, que castigal-o como rei; que se então quizera seguir inteiramente a ordem de justiça, por ventura o pudera bem fazer. E não sómente levou então contentamento de lhe tudo perdoar, como atrás fica dito; mas para sua grandeza de animo e real condição, levava el-rei gosto em o aconselhar com amor, e honrar e favorecer; mas tanto bem não aproveitou ao mal que se seguio. Porque o mal afortunado do duque, por algum secreto juizo, não pôde aqui fugir a outros damnados e peiores conselheiros, que fazendo-lhe crer que andava preso e fóra de sua liberdade, com uma esperança de sem razão, e sem causa o fazerem rei, o fizerão inclinar e consentir a contra Deos e toda a razão quererem matar el-rei, seu verdadeiro senhor; e não lhes lembrava, nem elle se queria lembrar, que devia a el-rei a vida, que Deos lhe dera; o que em sua memoria devêra de andar para sempre com verdadeiro amor e lealdade, e não devêra estimar tão pouco aquelle tão real, tão grande e piedoso perdão,

que com puro amor e sem necessidade alguma lhe tinha feito em Evora; mas os grandes peccados de seus diabolicos conselheiros o trazião enleado com tanta indignação, que este tamanho bem lhe fazião crer que era mal. E não lhes lembrando Deos, nem a obediencia, amor e lealdade que a el-rei devião ter, pois era seu natural, e filho d'el-rei D. Affonso, que a muitos d'elles tinha feito grandes senhores e grandes mercês; e assim as grandes virtudes e perfeições d'el-rei, e as muitas e grandes mercês que a muitos d'elles tinha feitas. E esquecidos de si mesmos, de suas honras e vidas, e da nobreza de seus sangues, e assim do grande perigo em que se mettião, tratavão em matar el-rei a ferro, ou com peçonha, e seus reinos tiral-os ao principe seu filho, a quem de direito vinhão, para os ter quem contra justiça e toda razão os queria tomar.

Mas Nosso Senhor Deos, por sua grande misericordia, e pela innocencia e grande devoção d'el-rei, tornou tudo isto ao contrario do que elles tinhão ordenado, e guardou sempre a vida d'el-rei, por quão bem elle guardava a justiça e verdade, e seus mandamentos, e por quão verdadeira fé tinha; que verdadeiramente ver quão só el-rei era, e elles tantos e tão principaes pessoas, e tão chegados a elle, e tantas vezes o commetterem fóra, e em casa, e elle sempre escapar! não é de crer, senão que foi por mysterio de Deos, a que el-rei sempre, primeiro que tudo, sua vida e suas cousas encommendava; e o triste, desastrado e mal afortunado caso foi d'esta maneira, que se segue.

O duque de Viseu pousava fóra da cerca de Santarem,

nas casas do arcebispo de Lisboa, que são junto com o mosteiro de S. Domingos das Donas. E o bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes, digno de muito grande culpa, pois tanta cavallaria, e tantas lettras, fidalguia, rendas e outras muitas e boas partes tão mal soube aproveitar, pousava nas casas de um Affonso Caldeira, junto com o postigo de S. Estevão, d'onde secretamente sahio a fallar com o duque, e com elle D. Fernando de Menezes, seu irmão. E assim forão Fernão da Silveira, escrivão da puridade d'el-rei, e filho do barão d'Alvito, e D. Guterres Coutinho, filho do marechal, a quem el-rei tinha dado havia bem pouco a encommenda de Cesimbra; e D. Alvaro d'Athayde, irmão do conde d'Atouguia, e do prior do Crato, e seu filho D. Pedro d'Athayde, e o conde de Penamacor D. Lopo d'Albuquerque, e Pero d'Albuquerque seu irmão, alcaide-mór do Sabugal. Os quaes todos forão os sabedores e consentidores d'esta deslealdade e traição. Ainda que mui claramente se provou que D. Fernando de Menezes sómente quando pelo duque, com quem vivia, e pelo bispo seu irmão, lhe foi descoberto, lhe pezou muito de o saber, e com palavras de lealdade e muita prudencia, sempre como bom Portuguez e fiel vassallo d'el-rei, o estranhou muito, e contradisse gravemente; porém não o descobrio, por ser criado do duque.

E depois da Pascoa, passados alguns dias, el-rei com a rainha e o principe com sua côrte se partio para Setubal, e foi pelas lesirias a montes, e a caças com muitos banquetes, prazeres, festas, e todos estes com elle, e outra nobre gente.

CAPITULO LIII

De como foi a morte do duque de Viseu.

El-rei foi primeiramente avisado d'este caso por Diogo Tinoco, homem fidalgo, a quem o bispo d'Evora, por ter por manceba uma Margarida Tinoca sua irmã, a que queria muito grande bem, e por confiar muito n'elle, lhe deu d'isso parte. E Diogo Tinoco logo o mandou descobrir a el-rei, por Antão de Faria, e depois o disse por si miudamente a el-rei no mosteiro de S. Francisco de Setubal, vestido em habito de frade, por maior dissimulação. A quem el-rei com palavras e obras muito o agradeceu e satisfez, como tão leal e proveitoso aviso merecia. E lhe deu logo juntamente cinco mil cruzados em ouro, e seiscentos mil réis de renda em beneficios logo nomeados, pelos quaes logo mandou despedir as lettras, mas não houverão effeito; porque antes de despedidas o dito Diogo Tinoco falleceu. E depois foi el-rei de tudo avisado por D. Vasco Coutinho, filho do marechal, e irmão do dito D. Guterres, o qual D. Vasco, por descontentamentos que tinha d'el-rei, estava n'esse tempo despedido d'elle para se ir fóra do reino. E D. Guterres, pezando-lhe da ida do irmão, e havendo por cousa certa a morte d'el-rei, com que sua ida seria escusada, lhe mandou pedir muito, que antes de se partir se viesse com elle em Cesimbra, onde se virão; e D. Guterres,

por lhe não descobrir a causa principal de seu fundamento, lhe disse que o mandára chamar, sentindo muito seu despedimento e partida; e lhe pedio muito que estivesse alli alguns dias, nos quaes trabalharia remediar com el-rei seus aggravos, com que sua ida se escusasse. E porque D. Vasco o não quiz fazer, parecendo-lhe que erão delongas, D. Guterres, pelo segurar, lhe descobrio inteiramente todo o caso; e D. Vasco lhe disse então que ficaria, e seria com elle n'isso. E tanto que o soube, lembrando-lhe sua lealdade e fidalguia, e a longa criação que d'el-rei recebêra, e não os aggravos e pouca mercê que dizia que d'elle tinha recebida, por onde era d'elle despedido, determinou logo, como bom, verdadeiro e leal vassallo, descobrir tudo a el-rei. E mui secretamente, por meio de Antão de Faria, se vio com el-rei, a quem miudamente tudo descobrio, e que o que tinhão determinado era matarem-o a ferro e recolherem o principe por mar a Cesimbra, e que por logo com elle socegarem o reino, o levantarião por rei, e que o seria emquanto o duque quizesse, o que ficaria em sua mão e vontade. E sabendo el-rei tudo isto inteiramente por taes duas pessoas, o dissimulou de maneira que nunca foi sentido, por esperar mais inteira prova; e porém andava mui a recado armado mui secretamente, e sempre com espada e punhal, e a cavallo, e nunca em mula; porém tudo feito com tanta prudencia e dissimulação, que nunca sentírão o que elle sentia. E quando D. Guterres disse ao duque, e aos que com elle erão, como D. Vasco seu irmão se não ia, e era mettido no caso, e que tinha jurado de elle ser o pri-

meiro que lhe puzesse o ferro, disse o bispo D. Garcia :

— Muito me dóe o cabello de D. Vasco!

E andava buscando tempo disposto em que o melhor pudessem fazer, e dizem que uma vez o quizerão matar andando no campo passeando a cavallo, e que el-rei o sentio, e se pôz com as costas na igreja de Nossa Senhora da Annunciada, confiando que por diante ninguem ousaria de o commetter, e assim esteve até que o capitão chegou com os da guarda; e que outra vez o quizerão fazer, e commetter, descendo por uma escada de noite para casa da rainha, e não se acabárão de determinar. E d'ahi a pouco foi el-rei a Alcacer do Sal, e sabendo o duque, e os da conjuração, que havia de tornar por mar em uma barca com poucos, determinárão esperal-o na praia, e ao sahir dos bateis o matarem; el-rei foi logo avisado por D. Vasco que com elles era n'isso. Pelo qual el-rei mudou a vinda por mar, e se veio por terra pela Landeira, mui bem acompanhado da boa gente da sua guarda, que para isso sem algum alvoroço, fingindo outra cousa, mandou aperceber. Porque depois da morte do duque de Bragança, sempre el-rei trouxe guarda da camara e dos ginetes, de que era capitão Fernão Martins Mascarenhas, que n'estes feitos em que a vida d'el-rei e bem dos reinos pendião, sempre servio continuadamente muito bem e lealmente, e pessoa de que el-rei muito confiava. Chegou el-rei a Setubal sexta-feira vinte dous dias do mez de Agosto de mil e quatrocentos e oitenta e quatro. E o duque, sabendo que el-rei vinha por terra, não o esperou em Setubal, e foi-se a Palmella, onde estava aposentado elle e a senhora

infanta sua mãi. E ao outro dia sabbado mandou el-rei chamar o duque a Palmella, o qual dizem que veio com muito pejo, e em se cerrando a noite el-rei o chamou á sua guarda-roupa, que era nas casas que forão de Nuno da Cunha, em que então el-rei pousava, onde o duque entrou só, sem alguma pessoa entrar com elle, e sem se passarem muitas palavras, el-rei por si o matou ás punhaladas, sendo a tudo presentes e para isso escolhidos D. Pedro d'Eça, alcaide-mór de Moura, e Diogo d'Azambuja, e Lopo Mendes do Rio. E esteve assim morto secretamente, sem se ouvir rumor nem cousa alguma, até que el-rei mandou cerrar as portas da villa e pôr n'ellas grandes guardas, e mandar muita gente por fóra da villa guardar os caminhos e mandar em Setubal pregoar grandes e temerosos pregões e fazer muitas e grandes diligencias para se haverem os outros todos da conjuração, que foi uma noite de muito grande terror e espanto, e sobretudo muito grande tristeza, porque quasi a todo Portugal tocava a desaventura d'aquelles que n'isso erão culpados, por serem pessoas tão principaes. Foi o corpo do duque, assim vestido como estava, levado antemanhã á igreja principal da villa, em um cadafalso coberto de pannos de dó; jouve no meio da igreja descoberto á vista de todo o povo até á tarde que o suterrárão.

E de sua morte foi logo feito um auto pelo Dr. Nuno Gonçalves, como juiz, e por Gil Fernandes, escrivão da camara d'el-rei, em que el-rei verbalmente disse as cousas e razões que tivera para matar o duque, que logo forão escriptas, e por ellas logo perguntadas por teste-

munhas o dito D. Vasco e Diogo Tinoco, que com seus ditos approvárão e justificárão a morte do duque.

CAPITULO LVII

Da mudança que el-rei fez no escudo real de suas armas e das novas moedas que mandou fazer.

Em Beja teve el-rei conselho sobre as moedas que havia de fazer, e ainda não tinha feitas; para as quaes anovou e ordenou algumas cousas no real escudo de suas armas. E a primeira mudança foi, que tirou do dito escudo a *cruz verde* da ordem de Aviz, que n'elle por grande erro, como parte de armas substanciaes, andava já incorporada; porque el-rei D. João I, seu bisavô, antes que devidamente e por autoridade apostolica se intitulasse rei dos reinos de Portugal e do Algarve, era mestre de Aviz; e depois de ser rei, tomou por devoção da ordem assentar o escudo das armas de Portugal sobre a *cruz verde* com as pontas d'ella fóra do escudo na bordadura, como ainda em suas obras, e mui excellente sepultura, no mosteiro da Batalha, hoje em dia se vê. E depois, por descuido, ou pouco aviso dos reis d'armas, andou assim muito tempo em vida d'el-rei D. Duarte e d'el-rei D. Affonso; e por tirar isto, que parecia mal, el-rei a mandou então tirar de todo fóra. E assim mandou mudar os cinco escudos de dentro; porque os dous das ilhargas andavão atravessados com as

pontas debaixo para o do meio, que parecia cousa de quebra, e os pôz todos direitos com as pontas para baixo, da maneira em que agora andão.

E n'este anno e tempo se intitulou el-rei primeiramente em seu titulo *Senhor de Guiné*, como agora anda.

E assim fez n'este anno de oitenta e cinco, no mez de Junho, as primeiras suas moedas : *scilicet*, moeda de ouro, a que chamou *justo*, e era de lei de vinte e dous quilates, e de peso de seiscentos réis ; e tinha de uma parte o escudo real direito, com lettra de redor do nome e titulo d'el-rei, e da outra parte el-rei armado de todas armas, assentado em cadeira real, e o sceptro na mão ; e a lettra dizia : *Justus sicut palma florebit*.

E assim mandou fazer outra moeda de ouro, que se chamava *espadim*, que era da lei dos *justos*, e da metade do preço e peso d'elles, que era trezentos réis ; e tinha de uma parte o escudo real, com o nome e titulo d'el-rei, e da outra uma mão com uma espada nua com a ponta para cima, e por lettra de redor : *Dominus protector vitæ meæ, á quo trepidabo;* e estes *espadins* mandou fazer d'este nome, por devoção e lembrança da conquista d'Africa, que sempre com a espada na mão se fez, e prosegue por honra e exalçamento da fé de Nosso Senhor Jesus-Christo.

Fez tambem vintens, e meios vintens de prata, e de cincos de lei de onze dinheiros, e de preço de vinte réis, e dez, e de cinco ; e fez outros *espadins* de cobre, da feição e grandura dos de ouro, e erão prateados, de quatro réis. E assim deu novo crescimento á valia da prata, que mandou geralmente que valesse o marco

d'ahi em diante a dous mil e duzentos e oitenta réis; e a este preço se fizerão os ditos vintens. E assim se lavrárão em seu tempo mais que outra nenhuma moeda os cruzados da propria lei e peso, que ora são; porém valião a trezentos e noventa réis cada um; que os dez réis de mais, com que ora têm valia de quatrocentos, el-rei D. Manoel, que santa gloria haja, lh'os accrescentou na valia no anno de quinhentos e dezesete. E em tempo d'el-rei, valendo a trezentos e noventa, erão tantos em todo o reino, que davão por trocar um cruzado cinco réis, e ficavão em valia de trezentos e oitenta e cinco; e havia no reino, em todas as cidades e villas principaes, trocadores, que ganhavão muito n'isso, os quaes agora não ha; porque dão pelos cruzados, quem os ha mister, a quatrocentos e dez réis.

CAPITULO LXIV

De como el-rei defendeu as sedas e brocados.

E n'este mesmo anno, pelos muitos e demasiados gastos que na côrte e em todo o reino se fazião em sedas e brocados, chaparias, borlados e canotilhos, el-rei, pela grande perda que o reino e seus naturaes n'isso recebião, e por escusar tamanhas despezas, defendeu, e fez ordenança que em todos seus reinos e senhorios nenhuma pessoa, assim homem como mulher, de qualquer estado e condição que fossem, d'ahi em diante não

vestissem mais cousa alguma das sobreditas; sómente os homens poderião trazer gibões, carapuças e pantufos de seda, e as mulheres sainhos e cintas, e bordaduras de seus vestidos. E por se melhor cumprir, el-rei, e a rainha, e o principe, e o duque, nunca mais vestírão sedas, senão nas cousas sobreditas.

CAPITULO LXXVII

Do que el-rei fez indo com a rainha a ver correr touros em Alcochete.

Estando el-rei em Alcochete, indo um dia de casa a pé com a rainha, e damas, e senhores, e muitos fidalgos, a ver correr touros no terreiro junto da igreja, acertou, que mettendo um touro na cancella, fugio do curro e veio por a rua principal, por onde el-rei ia, e diante do touro vinha muita gente, fugindo com grande grita.

Foi o receio tamanho nos que ião diante d'el-rei, que todos fugírão, e se mettêrão por casas e travessas. E el-rei, só, tomou a rainha pela mão, e pôz-se diante d'ella com a capa no braço, e a espada com muito grande segurança; esperou assim o touro, que quiz Deos que passou sem entender n'elle. De que muitos fidalgos e outros homens ficárão mui envergonhados, e elle com muita honra; e foi sorte, que se a el-rei víra fazer a outrem, lhe fizera por isso muita mercê, segundo estimava as cousas bem feitas. E porque D. Jorge de Me-

nezes, seu pagem da lança, que lhe trazia a espada, não vinha pegado com elle, e ficava um pouco atrás com as damas, quando pedio a espada e o não vio, posto que lh'a deu muito prestes, o arrepelou, primeiro que a tomasse.

CAPITULO LXXXIII

Do que el-rei passou com Pero Pantoja em Tavila.

No tempo do soccorro da Graciosa, por se el-rei achar em Tavila sem dinheiro, por lhe tardar de Lisboa da casa da Mina, onde por elle tinha mandado, e cumprir fazer-se logo prestes um navio para ir com um recado, mandou dizer a Pero Pantoja, que lhe agradeceria mandar-lhe emprestar, por sete ou oito dias, mil justos, que erão seiscentos mil réis, os quaes lhe Pero Pantoja logo mandou e lhe offereceu muito mais que tinha, pedindo-lhe muito por mercê que o não tomasse d'outrem senão d'elle, pois quanto tinha sua alteza lh'o dera; o que el-rei muito agradeceu.

E d'ahi a cinco dias veio o dinheiro que el-rei esperava, e mandou logo dar a Pero Pantoja setecentos mil réis, e elle os não quiz tomar, e se veio logo aggravar a el-rei, dizendo que pois servia sua alteza com tão verdadeira vontade, e tinha para o servir muito, de que lhe elle fizera mercê, que, como lhe dava ganho do seu dinheiro em cinco dias que o tivera, que não se faria mais a um mercador cobiçoso!

El-rei lhe respondeu:

— Ora pois que vos aggravais, tomai oitocentos mil réis, e se mais fallais palavra, tomareis novecentos mil; — e mandou-lhe dar oitocentos mil réis, emprestando-lhe seiscentos mil; que d'esta maneira agradecia os serviços que lhe fazião, e tambem por isso, quando lhe cumpria dinheiro, sem interesses lh'o emprestavão.

CAPITULO C

Do que el-rei fez no feito do carcereiro João Baço.

Em Lisboa, no Limoeiro, estava preso um homem estrangeiro muito rico, e estava julgado á morte; concertou-se com o carcereiro, que se chamava João Baço, e por seu consentimento se fez muito doente, e confessado, e feito seus autos, fez que morria. Vierão homens por elle em uma tumba, e o levárão a enterrar, indo vivo e são, e da igreja fugio, e se salvou, e o carcereiro se pôz em salvo.

Quando o el-rei soube, houve d'isso desprazer, e mandou pôr tanta diligencia, que houve o carcereiro á mão; e desejando muito de o castigar, quiz estar, ao julgar de seu feito, com certos desembargadores, os quaes forão differentes nos votos, tantos de uma parte, como da outra. Que uns o julgárão á morte, e outros o remettião ás ordens, e disserão a el-rei:

— Senhor, agora fica o feito em vossa alteza sómente, para o castigar como quizer.

Elle ficou um pouco cuidoso sem fallar, como homem a que pezára muito com isso, e disse:

— Eu certo desejava muito castigar este homem, por o caso que fez ser feio; porém pois sois tantos a uma parte, como a outra, a rei não pertence senão ir á parte da clemencia, e dar a vida, e eu sou em lh'a dar, e dou a isso meu voto, desejando muito o contrario.

CAPITULO CIII

Do que el-rei disse a um homem que lhe dizia mal de outro.

Um homem honrado disse um dia a el-rei mal de outro, dizendo que sendo casado com uma muito honrada e muito boa mulher, era tão máo, que tinha vinte mancebas.

Perguntou-lhe el-rei:

— Quantas dizeis que tem?

Respondeu:

— Senhor, vinte.

Disse el-rei:

— E isso provar-lh'o-heis vós?

E elle se affirmou que sim.

El-rei lhe disse:

— Ora i-vos embora, que quem tem mancebas, não tem manceba.

E isto lhe respondeu, por não dar orelhas a mexeriqueiros, e tambem porque não se póde manter mais de uma manceba, e o al é ser um homem amigo de mulheres.

CAPITULO CXII

De como foi mudado o mosteiro de Santos.

Aos cinco dias de Setembro d'este anno de quatrocentos e noventa, mandou el-rei mudar ou trasladar o mosteiro de Santos, que estava em Santos o velho, onde ora são os paços, além de Boa Vista, para o lugar onde ora estava, que é Santa Maria do Paraiso, entre o mosteiro de Santa Clara e o mosteiro da Madre de Deos. O qual mosteiro é da ordem de Santiago e el-rei o mandou alli fazer de novo, e as reliquias dos martyres que no mosteiro velho estavão forão lá levadas em uma tumba dourada, e a commendadeira que se chamava Violante Nogueira, mulher de muita virtude e honestidade, e assim todas as donas do convento forão no dito dia levadas a pé, com solemne procissão do cabido e todas as ordens e cruzes, ao dito mosteiro, no qual sempre vivêrão honestamente.

CAPITULO CXXVII

Dos ricos momos que el-rei fez na sala da madeira, para desafiar a justa.

Logo á terça-feira seguinte, houve na sala da madeira muito excellentes e singulares momos reaes, tantos, tão ricos e galantes, com tanta novidade e differenças de entremezes, que creio que nunca outros taes forão vistos. Entre os quaes el-rei entrou primeiro para desafiar a justa que havia de manter com invenção e nome do Cavalleiro do Cirne; e veio com tanta riqueza e galantaria quanta no mundo podia ser. Entrou pelas portas da sala com nove bateis grandes; em cada um seu mantedor, e os bateis mettidos em ondas do mar feitas de panno de linho e pintadas de maneira que parecia agua. Com grande estrondo de artilharia que tirava, e trombetas, atabales, e menestreis altos que tangião, e com muitas gritas e alvoroços de muitos apitos de mestres, contramestres e marinheiros vestidos de brocados e sedas, com trajos de Allemães, e os bateis cheios de tochas e muitas velas douradas acesas com toldos de brocado e muitas e ricas bandeiras. E assim vinha uma náo á vela, cousa espantosa, com muitos homens dentro e muitas bombardas, sem ninguem ver o artificio como andava, que era cousa maravilhosa. O toldo e toldos das gaveas de brocado, e as velas de tafetá branco e rôxo, a cordoalha

de ouro e seda, e as ancoras douradas, e assim a náo como bateis com muitas velas de cêra douradas, todas acesas, e as bandeiras e estandartes erão das armas d'el-rei e da princeza, todas de damasco e douradas; e vinhão diante do batel d'el-rei, que era o primeiro sobre as ondas, um muito grande e formoso cirne, com as pennas brancas e douradas; e após elle, na prôa do batel, vinha o seu cavalleiro em pé, armado de ricas armas e guiado d'elle, e em nome d'el-rei sahio com sua falsa, e em joelhos deu á princeza um breve conforme a sua tenção, que era querêl-a servir nas festas de seu casamento, e sobre conclusão de amores, desafiou para justas de armas com oito mantedores a todos os que o contrario quizessem combater. E por rei d'armas, trombetas e officiaes para isso ordenados, se publicou em alta voz o breve e desafio com as condições das justas e grados d'ellas, assim para o que mais galante viesse á têa, como para quem melhor justasse. E acabado, os bateis botárão pranchas fóra e sahio el-rei com seus riquissimos momos, e a náo e bateis, que enchião toda a sala, se sahírão com grandes gritos e estrondo de artilharias, trombetas, atabales, charamelas e sacabuxas, que parecia que a sala tremia e queria cahir em terra.

El-rei dansou com a princeza e os seus mantedores com damas que tomárão, e logo veio o duque com fidalgos de sua casa com outros riquissimos momos. E veio outro entremez muito grande, em que vinhão muitos momos, mettidos em uma fortaleza, entre uma rocha e matta de muitas verdes arvores e dous grandes selvagens á porta, com os quaes um homem d'armas pelejou

e desbaratou, e cortou umas cadêas e cadeados que tinhão cerradas as portas do castello, que logo forão abertas, e por uma ponte levadiça sahírão muitos e mui ricos momos; e em se abrindo as portas, sahírão de dentro tantas perdizes vivas, e outras aves, que toda a sala foi posta em revolta, e cheia de aves, que andavão voando por ella, até que as tomavão. E sahido este grande e custoso entremez, veio outro, em que vinhão vinte fidalgos, todos em trajos de peregrinos, com bordões dourados nas mãos e grandes ramaes de contas douradas ao pescoço, e seus chapéos com muitas imagens, todos com mantéos, que os cobrião até o joelho, de brocados, e por cima com remendos de velludo e setim; e dado seu breve, deitárão os mantéos, bordões, contas e chapéos no chão, e ficárão ricamente vestidos todos de rica chaparia; e os mantéos, e todo o mais, tomavão moços da camara, e reposteiros, e chocarreiros, quem mais podia, e valião muito, que cada mantéo tinha muitos covados de brocado. E assim vierão outros muitos e ricos momos, que não digo, com singulares entremezes, riquezas, galantaria, e muitos com palavras e invenções de ardileza aceitavão o desafio com as mesmas condições, e dansárão todos até antemanhã; e foi tamanha festa, que se não fôra vista de muitos, que ao presente são vivos, eu a não ousára descrever.

E á quarta-feira o principe e a princeza, com muita pompa e grande estado, se forão aposentar no meio da praça, e tambem a rainha, que andava mal sentida, para d'ahi verem as justas. E á tarde partio el-rei de seus paços, e foi tomar a têa com tanta realeza, e tantas

novidades, e ceremonias de grandeza, como nunca outra se vio tomar.

El-rei, com seus mantedores, foi descer á fortaleza já de noite, onde todos cêárão com elle em mesas junto da sua; e todos dormião no castello, e comião com elle, e dentro tinhão suas armas, e muitos cavallos sempre sellados, e elles armados a gyros, para que em vindo o aventureiro, tanto que o facho fosse derribado, sahissem com muita diligencia, sem detença alguma; e assim se fazia, e fez, emquanto as justas durárão.

CAPITULO CXXVIII

De como el-rei deu sua mostra, e do grande estado, e riqueza, e invenções que trazia.

E á quinta-feira, depois de comer, fez el-rei sua mostra com seus oitenta mantedores, e após elle a fizerão todos os aventureiros, que passárão de cincoenta. Nos quaes todos em cavallos, arnezes, paramentos, cimeiras, lettras, e lanças, moços de esporas, e todas as outras cousas de justa, houve tanta riqueza, galantaria, invenções, tudo em tanta perfeição, que muitos justadores velhos, e de muitas partes, que ahi erão, que já vírão outras muitas justas reaes, se maravilhárão muito d'estas, e dizião que nunca tal cousa cuidárão de ver.

Sahio el-rei da fortaleza com seus oito mantedores, os quaes erão o prior de S. João de Castella, Valençolla, e

D. Diogo de Almeida, João de Souza, Ayres da Silva, camareiro-mór, D. João de Menezes, monseor de Veopargas, Francez, Alvaro da Cunha, estribeiro-mór, e Ruy Barreto, com grandissimo estado e estrondo, tudo em tanta realeza, que se não póde dizer tão inteiramente como foi.

Sahírão primeiramente grande somma de trombetas bastardas, vestidos de ricas sedas das côres d'el-rei, e muito bem encavalgados. E após elles, vinhão dous grandes e altos cadafalsos, com rodas por dentro, que homens fazião andar, sem ver-se como andavão, os quaes erão ricamente pintados de ouro, e muito bem feitos, e ordenados com muitas e ricas bandeiras, todos cheios de atabaleiros com os atabales pelas bordas dos cadafalsos da parte de fóra, que fazião tamanho ruido, por serem tantos, que se não ouvia ninguem, e os atabaleiros vinhão todos sem figuras de homens. O carro primeiro erão todos feitos de feição de bugios, tão naturaes, que ninguem os teve por homens; e o outro em figura de leões reaes, com as felpas douradas muito naturaes, e com os atabales todos dourados, que parecia muito bem. E detrás dos cadafalsos vinhão muitas charamelas e sacabuxas ricamente vestidos. Após elles vinha um gigante muito grande e espantoso, armado de todas as armas douradas, com um escudo em uma mão, e em a outra uma grande facha, tão natural, que parecia vivo, e passava de trinta palmos de alto. E vinha em cima de uma muito grande azémola, que para isso se buscou, vestida em pelles de ussos, e tão natural, que cuidavão que era usso, com uma sella, e guarnição de estranha

maneira, e derredor do gigante muitos homens de armas a pé, com alabardas douradas nas mãos, que parecião muito bem. E então vinhão muitos porteiros de maça, muitos officiaes, todos ricamente vestidos e encavalgados; e após elles o porteiro-mór, e depois quatro mestres salas, e atrás o mordomo-mór, todos com opas roçagantes de ricos brocados, e telas de ouro com ricos forros; e após elle vinhão muitos cavallos á destra com riquissimos paramentos, e mui singulares armas, e os moços de estribeira, que os levavão todos vestidos de brocado. E diante d'el-rei vinha um seu pagem, que se chamava D. Jorge de Castro, moço muito formoso e gentilhomem, armado, e todo cheio de ouro e pedraria, com uma guirlanda de pedraria na cabeça, e diante um pennacho branco de garça, e vinha em cima de um muito grande e formoso cavallo com muito grandes paramentos de tello de ouro, e forrados de muito ricas martas zevrinas, e os paramentos erão tamanhos, que para o cavallo poder andar os levavão levantados do chão e afastados doze moços de estribeira, vestidos de brocado de pello, que fazião um grã terreiro, e era formosa cousa para ver. E então vinha el-rei armado de riquissimas armas, com corôa real no elmo, e sua cimeira rica e galante, em tanta maneira, quanto no mundo podia ser, com mui riquissima pedraria e perlas, e o cavallo muito formoso, e em extremo rico, com tantos canotilhos e chaparia, que o brocado rico e ricas telas era o de que se fazia menos conta; e derredor d'el-rei quarenta moços de estribeira muito bem dispostos, vestidos todos de brocado de pello.

E após el-rei vinhão os mantedores mui ricamente ataviados, com riquissimos paramentos de brocados e telas ricas, sedas, bordados, entretalhos, e com muitos moços de esporas, vestidos de sedas, um e um detrás d'el-rei, que d'esta maneira fez sua mostra, e deu uma volta á praça com este grande triumpho, que verdadeiramente foi cousa muito para desejar ver, e receiar descrever.

E tanto que el-rei foi recolhido ao castello com seus mantedores, veio logo o duque com sete aventureiros, fidalgos de sua casa, com grande somma de trombetas, atambores, charamelas e sacabuxas, e entremezes diante, com muita riqueza e glantaria, e após elle os outros aventureiros, todos com tão ricos e galantes paramentos, e entremezes, e invenções, tantos brocados e telas, tanta chaparia e borlados entretalhados, e tanta riqueza, que me parece que dia de tamanha e tão galante festa nunca foi visto tal. E n'este dia houve ahi começo da justa, e não foi mais, por logo anoitecer; ainda que, pela grande claridade do castello, e as muitas e grandes luminarias da praça, que toda a noite ardião, a têa, e a praça era tudo tão claro que podião justar como na metade do dia.

E com este dia de quinta-feira justárão quatro dias continuos até o domingo, nos quaes dias nevou muito, e fizerão grandes frios; porém a neve não fazia nojo á têa, por ser a praça toldada. E a justa foi muito bem justada, e derão-se n'ella muitos e grandes encontros, sem haver perigo algum.

CAPITULO CXXXI

De como o principe e a princeza entrárão em Santarem.

Aos quatorze dias do mez de Junho, em que o principe e a princeza entrárão em Santarem, primeiro que el-rei e a rainha, o principe e a princeza, depois de ouvirem missa em Almeirim, acompanhados de grandes senhores e nobre gente, forão jantar ao casal de Lopo Palha, que é junto do Tejo, acima de Santarem, onde soía estar uma lesiria de grandes arvoredos, que o Tejo depois levou. E ahi forão armadas muitas e ricas tendas, em que se todos agasalhárão, e forão banqueteados com grande abastança e perfeição. E depois de repousarem, embarcárão ahi, e houve um singular recebimento d'albertoças, barcas, e bateis, e outros muitos navios, que para isso ahi forão vindos, toldados em grande perfeição. E o principe e a princeza, com suas damas e muitos senhores, embarcárão em uma grande alivadoira, toda toldada de brocado com muitas bandeiras de seda, e alcatifada, e muitas almofadas de brocado, e bateis que a levavão á tôa, com os remeiros todos vestidos de libré das côres da princeza, e os bateis muito embandeirados e pintados todos, e os remos mui enramados, e n'elles muitas folias de homens e mulheres, muito bem vestidos das côres da princeza, e muitos entremezes e festas. E em o principe embar-

cando, sahio o conde de Abrantes de uma ponta, onde estava escondido com grande somma de barcas e bateis muito embandeiradas e enramadas, e todas com muitas bombardas, que tirárão, e com muitas trombetas e atambores, e grandes gritas, que pareceu muito bem. E com estes bateis e barcas, e outros muitos, era o rio coberto d'elles, todos com folias, prazeres e entremezes, e muitas trombetas bastardas, muitos atambores, muitas charamelas e sacabuxas, muitas infindas bombardas, que foi muito alegre festa, por ser no Tejo; e ao sahir d'agua estava feito um grande cadafalso ricamente toldado, armado e alcatifado, com degráos mettidos n'agua, por onde todos sahião sem tocar n'agua, no qual estavão os regedores da villa; e ao sahir d'agua foi feita uma arenga em nome da villa; e acabada, o principe e a princeza se puzerão debaixo de um pallio de rico brocado, que os regedores levavão. E com grande estrondo de trombetas e atabales, charamelas, e sacabuxas, e muitos tiros de fogo do rio, e outros muitos, que estavão no muro e torres de Alcaçova, começárão de andar.

Os muros e toda a villa era caiada, e toda armada, e muitas infindas bandeiras, e as ruas espadanadas, e muita e rica tapeçaria, as janellas com signaes de muita alegria que então todos tinhão.

Forão assim pela ribeira e calçada descer a santa Maria de Marvilla; e depois de fazerem orações, tornárão a cavalgar, e se forão aos paços. E ao outro dia entrou el-rei e a rainha sem pallio, porque já na villa forão com elle recebidos. E n'estes primeiros dias

houve muitas festas, e pelos officiaes da villa, e os judêos e mouros d'ella, se derão á princeza grandes presentes de vaccas, carneiros, gallinhas, e capões, patos e muitas caças, tudo levado em grandes carros até o paço com muitas festas e prazeres de alegria; e assim houve logo muitos touros com muitos galantes a elles.

E depois d'el-rei e a rainha, o principe e a princeza estarem em Santarem, todo o mais do tempo se gastava em festas, prazeres e alegrias, havendo muitos serões de sala, e assim dansas ás mesas, e muitos touros com muitos galantes a elles ricamente ataviados. E dia de São João houve singulares e muito ricas cannas reaes, em que jogou el-rei e o principe, e todos os senhores que na côrte estavão, e muitos fidalgos, que passárão de duzentos de cavallo, com riquissimos arreios e atavios, todos vestidos de brocados e de ricas sedas, muitos borlados, entretalhos, e canotilhos com muita galantaria, e mui gentis invenções.

El-rei, com grande estado real, e o principe sahírão pela manhã cedo com a rainha e princeza, e todas as damas com muita riqueza vestidas e concertadas; e forão ao campo de Alvisquer, na ribeira de Santarem, a colher ramos verdes, e em uma horta tinhão umas grandes casas feitas de rama muito concertadas e embandeiradas, em que havia muitas mesas para el-rei e a rainha, principe, princeza e para todos, em que depois das cannas jogadas se deu um muito bom almoço; e tanto que as ramas, e muitas capellas de hervas cheirosas, que ahi tinhão, forão tomadas, el-rei com todos

se foi ao campo; e indo por elle lhe sahio o duque D. Manoel, irmão da rainha, de uma cilada com doze fidalgos da sua casa, todos vestidos de uma maneira de brocados, e ricas sedas, e muito galantes, á mourisca com suas lanças nas mãos com bandeiras, e as adargas embraçadas, com grande grita como mouros. E os corredores d'el-rei, que diante erão, como ião descobrir terra, vierão todos fugindo e bradando alto :

— Mouros, mouros!

El-rei com todos partio logo para elles, e houve uma galante escaramuça, que pareceu muito bem, e por ser cousa que se não sabia senão el-rei. E o duque com muito prazer quiz beijar as mãos a el-rei e á rainha, ao principe e princeza, e não lh'as quizerão dar, e de todos foi recebido com grandissima honra, que vinha então da sua villa de Thomar ás mesmas cannas.

Concertou logo el-rei, e repartio a gente, e suas bandeiras, e alferes: el-rei e o principe de uma parte, e da outra o duque e muitos senhores, e principaes fidalgos repartidos, e começárão logo de jogar; as quaes cannas forão em extremo ricas, e muito bem jogadas; e cahindo n'ellas muitos homens grandes quédas, e entre tantos não houve nenhum desastre, nem perigo algum.

CAPITULO CXXXII

De como foi a triste morte do principe.

N'estas e outras festas andárão sempre até segunda-feira, onze dias de Julho, em que el-rei e o principe se passárão a Almeirim, a correr montes, e tornárão no mesmo dia. E o principe, depois de recolhido á casa da princeza, ao outro dia, terça-feira, lá se vestio em sua casa, e com ella ouvio missa, e comeu, e repousou a sesta. E na mesma terça-feira, doze dias de Julho do dito anno de mil e quatrocentos e noventa e um, á tarde, el-rei quiz ir nadar ao Tejo, como muitas vezes fazia nos verãos, apartado com alguns aceitos a elle, e tinha na guarda-roupa apparelho para isso, de bragas, e ceroulas, e pannos de cobrir, e enxugar; que todas as cousas de homem folgava de fazer. E mandou recado ao principe, se queria ir com elle, como sempre tambem ia e nadava; e elle lhe mandou dizer que se achava cansado dos montes do dia passado. E quando el-rei desceu, parecendo-lhe que o principe estava mal sentido, perguntou por elle á porta da princeza, e o principe lhe veio fallar á porta, assim como estava na sesta. Foi-se el-rei, e do terreiro de fóra olhou para as janellas da princeza, e vio o principe e ella estar ambos a uma janella assentados: tirou-lhes o barrete, e

elles se levantárão, e lhe fizerão grandes mesuras, e el-rei abalou para o Tejo. O principe vendo que el-rei o viera ver á porta, e depois lhe fallou á janella, por cima de lhe mandar dizer, e dizer que estava cansado, pareceu-lhe bem ir com elle; e vestio-se depressa e mandou pôr uma mula, e vindo já vestido, a mula não era vinda; achou ahi um seu ginete, muito formoso fouveiro, em que então cavalgára o seu estribeiro-mór; e por alcançar el-rei, cavalgou n'elle, e se foi depressa com poucos que com elle erão; e foi cousa para notar, e de mysterio, que sendo em tempo de tamanhas festas, e tantos brocados e sedas, o principe sahio vestido com um pellote, e tabardo aberto de panno preto tosado, e gibão de setim preto; e o cavallo com uns cordões, e topeteira, e nominas de seda preta, que não me lembra que outras taes visse, e um caparação de velludo preto; que verdadeiramente a differença do que antes vestia, e então vestio, e como achou o cavallo ataviado, forão mui claros signaes da grande desaventura que lhe ordenada estava. Alcançou el-rei, e foi com elle até o Tejo; e costumando de nadar sempre, quando el-rei nadava, então o não quiz fazer, e começou de passear pelo campo, e lançar o ginete, por ser de singular redea, e muito ligeiro; e commetteu a D. João de Menezes, o que morreu em Azamor, primeiro capitão que n'elle houve, homem de muito merecimento, e de muito boas qualidades, que corressem ambos uma carreira; de que D. João se escusou, por ser já noite. Desceu-se então o principe para cavalgar na mula, que mandára trazer; e em subindo n'ella, lhe quebrou o loro do

estribo, por onde tornou a cavalgar no cavallo, e apertou então com D. João, que todavia corressem. E D. João pela muita vontade que para isso lhe vio, o fez, e o tomou pela mão; e correndo assim ambos á carreira, na força de correr, o cavallo do principe cahio, e o levou debaixo de si, onde logo em proviso ficou como morto, sem falla, e sem sentidos. E D. João, vendo tão grande desastre, e tão grande desaventura, como chegárão ao principe muitos senhores e fidalgos, desappareceu, e se foi com muita tristeza, e esteve annos sem vir á côrte, até que por mandado d'el-rei veio. Tomárão logo o principe nos braços, e mettêrão-o na primeira casa que achárão, que era de um pobre pescador em Nalfange; e tanto que a triste e desastrada nova derão a el-rei, veio logo a grande pressa. E quando achou um só filho que tinha, que criára com tanto amor, tanto receio, tanto contentamento, por ser o mais singular principe que no mundo se sabia, em que se el-rei revia, e queria tão grande bem, que um só dia não podia estar sem o ver, nem tinha outro descanso senão sua muito estimada vista e conversação, ficou em tão grande extremo triste e desconsolado, que se não póde dizer nem cuidar; dizendo sobre o filho tantas lastimas, e palavras de tanta dôr e tristeza, que o não podia ouvir ninguem sem muitas e tristes lagrimas. Foi logo dada a lastimosa e desastrada nova á rainha sua mãi, e á princeza sua mulher; as quaes assim como a dera, sahírão como desatinadas a pé, e em mulas alheias, que achárão, e o senhor D. Jorge, filho d'el-rei, com ellas, com mui pouca companhia, forão, como fóra de seus senti-

dos, até chegarem á pobre e triste casa onde o principe jazia. O qual achárão como morto, que com quantas palavras de amor, de amargura e desconsolação lhe ambas disserão, a nenhuma não acudio, nem mostrou algum sentimento. De que as tristes, mãi e mulher, ficárão tão cortadas e trespassadas com tão grandissima tristeza, que ellas sentião a dôr e dôres que elle já não sentia. El-rei, por cima de tanta tristeza, fez logo ajuntar os physicos todos, e com muita segurança esteve com elles, e ordenando-lhe quantos remedios sabião; e com estes primeiramente buscou os de Deos, mandando logo por todos os mosteiros e casas virtuosas fazer devotas procissões, e muitas e continuas devoções, e muito grandes promettimentos, que se então promettêrão, em que entrou D. Pedro da Silva, commendador-mór de Aviz, que prometteu de ir a Jerusalem, o que fez logo; e outros a outras muitas romarias. E estando todos assim esperando na misericordia de Deos, que por ser quéda tornaria a seu accordo, passárão aquella noite toda em tristes lagrimas e soluços, e continuas orações.

Todas as pessoas nobres, e a outra gente toda era ahi junta, com tantas e doridas lagrimas, lamentações, que mais não puderão ser, sendo o principe filho de cada um; pedindo todos a Deos sua vida e saude, como as suas proprias vidas. E por todos se fez logo uma muito grande e mui devota procissão, com toda a clerezia, reliquias e cruzes; e todos descalços, e alguns nús, andárão por todos os mosteiros e igrejas, onde todos em joelhos, e com muitas lagrimas, e grandissimos gritos

bradavão: « Senhor Deos, misericordia! » cousa que fazia tremor, espanto e grandissima tristeza.

El-rei, a rainha e princeza estiverão sempre com o principe até o outro dia, quarta-feira, uma hora da noite, que el-rei foi informado e certificado de todos os physicos que o principe morria, e acabaria logo de se finar. A qual nova el-rei deu á rainha e princeza, que estavão pegadas com elle, beijando, e tendo-lhe as mãos, e ellas a recebêrão com tão grandissima dôr, que se não póde escrever. El-rei chegou ao principe, e beijou-o na face, e para sempre lhe deitou sua benção, e tomou a rainha e a princeza pelas mãos, que as não podia desapegar d'elle, e com ellas se sahio fóra da casa, e deixou o filho em poder do confessor, e de outros physicos da alma, e á porta virou el-rei atrás, e disse aos que na casa estavão: « Ahi vos fica o principe meu filho! » sem poder dizer mais palavra. E com isto se levantou entre todos um muito grande e muito triste e desaventurado pranto, dando todos em si muitas bofetadas, depennando muitas e mui honradas barbas e cabellos, e as mulheres desfazendo com suas unhas e mãos a formosura de seus rostos, que lhe corrião em sangue... cousa tão espantosa e triste, que se não vio, nem cuidou! A este tempo chegou o duque seu tio, que de Thomar acudio á triste nova, o qual em extremo ao principe amava, porque sempre se criárão ambos em uma mesa e uma cama; e fazia tamanho pranto com tão grande sentimento e tristeza, que comquanto elle ficava então por herdeiro d'estes reinos, deixára n'aquella hora outra maior successão pela vida e saude do principe. E logo el-rei se foi

d'alli a pé, e a rainha e princeza, como mortas, levadas, e atravessadas em mulas ás casas de Vasco Palha, que são na mesma ribeira. E acabando todos de se recolher, veio a el-rei recado, e a muito mortal nova, que elle já esperava, que o principe seu filho, depois da derradeira unção, lhe sahíra a alma do corpo. Morreu em idade de dezeseis annos e vinte dias, parecendo no corpo, na barba, no saber, siso e socego homem de vinte e cinco annos. Foi casado sete mezes e vinte e dous dias. E sendo criado com tanto amor e prazer, tanta estima e estremecimento, e tanta gloria mundana, que todos desejavão de o trazer sobre suas cabeças, o vírão em um instante debaixo dos pés de uma besta! E o que n'aquelle dia e os outros todos estava em camaras reaes, armadas de ricos brocados e alcatifas, não teve, nem lhe puderão então achar outra camara, senão uma triste casa de um pobre pescador! E aquelle que entre os principes do mundo e os homens de toda Hespanha era havido por mais gentilhomem, n'aquella hora foi desfigurado, e sua mui grande formosura em breve tornada em terra! E os seus tão alegres e graciosos olhos, com que todos recebião tanto contentamento e alegria, n'aquella hora forão quebrados, e para sempre sem vista, e perante el-rei seu pai, a triste rainha sua mãi, e a desconfortada princeza sua mulher! E a sua doce boca, de que tão doces, brandas e gostosas palavras cahião, e de que muitos recebião favor e contentamento, n'aquelle momento ficou para nunca mais fallar! E as suas formosas e reaes mãos de tantos cada dia beijadas, pelas grandes e muitas mercês que fazia, como em tão pouco espaço

forão tornadas em pó! E as orelhas tão costumadas a ouvir singulares e doces musicas, e praticas de prazer, como se tornárão surdas, sem ouvir as grandes lastimas d'el-rei, e a rainha, e princeza, e os muitos grandes gritos e desesperados prantos que todos por elle faziào! E os narizes criados em tantos cheiros, tanto ambar e almiscar, tantas pastilhas caçoilas e pivetes, e tantas aguas cheirosas, estoraques, beijoins, e outros muitos perfumes, como forão acabar no cheiro das sujas redes das espinhas e escamas da casa de um pescador! E os seus singulares cabellos, que tanto ajudavão sua gentileza, que foi d'elles, onde estão! E o que todos tinhão por verdadeira esperança e paz, socego e amparo, em um nada foi desesperado de saude, e todos desamparados d'elle! E aquelle excellente principe, por quem tão grandes e reaes festas se fizerão, que outras taes não se virão, e que pelo seu todos andavão alegres, e vestidos de brocados e ricas sedas, em quão breve tempo tornou os brocados em burel, e as sedas em almafega e vaso, e os prazeres e alegria em muito grandes e tristes prantos, não sómente em Portugal, mas ainda em toda Hespanha! E a sua muito branda e doce conversação, tão grande conforto d'el-rei seu pai, da rainha sua mãi, e da princeza sua mulher; e tanta esperança dos que o servião, e conversavão em campo, foi desconversavel, e para sempre apartado da conversação de todos! E aquelle tão real casamento, tantos annos desejado, tantas vezes commettido, com tanto gosto e prazer de toda Hespanha acabado, como foi em sete mezes por tão desastrado caso apartado para sempre! E o que era natural, e pri-

meiro cedro d'estes reinos, e o segundo de Castella, em quão poucas horas perdeu tamanhas heranças! E seu pai com tanta tristeza, nojo, desconsolação, herdou d'elle o grande dote, que com tanto prazer e alegria lhe tinha dado havia tão pouco tempo! Cousas bem para lembrarem, e os reis e grandes principes terem sempre na memoria. Oh! Senhor Deos Eternal, quão incomprehensiveis são teus secretos! Oh! quem pudesse saber teus juizos! E que peccados podia ter uma tão angelica creatura, e de tão pouca idade, para tão supito, sem confissão, nem communhão, tão desastrada morte morrer! Se disseramos que pelos do pai, sua vida foi sempre tão virtuosa, de tantas perfeições, e tão amigo de teu serviço, que era para dar vida a muitos filhos e filhas, quanto mais a um só, e tal como este? Se era por peccados do povo, nenhuns lhe sabiamos publicos! Tu, Senhor, que o fizeste, sabes a causa porque: e porque nós sem ti não podemos saber nada, teu nome seja para sempre louvado.

El-rei estando muito mais anojado do que se póde dizer, nem cuidar, por perda de tal filho, em que perdeu toda a sua consolação e prazer, se doía em grande maneira, e sentia sem comparação a grande dôr e mágoas da rainha e princeza. E porque a dolorida e lastimosa nova do principe ser já morto poderia ser, que sabendo-a de outrem, seria risco de suas vidas, lh'a quiz dar primeiro que ninguem. E com muita segurança e socego, e os olhos bem enxutos das continuas lagrimas que chorava, com seu muito grande esforço e prudencia se foi primeiro á casa da princeza, que achou deitada como

morta no chão; e depois de a fazer levantar, com palavras de pai verdadeiro, e de rei tão virtuoso, lhe quiz dar os confortos de que elle mais que ninguem tinha necessidade, attribuindo tudo em dar graças e louvores a Nosso Senhor, pois elle d'isso era servido. E deixando a princeza, se foi logo á rainha e lhe deu a mortal nova, pedindo-lhe muito pelo seu amor que houvesse paciencia, e conformasse sua vontade com a de Deos; que pois elle fòra servido de lhe assim levar seu filho, fosse seu nome louvado. Isto tão inteiro e dissimulado, por confortar a rainha, como se elle não fôra o principal na tristeza e na dòr e sentimento, nem o pai que n'aquella hora perdêra o mais excellente filho que no mundo se sabia, e d'elle muito mais amado do que nunca filho foi de pai. A rainha, como muito virtuosa que era, pelo grandissimo amor que a el-rei tinha, vendo que na perda do filho não havia já remedio, o quiz buscar para a vida d'el-rei, de que tanto receio tinha como elle da sua. E com muita seguridade não sómente tomou os confortos d'el-rei, mas ainda como mulher mui inteira o queria confortar, com seu rosto mui seguro, e com seus olhos mui enxutos, e suas palavras mui temperadas, de que el-rei ficou algum tanto alliviado. E era tamanho o bem que se querião, que, por confortar um ao outro, como estavão juntos, não havia ahi chorar; e como erão apartados, as lagrimas e palavras de lastima erão tantas, que não havia quem os pudesse ver, sem chorar muito com elles. Foi logo o corpo do principe, depois das exequias feitas, concertado e mettido em um ataúde, e pelo marquez de Villa Real, e outros senhores e honrados fi-

dalgos levado com muita dôr e tristeza ao mosteiro da Batalha, e foi sepultado na casa do capitulo, junto d'el-rei D. Affonso, seu avô, onde ainda agora jaz. El-rei, por tamanha perda, tamanho nojo e sentimento, se trosquiou; e elle e a rainha se vestírão de muito baixo panno negro. E a princeza trosquiou os seus prezados cabellos, e se vestio de almafega, e a cabeça coberta de negro vaso. E na côrte, e em todo o reino não ficou senhor, nem pessoa principal, nem homem conhecido, que se não trosquiasse. E todos forão vestidos de argáos de burel e almafega, e muitos homens cingidos com baraços, e seus gibões e pellotes abotoados com atacas de couro, sem parecer fita, nem seda. E a gente pobre, que não tinha com que comprar burel, que valia a trezentos réis a vara, muitos tempos andou com os vestidos virados do avesso; que pelo grande amor que todos tinhão ao mal logrado do principe, e a el-rei seu pai, e á rainha sua mãi, e pela muita dôr e grandissima tristeza que n'elles vião, e o caso ser de tamanha desaventura, foi a mais sentida morte e os maiores prantos geraes na côrte e em todo o reino, quaes nunca forão vistos de homens, e mulheres, velhos, e moços, e meninos, que em todos havia tanto sentimento, que era cousa de espanto. E porque se não achava tanto burel, os lavradores e gente baixa vendião as cobertas de suas camas a preço de pannos finos, e os homens se vestião de saccos e cobertas de bestas. Veio logo a esta desaventura a senhora duqueza de Bragança D. Isabel, irmã da rainha, que com suas tristezas, e nojos passados, e suas mui honestas e prudentes palavras trabalhava confortar a

rainha e princeza, a quem muito aproveitou sua vinda e conversação. Estiverão assim quinze dias nas casas de Vasco Palha: d'ahi uma noite escura, sem tocha, nem claridade, se mudárão ás casas de D. Maria de Vilhena, mulher que foi de Fernão Telles, onde estiverão muitos dias encerrados, que por suas grandes tristezas ninguem ousava de os confortar, e logo alli forão visitados de todos os senhores e cidades do reino. E el-rei D. Fernando, e a rainha D. Isabel de Castella, que então estavão sobre Granada, tanto que a nova souberão, os mandárão visitar por D. Henrique Henriques, tio d'el-rei, e seu mordomo-mór, pessoa mui principal, que logo ahi veio coberto de grande dó, e todos os seus, com signaes de muita tristeza. Assim os mandárão visitar todos os grandes senhores de Castella, onde em todo o reino se tomou grande dó, e se fizerão pela alma do principe muito solemnes sahimentos.

El-rei foi mui requerido de todos os grandes de seu conselho, e por religiosos, que deixasse tamanhos encerramentos, pela perda de sua saude e vida, que d'elles lhe podia recrescer. O qual el-rei quiz conceder; e sahindo um dia pela manhã a ouvir missa fôra coberto de muito grande dó; e quando se vio sem o principe seu filho, que sempre trazia junto de si, não se pôde ter que lhe não sahissem as lagrimas; e como foi visto, levantou-se tamanho choro, e pranto em todos, que era piedosa e mui triste cousa para ver. E como isto foi ouvido em casa da rainha e princeza, começárão de novo outro tão grande, tão dorido e desconsolado pranto, com tantos e tão grandes gritos, que parecia

que os paços se vinhão á terra, e foi necessario a el-rei descer-se para ir confortar a rainha e a princeza, sem ter quem confortasse a elle.

CAPITULO CXLVIII

Do que el-rei disse ao barão sobre um cavalleiro que fôra de seu pai.

Um cavalleiro de casa d'el-rei, que se chamava Braz Affonso, homem honrado e de bom saber, que fôra criado do barão D. João da Silveira, pedio por mercê a el-rei que lhe désse licença para comprar um officio; e el-rei lhe disse que tinha n'isso pejo. Apertou elle, que pedia por mercê a sua alteza que olhasse sua pessoa e seus serviços, e sua qualidade, e a de quem lhe o officio vendia, e que veria claramente que aquelle e outro maior cabia n'elle. E el-rei lhe tornou, que tinha a isso pejo. Foi-se o Braz Affonso a D. Diogo Lobo, filho maior do barão, que depois foi barão, e muito agastado lhe contou o caso; e D. Diogo foi fallar a el-rei, aggravando-se de sua alteza negar aquella licença, merecendo elle outra cousa maior, e lhe disse bens d'elle. E el-rei lhe respondeu : — D. Diogo, não deixei de fazer por elle não ser para o officio; mas homem que foi criado de vosso pai, e vós não me fallaveis por elle, pareceu-me que seria por sua culpa, e por ser de máo conhecimento, e o ingrato não póde ser bom homem; mas agora que me vós dizeis que o é, e me

fallais por elle, sou contente de lhe dar licença, e assim o fizera da primeira, se me vós n'isso falláreis.

CAPITULO CLIII

Do que el-rei disse a um homem que bebia vinho mais do necessario.

Um homem honrado, que se não nomêa, folgava de beber vinho; e porque o el-rei não bebia, havia-se por tacha, e todos em geral trabalhavão por seguir as obras e condição d'el-rei. E este homem ás vezes lhe fazia o vinho damno, de que el-rei tinha desprazer. E um dia o mandou chamar, e elle, por não cheirar a vinho, comeu folhas de louro, a que muito cheirava; e el-rei lhe disse: « Fuão, debaixo d'esse louro, a como val a canada?» De que o homem ficou envergonhado, e trabalhou de se emendar.

CAPITULO CXCVI

Do que el-rei disse ao conde de Borba em um conselho.

O conde de Borba D. Vasco Coutinho de sua condição fallava sempre muito alto, e ás vezes, quando se queria frautar, fallava muito baixo. E um dia, estando el-rei em um conselho, quando veio o conde a dizer seu

parecer, fallava tão baixo, que se não ouvia; e el-rei lhe disse : « Conde! os vossos baixos são tão baixos, que vos não ouve ninguem; e os altos tão altos, que se não ouve ninguem comvosco.

Fallecimento d'el-rei D. João II.

Falleceu el-rei sem pai, nem mãi, sem filho, nem filha, sem irmão, nem irmã, e ainda com muito poucos fóra de Portugal, no reino do Algarve, em Alvor, muito pequeno lugar. E sendo assim na côrte tão só, foi de todos tão sentido, tão chorado, com tamanhos doridos e publicos prantos, que mais não pudera ser, sendo mui acompanhado, e todo o reino foi vestido de burel, almafega e vaso, com tamanho nojo e tristeza, que a cidade de Lisboa, além dos grandes e solemnes sahimentos que pela sua alma fez, mandou apregoar que nenhum barbeiro fizesse barba, nem cabello d'ahi a seis mezes, sob mui graves penas. E assim se cumprio mui inteiramente, o que nunca se vio, nem leu, que por outro rei se fizesse; e tambem em outras cidades se fez isto muito bem com mui grande sentimento, que ainda que el-rei fosse só de parentes, o acompanhavão muitas e grandes virtudes, grandezas e grande esforço, e muitas perfeições que n'elle havia.

FIM DA CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II.

SERMÃO DOS REIS MAGOS[1]

..... Nosso Senhor quiz nascer em pobre estrebaria, em tal lugar e tão pobre, para não estimarmos muito as riquezas, e sabermos que alli onde elle estava com tanta pobreza, era adorado dos anjos do céo e dos reis da terra; e, em nascendo, chorou por nós, para que nós, por amor d'elle, choremos nossos peccados, e nos guardemos de sobejos prazeres e deleitações. Começou logo a haver frio, porque na hora que nasceu, quiz padecer por nós outros, pois por nós veio a ser homem, e tomou humanidade, e tristeza e fome, e miserias e morte por nos salvar; dando-nos tambem exemplo que quando tivermos adversidades e padecermos paixões, as soffram os com paciencia por amor d'elle, pois elle tanto soffreu por nós; nasceu com tanta humildade em um presepe mui baixo por nos livrar de soberba, e pompas e vaidades; esteve entre o boi e a mula, que

[1] *Sermão sobre a vinda dos santos tres reis magos.* — Vem na edição de 1545, fol. 141.

são animaes tão baixos, porque alli se mostrou sua muito grande alteza. Quiz primeiro mostrar-se aos mui pobres pastores que vigiavão seus gados, para os pastores das almas vigiarem sobre ellas. Nasceu na noite mui escura, que foi clara como o dia, por manifestar quem era a quem o quizesse ver. Esteve em aquelle pobre lugar quarenta dias, por mostrar quão aceito é a elle este numero de quarenta, que jejuou quarenta dias, e esteve quarenta horas no sepulcro, e depois da resurreição andou quarenta dias no mundo até o dia da sua santa ascenção, em que subio aos céos; e em significação d'isto Moysés, quando lhe foi dada a lei, jejuou quarenta dias, e Elias outros quarenta. E a virgem Nossa Senhora se teve todas estas paixões e outras que então sentia, com ellas de mistura tinha os móres contentamentos que outra mulher alguma teve nem menos terá, que, sem ser madre de Deos e parir, ficando virgem, sem dôr, mas muito prazer, muito grande alegria: tambem sabia que tudo o que o filho padecia era por elle o querer, por salvação da geração humana, e porque elle quiz ser homem e soffrer o que soffreu.

FIM DO SERMÃO DOS REIS MAGOS.

ENTRADA

D'EL-REI D. MANOEL EM CASTELLA[1]

.....Na morte da rainha, que santa gloria haja, aconteceu uma grande cousa em Lisboa, em casa da rainha D. Leonor; que uma sua criada castelhana, que se chamava Velasquita, que muitas vezes era fóra do seu siso, diz que disse á rainha perante muitas pessoas, o mesmo dia de S. Bartholomeu e á mesma hora: « Senhora, agora pario a rainha um filho em Saragoça, e a rainha se finou logo! » A rainha D. Leonor, parecendo-lhe isto mysterio, mandou logo visitar el-rei e a rainha, e escreveu o mesmo caso a el-rei; e o mensageiro achou já el-rei no caminho, vindo para Portugal.

E em voltando el-rei a Portugal, com muito grande acompanhamento de senhores, em Aranda do Douro estavão o condestabre e o duque d'Alva, que no reino ficárão por vice-reis, os quaes vierão receber el-rei nosso

[1] Da 1ª edição das obras de Garcia de Rezende, de 1545, fol. 127.

senhor muito fóra da villa com muita gente, e cheios de tamanho dó e tanta tristeza, assim elles, como todos os seus, e tantas lagrimas, que verdadeiramente a todos doeu o coração; e em chegando a el-rei, se descêrão a pé, e com todas suas ceremonias acostumadas lhe beijárão a mão, e el-rei lhes fez muita honra.

E d'alli até Portugal veio o duque d'Alva com el-rei, e fez com elle, que viesse pela sua villa d'Alva, onde esteve um sabbado e um domingo, e o agasalhou grandemente, e com mais abastança, concerto e policia que se podia fazer. E assim a el-rei, como a todos quantos com elle vinhão, Portuguezes e Castelhanos; cousa tão bem feita, que mais não podia ser, em que o duque gastou muito. E mandou apregoar que nenhuma cousa se vendesse, e que tudo se désse de graça, e assim se fazia; e os ferradores ferravão de graça; andavão pela villa muitos mordomos com muitas carretas, e bestas carregadas de mantimentos, e como chegavão ás pousadas, segundo erão pessoas, assim lhe deitavão dentro muita somma de vacca, carneiros, gallinhas, perdizes, patos, coelhos, cabritos, e muitas outras sortes de aves e caças; muito pão cozido, e muitas frutas de muitas maneiras, muitos e bons vinhos, muitos pescados; e muita cevada e palha; muitas tochas novas, e muitas velas grandes e pequenas, e todas as outras cousas em tanta abastança, que não podem lembrar; e tudo muito perfeito, e tão sobejo, que aos hospedes ficava muito, para muitos dias, e os Portuguezes e Castelhanos ião carregados de cêra, e de singulares vinhos, e de outras muitas cousas, quanto podião levar. De maneira que em

nenhuma parte vi tanta abastança, nem cousa d'esta sorte tão bem feita.

E d'Alva partio el-rei por suas jornadas ordenadas, sem fazer detença, até entrar em Portugal ; e em Ciudad Rodrigo mandou a D. Garcia de Toledo, filho maior do duque d'Alva, dous singulares ginetes arreiados com arreios de ouro, que valião muito, e o duque muito estimou.

Vierão todos com el-rei até a villa d'Almeida, primeiro lugar de Portugal, onde entrou, e despedio o duque d'Alva, e o Patriarcha, e outros senhores que com elle vinhão.

E d'Almeida partio logo, e veio por Lamego e Coimbra, e outros lugares até chegar á cidade de Lisboa, onde a rainha D. Leonor estava, e foi recebido d'ella, e de todos os grandes, fidalgos, cavalleiros e todo o povo com muito grande prazer e contentamento, pelo verem em seus reinos, d'onde havia seis mezes que era fóra.

FIM DA ENTRADA DE D. MANOEL.

NOTICIA DA VIDA

E OBRAS

DE GARCIA DE REZENDE

Em incertos dia, mez e anno, nasceu de honrada geração, na cidade de Evora, Garcia de Rezende. Forão seus pais Francisco de Rezende, cavalleiro no tempo de D. Affonso V, e D. Brites Boto.

Passárão-o, de mui tenra idade, de moço da camara d'el-rei D. João II, para o serviço do principe D. Affonso, seu filho, quando a este se pôz casa no anno de 1490. Fallecido o principe, tornou el-rei a chamal-o e o despachou seu moço da escrevaninha, officio de particular estimação e conta, em cujo serviço por modo se houve, que foi recebido em privança intima, que durou sempre. D'el-rei havia contínuas mostras de benevolencia; d'el-rei era pregoado como exemplar e espelho de servidores; e com el-rei, dormindo na sua propria camara, passou, desentranhando-se em amor e soccorros, o prazo da ultima enfermidade do monarcha,

até se desatar de todo e fugir da terra consternada a grande alma, que o amára tanto.

Estudos regulares não consta que os tivesse, antes parece lhe faltárão, porque, na sua Miscellanea, diz assim:

Sem lettras e sem saber
Me fui n'aquisto metter
Por fazer a quem mais sabe
Que o que minguar acabe,
Pois eu mais não sei fazer.

E no fecho do seu chamado *Sermão dos reis magos*, põe:

« Se isto parece bem á vossa mercê dê as graças a Nosso Senhor, d'onde todo bem procede; e assim ás pessoas a quem o ouvi e de quem o aprendi; e não lhe satisfazendo, a culpa torne a mim, pois sem saber o que digo escrevo o que não entendo. »

É verdade que o seu contemporaneo Gil Vicente (de quem, vá dito de passagem, nada apparece no Cancioneiro) mettendo-o n'um dos seus autos:

E Garcia de Rezende,
Feito peixe tamboril,
E inda que tudo entende
Irá dizendo por ende,
Quem me dera um arrabil.

Supprio estudos com a viveza do seu natural talento, com a sua muita curiosidade de ver e aprender, disposições felizes, que o bafo real e o apreço da côrte provavelmente lhe accrescentárão.

Não só á historia e á poesia se applicou, segundo nos

estão declarando os documentos, senão tambem á musica e ao desenho, em que foi primoroso para o seu tempo. El-rei, que tinha o trovar por *boa manha*, e como tal o estimava, acertando de ver pela primeira vez umas trovas de Rezende, o louvou por ellas muito, *afim* (confessa-o elle mesmo) *de lhe dar vontade de o aprender e de saber fazer*. Muitas vezes d'ahi ao diante se recreava em lhe ouvir ler os versos, bem como outras horas o seu tanger; e muito mais que ambas estas cousas o prendia, estal-o vendo debuxar. Um dia em presença de muitos cortezãos lhe disse que *d'aquillo se podia prezar grandemente, porque era muito boa manha, que elle desejava muito saber; que o imperador Maximiliano, seu primo, era grão debuxador e folgava muito de o saber e fazer*.

No dito se mostrava a altissima intelligencia d'aquelle grande principe, que não só ás artes dava o seu apreço, e folgava que os subditos n'ellas se esmerassem, senão que as havia por mui dignas de serem cultivadas de mãos reaes. Em tempos semi-rudes recordava os nobres instinctos da bella Grecia, onde os grandes se engrandecião tratando as artes, e anticipava a philosophia d'esta nossa idade, em que principes e soberanos se honrão de as estudar, conhecêl-as e servil-as. Em Portugal temos hoje um exemplo d'isso, e dos mais brilhantes. Que se nos permitta, por serem verdades cuja maior vulgarisação é deleitosa e póde ser util, recordar aqui, mas que seja estranho ao nosso principal assumpto, o que, sob o titulo *O Rei artista*, diziamos n'um jornal a 11 de Novembro de 1841 :

« Já lá vão os dias, de estupida memoria, em que a ignorancia era para a nobreza um fôro essencial, e o prezadissimo de seus fóros; e as lettras, as sciencias, as artes, profissão desprezivel de vilões e populares. Os grandes entendêrão emfim que a instrucção, menoscabada como servil, pelo trabalho que requeria, era um passatempo, e em si continha, melhor que nenhuma outra cousa terrestre, a felicidade; e os povos, allumiados pelo estudo e experiencia, conhecêrão que a illustração que elles possuião era tambem uma nobreza, uma força, uma potencia; e o jazerem-se debaixo dos pés da ignorancia soberba uma covardia, um absurdo, uma impiedade, e um impossivel. Já a este ponto é hoje chegada a universal philosophia, que verdadeiramente não existem entre as classes sociaes outras extremas, além das indispensaveis para a manutenção da geral harmonia; no demais, tudo entre ellas é já quasi absolutamente commum. O poder, as riquezas, os commodos, as delicias, descêrão tambem ao fundo da sociedade; e em retribuição, as sciencias, as artes, a franqueza e a humanisação subírão até ás summidades. O filho do plebêo aprende para legislador, para magistrado, para general, para conselheiro, para ministro; o filho dos reis para naturalista, para poeta, musico, pintor, cidadão e homem. Bem fazem, e bem hajão uns e outros! que assim lucrámos todos n'esta revolução. Os pequenos se fizerão grandes, e os grandes maiores! E que ha em verdade mais para ver, mais para louvar, do que um principe, que soube redimir-se dos cepos e cadêas da ociosidade, a que a desgraça, sob alcunha de fortuna,

parecia havêl-o condemnado! que descobrio em si uma alma, que ousou querer manifestal-a, que adivinhou em mãos reaes um prestimo mais subido que o de empunhar sceptros, o de trabalhar! e que por fim, entendeu que se a gloria de provir de uma longa serie de avós era alguma cousa, era só quando o herdeiro de seus nomes se tornava n'essa arvore velha um ramo fructifero; e que, para que os louros do berço houvessem de ir reverdecer no tumulo, era mister cultival-os cuidadosamente pelo discurso da vida.

« Tão alta não é a nossa voz, que sôe em abobadas de paços; podemos logo, sem receio de affrontar a modestia inseparavel do verdadeiro merito, dizer que um d'estes raros e esplendidos exemplos o possuimos nós hoje no throno dos nossos reis. Filho da boa terra allemã, tão fecunda em varões; criado lá aos peitos de todas as virtudes, e não tendo para as aprender mais do que reler a historia domestica; doutrinado, em todas as cousas massiças e proveitosas, por mestres que reputavão a sciencia pelo primeiro dever do homem depois do da moral; tal sahio o pai de nossos futuros principes, que a realeza ficou sendo o minimo de seus lustres. Mas não é aqui o lugar de um panegyrico, nem temos nós mãos adestradas para os tecer: a historia o descreverá, honesto, fiel, religioso; bom parente, bom marido, bom pai, sabio, e estudioso; incansavel no anciar o bem, simples nos gostos e costumes; soccorredor de infelizes, esforçador de engenhos; completo Allemão e completo Portuguez n'um só individuo. Os seus amores para com a agricultura, para com a

industria, para com a lingua e lettras d'esta sua patria, táes mostras devem dar de si com o tempo, segundo são fortes em sua alma, que a sua chronica (querendo Deos) ficará escripta nos corações do povo. Nós, aqui, só apontaremos, para a minima folhinha de seu laurel, o seu genio artistico.

« O desenho, importante ramo da educação, que tanto conviria generalisar, e a gravura em cobre, de que a lithographia, e mais ainda a gravura em madeira, ameação dar cabo, são o bem empregado empenho dos seus ocios estudiosos. Em grande numero se contão já as estampas por Sua Magestade inventadas, desenhadas, abertas, e até, segundo nos affirmão, impressas por suas proprias mãos; e d'ellas repartidas por alguns dos officiaes de sua casa, varias personagens da côrte, e artistas merecedores d'aquella honra. Se algum bom acaso, ou nossas diligencias, um dia nos deparassem essa curiosa galeria, não ha duvida que o inventario e descripção de toda ella seria para nossos leitores um objecto de prazer, e um estimulo valentissimo pára artistas.

« Eis-aqui o que ácerca da collecção, em geral, nos disse o traductor de Raphael d'Urbino, o nosso amigo Sr. Antonio Manoel da Fonseca : — Ha nas obras de Sua Magestade originaes e cópias; mas as mesmas cópias são taes, que ainda se podem admirar como productos do seu raro talento. Nas que são transumpto de quadros de autores abalisados, vemos um estylo classico e franco, com que são executadas a ponta secca; e a firmeza de seus contornos faz lembrar tudo quanto ha

de bom na escola allemã, e na de Italia em os tempos felizes.

« Quanto aos sujeitos de seus desenhos, podemos dizer pelas noticias que d'elles havemos colhido, estarem em perfeita harmonia com o seu modo, mui original, de trabalhar. Passeando, e no meio da conversação, entre sua esposa e filhos, de quem é adorado e a quem adora, saboreando-se mui *germanicamente* nos gozos intimos do trato domestico, gozos desconhecidos da maior parte dos reis, é que elle vai lançando, com mão firme, sobre a lamina, em traços puros e graciosos, as idéas a que a sua alma parece naturalmente affeiçoada; não pompas, não batalhas, nem tragedias, mas as imagens de seus filhos, de sua esposa, dos lugares que elles, muito mais que todas as custosas magnificencias e dourados, lhe embellezão : são as aves que elles amão; o cão fiel com que se divertem; as paisagens com que mais se recrêão. Dissereis que o espirito de Gessner, em recompensa de haver feito amar a virtude, fôra mandado renascer, sempre allemão, para se gozar d'ella sobre o throno, e por seu poderoso exemplo recommendal-a. »

Oh! se todos os reis bem advertissem no muito que podem fortalecer engenhos com as suas palavras de agasalho; se as quizessem liberalisar aos talentos que definhão e se fenecem ao desamparo!... Graça do céo gera os engenhos, graça de principes os desenvolve como o sol, e os faz dar fructos para si e para toda a terra. N'isto repartio Deos com elles da sua omnipotencia. Ainda mal... que são tão raros os que de tal

condão — o melhor de quantos ha no sceptro — se aproveitão, para semear nos povos maravilhas emquanto vivem, muitas saudades e lagrimas para em torno do seu tumulo: ainda mal... que os põe Deos no alto para dizerem o *fiat lux*, e elles não querem! Tantos reinos tão antigos como por esse mundo vão! em todos elles series tão longas de monarchas! a natureza a crear incessante embryões de grandes homens e a historia pasmada a apontar a dedo os seculos de lettras, consagrados por um nome régio vivos e immortaes no meio dos seculos defuntos; um seculo de Pericles, um seculo de Augusto, um seculo de Leão X, um seculo de Luiz XIV, uma casa de Medicis, uma só Catharina, uma só Maria Theresa, e..... duas ou tres outras estrellas já pequenas e pallidas diante d'esta esplendida constellação!...

O affecto e lealdade de Rezende erão tão conhecidos, que el-rei D. João II em tudo lhe descobria o seu peito, sem melindrear com elle nem os mais secretos negocios do Estado ou de sua casa. Quando de seu proprio punho escrevia, ao pé de si o tinha, para lhe aparar a penna e ministrar-lh'a. Um dia, estando a fazer uma carta de muita substancia para el-rei de Castella, reparou em que o valído, entrado de discreta reverencia, tinha os olhos e rosto voltados a outra parte, medroso de devassar os reaes arcanos, sobre o que lhe disse: « *Vira-te para cá, que se me não fiasse em ti, não te mandaria estar hi.* »

El-rei D. Manoel o nomeou secretario da embaixada que a Roma levou com magnifica pompa Tristão da

Cunha, no anno de 1514, á santidade de Leão X[1].

Foi o nosso Garcia o instituidor do morgado da Anta, no Alemtejo, o qual rendia quarenta moios.

Segundo a tradição, viveu em Evora, em casas suas, ao poço de S. Manços, aonde (como a este respeito nos escreve o nosso amigo o Sr. Cunha Rivara) ainda hoje se vê uma janella manoelina, a mais linda e rica de lavores e feitios de quantas d'aquelle genero restão na cidade.

O tempo da sua morte, como quasi todas as particularidades da sua vida, é tambem desconhecido. Consta só que ainda existia no anno de 1536, pois a 26 de Janeiro d'este anno lhe foi passado alvará de privilegio para a impressão de suas obras, e a 15 d'esse mez datava elle o seu sermão dos reis magos, e no mesmo anno é que instituio o morgado que dissemos. Não seria impossivel que vivesse ainda em 1545, e assistisse á primeira impressão da sua *Chronica* ou vida d'el-rei D. João II[2].

[1] Sobre os pormenores d'esta embaixada, póde ver-se Góes, *Chronica d'el-rei D. Manoel*, p. 3, cap. LV.

[2] Ha uma circumstancia que nos faz crer que o nosso autor era ainda vivo em 1554, não obstante a commum opinião em contrario.

A edição da *Chronica*, de 1607, foi executada pelo impressor Jorge Rodrigues, homem cuja palavra tem peso em materias bibliographicas.

Ora na dedicatoria que este endereçou ao duque D. Alvaro de Lencastre, diz assim :

« Gastou-se a *primeira* impressão, QUE O MESMO AUTOR d'ella fez. Imprimio-se a *segunda* por industria de Simão Lopes. »

Sendo a edição de Simão Lopes a de 1596, e chamando Rodrigues a esta *segunda*, quando antes havia as de 1545 e 1554, segue-se que a este editor aconteceu o mesmo que a todos os outros editores das obras de Garcia de Rezende até hoje, dos quaes nenhum (cousa singularissima!) conheceu a edição princeps.

Declara pois Rodrigues mui positivamente que ao tempo da edição de

Era n'aquelle tempo moda, de toda a fidalguia e nobreza de Portugal, escolher jazigo no mosteiro de N. Sra. de Espinheiro, de monges de S. Jeronymo, extramuros da cidade de Evora : e houve quem dissesse que se por ventura se perdesse a sala das *armas* de Cintra, das sepulturas do mosteiro do Espinheiro se poderia supprir aquella perda; que não seria tão pequena, porque os brazões são uma linguagem historial mui rica, e proveitosa para conservar memorias, e deslindar não poucas vezes erros de chronicas e chronistas.

Seguio Garcia de Rezende a moda; mas temendo por ventura que pudesse a campa rasa de um moço da escrevaninha ficar eclipsada entre os sumptuosos tumulos d'aquelle pantheon aristocratico, declinou o rumo. N'um cantinho da cerca do mosteiro mandou fabricar uma ermida, que ainda ao presente permanece, com 15 pés de comprimento afóra o adro, e 11 de largura.

Basta (nos diz o Sr. Rivara) lançar de longe os olhos a esse pequeno edificio para se conhecer por suas ameias e coruchéos o cunho dos tempos manoelinos. A

1554 era vivo Garcia de Rezende, que foi *quem a fez*. Se notarmos que apenas 55 annos havião decorrido desde aquella época; que deverião existir ainda então muitas testemunhas contemporaneas d'essa edição de 1554; que é mui improvavel que homem tal como Jorge Rodrigues allegasse uma falsidade inutil, e que mui facil seria n'esse tempo demonstrar-lh'a, adquiriremos a convicção de que o nosso autor era ainda vivo a esse tempo.

Que o podia ser, sem que fosse macrobio, é facil proval-o.

Em diversos passos da *Chronica*, e especialmente no cap. cc, nos informa elle de que era mui moço nos ultimos tempos do Sr. D. João II. Repete isto tres vezes, fallando do prazo em que se pôz casa ao principe D. Affonso, que foi em 1490. Suppondo que n'esse tempo contasse de idade 18 annos, teria 82 em 1554.

par com a ermida, mandou fazer sua fonte com visos de poço, cujas aguas regavão em tempos antigos um jardimzinho, de que tratava um monge velho. Da fonte ainda ha seus restos, mas do jardim muito havia já que os monges se tinhão descuidado.

As paredes da ermida estão tão nuas por fóra como por dentro : nem uma só peça resta de seus antigos ornatos; nem a imagem de S. Jeronymo, junto da qual ia el-rei D. Sebastião tantas vezes ter as suas devoções; nem tão pouco o painel de Jesus Maria José, que Barbosa accusa no retabulo do altar. — Por cima, e por fóra da porta, está um marmore com o escudo das armas dos Rezendes; e em lettras gothicas minusculas este lettreiro :

ESTA ERMIDA E FONTE
MANDOU FAZER GARCIA
DE REZENDE EM LOUVOR
DE NOSSA SENHORA, ANNO 1520.

O pavimento da ermida é de lisonja, ou contemporanea, ou mui vizinha da fundação. No centro d'elle está uma grande campa de marmore branco com as armas dos Rezendes. O elmo, o escudo, e seu competente paquife, ou folhagem, apanhão quasi toda a pedra; e em cada angulo ha um circulo com seu vaso de flòres, tudo primorosamente lavrado; n'um pequeno vão, que fica na parte superior da campa, está este lettreiro :

SEPULTURA DE GAR-
CIA DE REZENDE.

em lettra minuscula, meio gothica, meio redonda.

No adro, que é coberto de abobada, ha outra campa, tambem de marmore branco, com as mesmas armas dos Rezendes, e este lettreiro em lettra romana maiuscula:

SEPULTURA DE
GEORGE DE
REZENDE E
DE SEUS FILHOS.

Jorge de Rezende dizem as genealogias que era irmão de Garcia.

Garcia não casou, mas teve alguns filhos naturaes, que tambem os nobiliarios apontão, e sobrinho seu foi André Falcão de Rezende, o que pôz em oitava rima as meditações e homilias do cardeal D. Henrique.

O morgado da Anta foi ha annos devoluto por vago á corôa, e sua fazenda vendida, posto haja ainda quem pretenda com boas razões reivindical-o. Seria cousa muito para louvar que quem assim se apparelha para rehaver a fazenda, tratasse tambem de adquirir, reparar e conservar a devota fundação, a memoria, as cinzas do seu antepassado, em vez de as deixar estar-se desfazendo de dia a dia em mãos de outrem, — de outrem, que póde, como e quando quizer, applicar a seus particulares usos aquelle edificio, aquellas campas, aquellas cinzas, a que ora chama suas, pelas ter mercado com o seu dinheiro.

São as obras que de Rezende nos ficárão, umas em prosa, outras em verso. A consideração da excessiva raridade das segundas e o pouco lido das primeiras nos induz a darmos d'ellas alguma noticia bibliographica.

Da primeira edição da vida (titulo de chronica puzerão-lhe depois os editores) d'el-rei D. João II conservão-se dous exemplares : um na Torre do Tombo; outro na Bibliotheca Publica Eborense. Eis-aqui a fiel noticia do seu conteúdo :

No folha do rosto estão estampados na parte superior, da esquerda a *Esphera*, e da direita o Escudo das armas do reino, como as usava el-rei D. João II, isto é, escudo das quinas com a orla dos sete castellos, elmo aberto e direito com corôa real, e por timbre a serpe, cingido tudo do competente paquife.

A metade inferior da pagina tem uma tarja grosseira de folhagens e flôres, uma ave, uma borboleta e uma abelha, com o seguinte titulo, ao meio, em linhas ora vermelhas, ora pretas :

« Livro das obras de Garcia de Rezende, que trata da vida e grandissimas virtudes e bondades, magnanimo esforço, excellentes costumes e manhas, e mui claros feitos do christianissimo, muito alto e muito poderoso principe el-rei D. João o segundo d'este nome, e dos reis de Portugal o trezeno, de gloriosa memoria; começado de seu nascimento e toda sua vida até a hora de sua morte : com outras obras que adiante se seguem.

« Com privilegio real. »

Segue logo o alvará de privilegio das obras de Garcia de Rezende, assim em prosa, como em metro, passado em Evora, a 26 de Janeiro de 1536, no qual diz el-rei que é Garcia de Rezende, *fidalgo da sua casa*, quem lh'o pede.

Na seguinte folha « Prologo de Garcia de Rezende dirigido a el-rei nosso senhor. »

No fim d'este prologo, outra vez estampado o escudo das armas reaes.

Adiante « Feições, virtudes, costumes e manhas d'el-rei D. João o segundo, que santa gloria haja. »

Depois de tudo isto, vem o titulo da principal parte d'este volume, que é a chronica de D. João II, e é este :

« Livro da vida e grandissimas virtudes e bondades, magnanimo esforço, excellentes costumes e manhas, e mui claros feitos do christianissimo, muito alto e muito poderoso principe el-rei D. João o segundo d'este nome, e dos reis de Portugal o trezeno, de gloriosa memoria; começado de seu nascimento e toda sua vida até a hora de sua morte. Ordenado e escripto no anno de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil e quinhentos e trinta e tres por Garcia de Rezende, fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor. Que muitas das cousas vio e foi presente a ellas : e o servio em cousas de muita fieldade até a hora de sua morte, a que era presente e dormia em sua camara. E o que por si não vio vai com grande fieldade e muito verdadeiramente escripto, de que são boas testemunhas muitos nobres e pessoas de muita autoridade e credito que ao presente são vivas. Dirigido ao muito alto, muito excellente, e muito poderoso principe el-rei D. João o terceiro nosso senhor. »

Depois a *vida* d'el-rei desde fol. 1 até fol. 124.

Depois « A trasladação do corpo do mui catholico e magnanimo e mui esforçado rei D. João o segundo d'este nome da sé da cidade de Silves para o mosteiro

da Batalha, por o mui serenissimo e esclarecido senhor el-rei D. Manoel, seu successor e herdeiro n'estes reinos e senhorios de Portugal. Foi visto e examinado pelos deputados da santa inquisição. »

Este titulo está dentro de uma grande tarja com figuras e cariatides.

A fol. 125 « A entrada d'el-rei D. Manoel em Castella. »

A primeira pagina d'este opusculo está cingida de uma tarja estreita de folhagem.

A fol. 137 « Ida da infante D. Beatriz para Saboia. »

A primeira pagina tem tarja diversa da antecedente, mas do mesmo gosto.

No fim d'este opusculo, em folha que, no exemplar de Evora, ficou em branco, está a serpe enroscada no tronco com o lettreiro *Ludovicus Rudorici*. No exemplar da Torre do Tombo não existe esta folha.

A fol. 144 — Uma grande estampa, dividida em pequenos paineis da vida de Christo, e no centro este titulo :

« Começa-se a paixão de Nosso Senhor Jesus-Christo toda inteira, segundo os quatro evangelistas, tirada de todos elles em linguagem portugueza, ajuntada e concertada por Garcia de Rezende por serviço e louvor de Deos. »

Este opusculo é reputado inedito por Barbosa.

A fol. 152 — Dentro de uma tarja, irmã da que atrás ficára no principio da *Trasladação*, accrescentada aqui com um painelinho da Epiphania no centro, tem este titulo :

« Começa-se o sermão sobre a vinda dos santos tres

reis magos. Foi visto e examinado pelos deputados da santa inquisição [1].

Este sermão tambem o referido summario diz, menos bem informado, que está na segunda edição.

No fim outra vez a chapa de Luiz Rodrigues.

Por ultimo a *Taboada*, e no cabo d'ella estas palavras:

« A louvor de Deos e da gloriosa Virgem Nossa Senhora se acabou o livro da vida e feitos d'el-rei D. João o segundo de Portugal: e a trasladação do seu corpo, e a ida d'el-rei D. Manoel a Castella, e a ida da infanta D. Beatriz a Saboia: e as quatro paixões em uma, e o sermão da vinda dos tres reis magos feito por Garcia de Rezende: e visto e examinado pelos deputados da santa inquisição. Foi impresso em casa de Luiz Rodrigues, livreiro d'el-rei nosso senhor, aos doze dias do mez de Junho de mil e quinhentos e quarenta e cinco annos. »

No verso d'esta folha, e fim de tudo, outra vez a chapa de Luiz Rodrigues.

Tudo lettra gothica, menos os lettreiros das estampas, que são em romana maiuscula.

O exemplar da Torre do Tombo está solphado, segundo o costume dos monges da Terra Santa, a quem pertenceu, e acha-se mui bem conservado.

D'esta edição não teve noticia o abbade Barbosa, nem ainda um unico dos quatro editores, até Luiz de Moraes e Castro, que deu este livro em sexta edição!

[1] Não é sermão no sentido que hoje tem a palavra; a isso dava-se então nome de prégação; é sermão na accepção do vocabulo latino *sermo*, discurso, pratica: relata e conclue moralisando um pouco.

A *segunda* edição, feita em Evora em 1554, tem a metade superior da pagina do rosto tal como a de 1545, á qual é tambem semelhante à disposição typographica da metade inferior, que encerra o titulo geral da obra.

Differe da primeira em ser feita em caracter romano, em vez de gothico, nas tarjas, em ter de mais a *Miscellanea de Garcia de Rezende, e variedades de historias, costumes, casos e cousas, que em seu tempo acontecèrão*, e em lhe faltar a *Paixão de Nosso Senhor Jesus*, e o *Sermão sobre a vinda dos santos tres reis magos*. Como os subsequentes editores só conhecêrão este livro, e não o que nove annos antes o precedêra, é esse o motivo por que nem a *Paixão* nem o *Sermão* forão nunca reimpressos nas collecções Ha na *Chronica de D. João II*, d'esta edição, uma differença das posteriores edições, na numeração dos capitulos; a saber, que n'esta vem, por erro, repetido o cap. XII nos que são intitulados *De como foi a Castella a soccorrer el-rei seu pai*, e *De como tornou a Portugal*, o que d'esse numero em diante faz sempre a differença de um capitulo até o fim da obra.

A *terceira* edição é de Lisboa, por industria de *Simão Lopes*, em 1596. Das tres raras é esta a ultima, e ordinariamente apontada como segunda.

A *quarta* é devida ao impressor *Jorge Rodrigues*, feita em 1607. Traz uma dedicatoria do editor ao duque D. Alvaro de Lancastre, e tem de menos que a segunda a *Paixão*, o *Sermão* e a *Miscellanea*.

A *quinta* é de 1622. O seu editor, Antonio Alvares,

tambem não conhecia a de 1545, pois diz ser a sua a *quarta* impressão. Declara que já no seu tempo não havia nas lojas um só exemplar das (que elle chama) tres primeiras edições. É reimpressão de todo o volume de 1554, e traz de mais uma dedicatoria do impressor á memoria de D. João II e um aviso ao leitor. Posto que o frontispicio tenha data de 1622, é provavel que esse anno se refira á publicação da obra inteira, porque toda ella, exceptuando a *Miscellanea*, foi acabada em 1621, como se collige d'esta data, no fim d'essa primeira parte.

A *sexta* e ultima, feita por Luiz de Moraes e Castro, mercador de livros, á praça da Palha, em 1752, é mui commum. Chama-lhe o editor *quinta*, e dedica-a a João de Mello Pereira de Sampaio. É de todas a peior, pelas incorrecções em que abunda. Tem a mesma materia que a de 1554.

Ha quem supponha ter-se feito outra, antes de todas estas, em 1536. Assim o pensava, por exemplo, quem pôz uma nota n'este sentido no exemplar de 1607, que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Mas nunca tal edição existio. Este erro proveio da data em que foi lavrado o alvará de privilegio; porém o certo é que entre esse alvará e a primeira impressão mediárão nove annos.

Pela vida de D. João II não desmerece Rezende os applausos que alguns autores, assim nacionaes como estrangeiros, lhe têm dado [1]. É escripta com singeleza,

[1] Fonseca, *Evora Gloriosa*, diz que Garcia de Rezende, com os seus

conhecimento muito particular das cousas que trata, e, ao que parece, grande desejo de acertar em todas. Nunca se remonta a grandes eloquencias, não despende erudições; mas como expressa tudo por termos claros e proprios, em estylo nunca mais alto que o de chronica, e muita vez achegado ao da conversação, dá particular gosto a quem o lê, e de um folego se deixa levar até ao cabo. Para em nossos dias, respira um grande interesse, pelas curiosas lavras que a moderna escola se apraz de fazer nas minas, apenas rotas e encetadas, dos usos e costumes patrios do tempo antigo. Quando não, que o diga o delicioso Auto de Gil Vicente pelo Sr. Garrett.

Pelo que respeita a linguagem, afóra alguma technologia vestiaria, armamentaria, cortezã e pouco mais (o que já não é de diminuto valor), fraco ou nullo proveito nos póde dar este livro. E posto que em geral não seja impuro, não é por vade-mecum de bem escrever em portuguez que o nós devemos pregoar.

A demais das obras sobreditas correu avulso, e é hoje rarissimo, um opusculo intitulado *Breve Memorial dos Peccados*. Tem no fim estas palavras: « Acabou-se o confessionario em linguagem portugueza: feito por Garcia de Rezende, e imprimido por mandado do muito alto e muito poderoso rei D. Manoel, nosso senhor. Em

gloriosos suores e eruditos volumes, muito acreditou a republica das letras.— Franckenau, *Bibliotheca Hispanica* (o qual falsamente lhe attribue a Chronica de D. Nuno Alvares Pereira) chama-lhe chronista (*chronographus*) de D. João II. O Sr. C. A. da Silva e Souza, no proemio da sua edição da *Anti-catastrophe*, diz ser a chronica de D. João II um dos nossos poucos livros que encantão o leitor, etc.

a muito nobre cidade de Lisboa, por Germão Gaillardo, imprimidor, a 25 dias de Fevereiro de 1521. »

Como linguagem não valem mais as outras prosas que a historia ou chronica; e valem menos, assim para estudo como para recreação.

Não pretendemos inculcar com isto que lhes falte merito, e mais se se advertir no quão pouco e mal se escrevia no seu tempo, em que a arte velha era perdida, e não era ainda nascida a arte nova.

Toda a critica deve ser branda, mas em casos como este deve ser quasi muda, se não quizer que a tachem de despiedosa, sobre injusta. Muda de todo ficará pois a nossa, e não incorreremos por ella n'aquelle discreto chasco, atirado pelo autor a muito mais gente, do que elle por ventura presumia no capitulo CXXVIII da sua historia, onde pôz :

« ..... Que a alguns isto pareça sobejo, outros haverá que folgarão de o ouvir; que quem escreve não póde contentar a todos, e não fará pouco se de poucos fôr tachado, que todos querem emendar e mui poucos escrever. E para se isto evitar não devia haver outra pena, senão aos glosadores metter-lhes papel e tinta nas mãos e fazêl-os por força escrever; e seria mui bom freio para os desbocados que, sem saber o que dizem, glosão o que não entendem. »

Das prosas venhamos aos versos.

A já citada *Miscellanea*, que são os unicos do autor que não estão no Cancioneiro (dada pela primeira vez na edição de 1554, onde vem mais correcta que em nenhuma das posteriores, e depois reimpressa muitas

vezes nas collecções das suas obras, e sobre si), é uma relação bastante curiosa, posto que secca, de todas as cousas notaveis, que vio ou de que teve noticia, acontecidas em seu tempo, tanto em Portugal e seus dominios, como no restante mundo. Fluctua entre diversos generos, a narração, a moral, a satyra, e a historia natural descriptiva. E em decimas, que differem das modernas em rimar o 5° verso com o 2° e 3°, e não com o 1° e 4°, e levão um prologo que tem a singularidade de ser feito em versos lyricos de sete [1] syllabas, como os das decimas, porém sem consoantes.

[1] Advertimos que, tanto n'este lugar, como nos seguintes, em que se falla de metros, seguimos o nosso costume, designando as especies dos metros pelo numero que é indispensavel a cada uma d'ellas, para o dar completo, contra o costume geral, que temos por menos exacto. Assim aos metros das decimas, que dizem octosyllabos, em attenção ao grave, denominamos nós septisyllabos, porque tendo sete syllabas e sendo agudos já estão perfeitos; o grave dá-lhe uma de folga, o esdruxulo duas; pela mesma razão ao que designão por hendecasyllabo appellidamos nós decasyllabo. Dizemos que o alexandrino tem doze syllabas, o da arte maior onze, e assim por diante. Quem reflectir n'isto dous minutos, não deixará de aceitar esta pequena reforma. Aos que por acinte a quizerem repulsar, perguntariamos como é que se póde chamar de doze

E pôz tal espanto, com grande terror?

É fraqueza entre ovelhas ser leão,

como se ha de contar por onze syllabas?

A rosa impera por seu jardim,

por nove?

Maria, estrella do mar.

por oito?

O tempo me ensinou,

por sete?

Não quero fingir,

por seis?

Foge d'aqui,

por cinco?

Linda flôr.

por quatro?

O Cancioneiro de Garcia de Rezende traz o seguinte titulo : *Cancioneiro geral, com privilegio.*

Comprehende 227 folhas com tres columnas por pagina, e raramente duas, em lettra gothica.

No fim d'elle se lê : « Acabou-se de imprimir o cancioneiro geral, com privilegio do muito alto e muito poderoso rei D. Manoel nosso senhor. Que nenhuma pessoa o possa imprimir, nem trova que n'elle vai, sob pena de duzentos cruzados; e mais perder todos os volumes que fizer. Nem menos o poderão trazer de fóra do reino a vender, ainda que lá fosse feito, sob a mesma pena atrás escripta. Foi ordenado, e emendado por Garcia de Rezende, fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor, e escrivão da fazenda do principe. Começou-se em Almeirim e acabou-se na muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa. Por Hermã de Campos, Allemão bombardeiro d'el-rei nosso senhor, e imprimidor. Aos 28 dias de Setembro da éra de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil e quinhentos e dezeseis annos. »

Os autores de quem n'esta collecção se encontrão poesias, são os seguintes, cujos nomes nós vamos apresentar, reduzidos a ordem alphabetica, o que alguma vez poderá ser aos curiosos muito conveniente; pondo a cada um a chamada da folha ou folhas em que vêm os seus versos, por menos que elles sejão, em quantidade ou qualidade; trabalho este, não tão facil como á primeira vista poderá parecer, mas que nós damos por bem empregado, por se nos figurar que supprimos com elle uma lacuna grave do autor. É para notar, n'esta resenha, o como, em tempos tão menos

liberaes que os nossos, a fidalguia se applicava ao poetar. Os que hoje sabemos distinguirem-se em tão boa prenda, que a não queremos aqui denominar manha, como os contemporaneos de Rezende, em pequena lista se comprehendem[1].

AUTORES

DE QUE EXISTEM TROVAS NO CANCIONEIRO DE REZENDE, POR ORDEM ALPHABETICA, COM INDICAÇÃO DA FOLHA ONDE A TROVA SE ACHA.

D. Affonso (o senhor), 159 v.
D. Affonso d'Albuquerque, 169 v., 170, 176.
D. Affonso d'Attaide, 147 v.
Affonso de Boim, 168 v.
Affonso de Carvalho, 157 v.
Affonso Fernandes Montarroio, 209 v.
Affonso Furtado, 160.
D. Affonso Henriques, 165 v.
D. Affonso de Noronha, 144, 175, 176.
Affonso Rodrigues, 156.
Affonso Valente, 62 até 65 v., 156, 168 v., 224 v. até 225.
Agostinho Girão, 209 v.
D. Alonso Pacheco, 148 v., 152 v., 153.

[1] Cabe advertir que, havendo n'este catalogo nomes que poderão pertencer ou deixar de pertencer á mesma pessoa, e sendo a averiguação de tal ponto geralmente impossivel, preferimos pôr todas as designações dos autores taes quaes no livro se encontrárão.

A numeração simples indica o recto da folha Seguida de *v.* o verso da mesma folha.

Um exemplar do Cancioneiro, com o titulo, a taboada e o prologo feitos á mão, porém primorosamente imitados, se guarda com grande apreço na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Outro possue Sua Magestade, que pertencêra á livraria dos Congregados, e que nos consta havêl-o benevo-

lamente prestado para a Allemanha, onde ora está sendo reimpresso. Tem um o duque de Palmella, o Sr. Cabrinha dous, e o Sr. Antonio Nunes de Carvalho tres. O da Bibliotheca Nacional, de que nos servímos, tem as primeiras (quatro) folhas copiadas á mão, com tamanho apuro que se não differenção das impressas, e algumas das trovas mais livres, no tocante á castidade ou á igreja, riscadas com traços de penna, mas perfeitamente legiveis.

É este Cancioneiro uma collecção de trovas, não só do collector Garcia de Rezende, mas de muitos outros poetas, seus contemporaneos, e alguns talvez anteriores; e é o mais antigo corpo de poesia que em Portugal se deu á estampa. Pelo mesmo tempo se havia feito outra tal collecção de trovas, que não chegou a ver a luz. Estava esta na bibliotheca real de Madrid, como nos diz monsenhor *Gordo*, no tomo 3º das Memorias de litteratura da Academia; do Sr. Rivara sabemos, porém, que já lá não existe, conforme lh'o escreveu o bibliothecario-mór d'ella, D. Eugenio de Tapia. Sobre o que, diz o mesmo Sr. Rivara que tem certo presentimento de que este codice foi ter á França, e lá ha de apparecer, mais dia menos dia.

Mas deixando assim este, como, por agora, o chamado Cancioneiro do Collegio dos nobres, fallemos só do compilado pelo nosso autor, d'onde sahírão os excerptos que havemos apresentado.

A valia litteraria absoluta d'esta collecção, e até a sua valia litteraria em relação a nós, distão muito do seu valor bibliographico, isto é, do seu preço como raridade.

Por ser tão antigo monumento, de poucos visto, e que muitos, assim na terra como fóra, desejavão de conhecer, e por se nos haver requerido, por parte de bons lettrados, que apresentassemos d'elle quanto antes quaesquer mostras bastantes ao caracterisarem, é que nós estreámos com estes seus excerptos a parte poetica da *Livraria*, posposto para isso e detido, como fica, á espera, numero grande de outros poetas de muito maior e mais merecida nomeada; declaração que livremente fazemos, para que se acabe de entender — que na empreza em que nos empenhámos anda amor e zelo das lettras, não trafego e armadilha de mercadores.

Substancia poetica (valha a verdade) pouca se espreme do corpulento volume do Cancioneiro; quasi nenhuma, fôra expressão muito mais exacta. Em nosso entender, não ha em todo elle cousa que mereça ser posta a par do *Fingimento d'amores* (pag. 74); e das *Trovas á morte de D. Ignez de Castro* (pag. 178).

A primeira d'estas duas composições sim é uma clara revelação de subido engenho e apurado gosto; versos bem feitos, bem rimados, estylo elegante, e phrase poetica muito expressiva e muito clara, dá ás vezes a lembrar por longe aquelle eterno exemplar de Virgilio; e cousas invida que um moderno se não descontentára de escrever.

Admirou-se muito em Klopstock a descripção do inferno alternado de fogo e gelo, bem que não fosse tão nova a idéa como os seus admiradores presumião, porque já o inferno dos Gregos conhecêra o frio; o Ifurin dos Gallos o admittia; no lugar dos tormentos dos drusos,

os christãos, judêos e outros condemnados trazem, além da sua carapuça de pelle de porco, pesados brincos de ferro, no inverno gelados, e ardentes no verão; e no infimo fundo do funil de Dante se vê povoada de miseraveis a região da neve. Em poetas do norte parece invenção naturalissima propôr o frio para castigo; mas no temperado clima de Portugal, ha sem duvida mais alteza de concepção em ter aventado e ousado exprimir uma semelhante idéa, e tão avessa á que geralmente se tem no christianismo, dos castigos do outro mundo, representados sempre com o fogo. Pois bem! esta idéa da alternativa do fogo com o gelo (idéa provavelmente não tomada de parte alguma) apparece n'este pequeno poema, já impresso 208 annos antes de Klopstock ser nascido.

As trovas á morte de D. Ignez de Castro, por Garcia de Rezende, merecêrão ser, como visivelmente o forão, consideradas e em parte imitadas pelo grande Camões, no seu episodio sobre o mesmo assumpto; o que, sem diminuir a gloria ao imitador, certo a dá, e não pequena, ao imitado.

Não são as trovas sobre a morte de D. Ignez tão bem acabadas e cultas como o *Fingimento d'Amores*: e sobretudo peccão grosseiramente na invenção fundamental, pois é a propria D. Ignez, já morta, quem nos refere a sua tragedia, e isto sem nenhuma especie de preparo que torne verosimil ou admissivel a ficção. Dá a lembrar aquellas pinturas toscas denominadas, por antiphrase de zombeteiros, *ricos feitios*, em que da boca das figuras sahião em fitas os seus dizeres. Estes defeitos porém

não escurecem, ou se escurecem, não annullão as bellezas do trecho citado, bem como as erudições intempestivas, que no seu immortal episodio embutio o nosso illustre epico, e algumas outras manchas, que lhe ahi escapárão, não tolhêrão a ninguem o aprender-lh'o de cór e repetil-o com delicias.

Em summa, as trovas á morte de D. Ignez tanto aprouvêrão ao povo, que por muitas vezes sahírão reimpressas em separado.

As duas heroides vertidas por João Rodrigues Lucena do latim, a primeira das de Aulo Sabino, *Ulysses a Penelope* (pag. 115); a segunda das de Ovidio, *Enone a Páris* (pag. 126), encerrão de certo boa poesia de pensamento e affecto; mas releva confessar que não pouco destemperada pela rudeza do estylo; e mais quando se está presente nos seus graciosos originaes, que são, e com muita especialidade o segundo, das mais formosas cousas que a boa antiguidade nos legou; facto este que ajuda a reflexão, que já fizemos fallando do estylo do padre Manoel Bernardes; a saber, que, para o agrado e duração das obras, é o estylo condição indispensavel, talvez primaria.

O immenso restante das trovas do Cancioneiro, em quatro turmas nos parece poder dividir-se — religiosas — namoradas — satyricas — e simplesmente jocosas.

As trovas *religiosas* são frias e enxabidas.

As *namoradas* têm geralmente a mesma pecha, o que bem poderá provir de terem quasi a mesma indole. O amor, ao menos o dos poetas, era n'aquella idade, e continuou ainda a ser por muito tempo, uma especie de

idolatria, uma applicação da theologia ascetica ao profano, umas jaculatorias contínuas da alma descarnada do corpo, uma renunciação absoluta da propria vontade, um reconhecimento de vassallagem perpetua e incondicionada, uma irrequieta aspiração á graça da divindade, que se tinha sobre a terra, e, ao mesmo tempo, uma conformidade de Job com os seus rigores. Em summa, que os tres livros da arte de amar estavão cifrados nos actos da fé, esperança e caridade, tendo por unico supplemento os de contrição e attrição. Não admira; erão tempos em que a religiosidade prevalecia, em que as damas se enthesouravão longe dos olhos como joias, que em verdade são (mas para diverso uso), e em que os homens mantinhão no viver e nas idéas muito da cavallaria, que, para devéras o ser, se não podia dispensar nunca de mostrar-se generosa, paciente, dedicada, e embuida de magnanissima confiança. Já se vê que era um amar muito admiravel; mas vê-se já tambem que havia de ser por sua natureza muito insipido a quem o ouvisse; e ás que de objecto lhe servião, puderamos apostar que muito mais.

Se os versos de amor peccavão (como de feito) por encolhidos, abstrusos e glaciaes (até da penna de Camões taes soíão a sahir), os versos *satyricos* erão pelo contrario de uma soltura e protervia que maravilhão! Não se limitavão nas reprehensões geraes, na censura dos costumes ridiculos ou viciosos. Erão verdadeiros fesceninos; erão jambos de Archiloco refinados; erão estocadas de varar até ás costas, e catanadas de abrir em dous até aos arções; ião os nomes estendidamente; ião

pelo claro as baldas publicas e secretas, até os defeitos involuntarios, os do corpo e os da geração, e isto tão sem resguardo nos termos, que até as obscenidades se despejavão com um desembaraço digno de Catullo, Marcial, ou Béranger.

A estas composições, que o desapparecimento dos offensores e dos offendidos torna quasi de todo indifferentes á volta de poucos annos, tira á velhice que lhes vemos uma graça e accrescenta outra; tira-lh'a fazendo com que o chiste de varias allusões a cousas passadas e esquecidas já para nós não seja chiste, e lh'a accrescenta, descobrindo-nos algo dos costumes de outra idade, que tanto mais nos apraz enxergar, quanto mais remota se nos vai esvaecendo por essas trevas do preterito.

As trovas só jocosas finalmente sem terem esta vantagem, têm aquella desvantagem das satyricas: as graças, que são attributo da linguagem, varião como ella, e mais depressa do que ella muitas vezes. Se algumas ha que inteiramente são do pensamento, e como taes se podem perpetuar e até traduzir, a maioria d'ellas se desfazem, ou se desbotão e murchão quando menos; pelo que já das do velho Plauto dizia Horacio:

> At nostri proavi plautinos et numeros et
> Laudavere sales, nimium pacienter utrumque,
> Ne dicam stulte, mirati ....

Plautinos são com effeito para os nossos paladares os saes com que se adubava o commum das trovas d'aquella especie. Quasi sempre lhes achamos o que quer que seja, ora de carregado, ora de rustico, ora de pueril.

São os escolhos do genero; só um engenho muito delicado e muito exercitado os evita: para então seria milagre o havêl-o conseguido.

Longe estamos de querer inferir que faltem no Cancioneiro amostras de boa fazenda, nos quatro generos indicados. Limitamo-nos em affirmar que são raras e escassas; por onde é livro que ninguem devoraria inteiro, e que ainda distillado em tão pequena gotta, ninguem, que não seja dos applicadissimos a estudos, tomará com muita satisfação.

Resta agora fallarmos um pouco da parte mecanica da sua poesia. Antes de mais nada, convem observar que as linguas, de seculos a seculos, não só mudão de vocabulos e phraseado, como as arvores mudão de folha de anno a anno, mas até, ás vezes, insensivelmente vão alterando a sua pronuncia.

Assentado isto, devemos presuppôr que, em varios pontos, differe o nosso pronunciar de hoje do pronunciar dos nossos maiores ha tres seculos; o que não admirará muito se se considera no como, em certos pontos, discrepa tanto o fallar das provincias entre si, que ainda bem um Alemtejano, um Beirão, um Minhoto, um Algarvio, um Açoriano, um Madeirense, não tem aberto a boca fóra de sua terra, quando todos logo lh'a adivinhão; o que faz tão pequena distancia de lugares, como o não faria, em muito maior grão, distancia tamanha de tempos, com todas suas variedades obrigadas e infinitas?!

Supposto portanto que podia ser outro o pronunciar da idade de D. João II e D. Manoel, por boa logica de-

vemos logo convir em que de feito o era, apenas abrimos ao acaso o Cancioneiro.

Boa quantia dos seus versos, lidos á nossa moda, é indisputavelmente errada, e deixa de o ser, logo que, pela repetição de casos identicos, ou analogos, chegamos a descobrir e averiguar certos geitos da pronuncia dos antigos.

Ponhamos exemplo. Usão muitas vezes não absorver as vogaes concorrentes em diversos vocabulos, para o que talvez, em obsequio á euphonia, usarião de metter ao fallar algum som que ao escrever não representavão, como na Beira fazem quando escrevendo *a agua* lêm e dizem *a i agua*, etc.

Vamos dar alguns exemplos, advertindo de antemão, por cautela, que, na maior parte dos casos que apontarmos, outra poderia ser a dissecção das palavras, mas o resultado seria sempre o mesmo a que chegamos com a nossa.

Pag. 6, verso 9 :

> Lembre-te que és de terra ;

o *que* e o *és* estão por duas syllabas.

Pag. 6, verso 15 :

> Perdoa a quem te erra ;

a ultima de *perdoa* não se absorve na primeira do *a quem*, nem o *te* na primeira de *erra*.

Pag. 7, verso 17 :

> Quando quer que o tornar ;

o *que* não desapparece no *o*.

Pag. 8, verso 4:

> Que o triste que a levar;

que e *o*, ou *que* e *a* não se ellidem.

Pag. 84, verso 15:

> Que ella me alcance a graça do padre,

o *que* não se absorve na primeira de *ella*, nem a ultima de *alcance* no seguinte *a*.

Outras vezes decompoem a syllaba, em que ha diphthongo ou mais de uma vogal, e formão d'ella duas, á semelhança do que fazem os nossos Minhotos, pronunciando o *ou*, *o u;* e fazendo soar a palavra *amou*, *louvou*, *cantou*, como trisyllabas. Exemplos:

Pag. 84, verso 5:

> Do que se passou estai mui attentos!

a ultima syllaba de *passou* parte-se em duas *so*, *u;* e a ultima não se ellide na primeira de *estai*.

Pag. 84, verso 8:

> Geral capitão partio vencedor;

a ultima de *capitão* decomposta em duas *tã*, *o*.

Pag. 84, verso 10:

> O que se passou na santa viagem;

a ultima de *passou* em duas.

Pag. 84, verso 16:

> Pois que foi digna da summa mensagem;

pois ou *foi* representa duas syllabas.

Pag. 85, verso 2:

> Na arbor da cruz alcançou victoria;

a syllaba *çou* outras duas.

Pag. 85, verso 5:

> Por mando do rei, que vai imperando;

rei outros duas.

Pag. 85, verso 9:

> Cresce seu mando, seus reinos alarga;

seu outras duas.

Pag. 86, verso 21:

> Como aquelle que tem grão favor;

das tres syllabas d'*aquelle* faz quatro, dividindo *queì* em duas.

Ás vezes pelo contrario ellidem syllabas, que o nosso modo de pronunciar não consente se ellidão:

Pag. 6, verso 15:

> Quia in cinere reverteris;

as tres syllabas *qui a in* fazem uma.

Pag. 86, verso 2:

> Qual outra não vimos nem livros se nota:

pelo proprio contexto grammatical se reconhece que na syllaba *nem* se comeu, graphicamente, a syllaba *em:* como fariamos nós hoje de *nem em* uma só syllaba? Talvez a pronuncia fosse *ni em: ni* por *nem* ainda hoje se diz frequentemente no vulgo.

Ás vezes parece que usarião ao ler, e por ventura no seu fallar corrente, da figura paragoge, ou addição de uma lettra em fim de vocabulo, posto a não escrevessem :

> Nom peço favor que possa contar;

n'este verso havemos de suppôr que pronunciavão *favore*, como ainda hoje se diz em parte do vulgo e geralmente entre os saloios; de outra maneira ficaria falha a medição.

Pag. 86, verso 14 :

> Por cujo preço foi Christo vendido;

n'este verso ou lerião *pore* em lugar de *por*, ou *pereço* por *preço* pela figura epenthesis. O mesmo se dá com o verso :

Pag. 70, verso 26 :

> Bem sem proposito lhes respondia.

Pag. 86, verso 25 :

> Onde por elle lhes foi declarado;

se *onde* não é erro em vez de *aonde*, ha de se ler *pore* em lugar de *por*.

Pag. 86, verso 26 :

> Pela maldade do erro passado;

Não é verosimil que acertarião o verso dizendo, como ainda hoje se pronuncia no Porto, *puola?* aliás epenthesis em *maldade*, convertendo-a em *maledade*.

Pag. 87, verso 4:

> Para que sempre lhes fosse obrigado;

convertido o *sempre* em *siempre* á castelhana, e não só á castelhana, mas á moda de Guimarães e boa parte de sua provincia, acerta-se o verso; a não se querer antes dividir o *que* em duas syllabas.

Pag. 88, verso 6:

> Que o por fazer estimou por feito;

pore em lugar de *por*, e *fazere* em lugar de *fazer*; ou o *mou* de *estimou* cortado em duas syllabas: sem quaesquer duas d'estas tres mudanças faltão duas syllabas para o metro.

Confessemos lealmente que tão amiudado uso e abuso de figuras, que desfigurão as palavras, e que mais ou menos são sempre defeitos, torna sobremodo espinhosa e ingrata a leitura do Cancioneiro; e que esta nem por poetas se póde fazer corrida, porque então logo os metros aleijados nos cahem em cima ás duzias, e aos centos; senão que é mister ir por elles passando mui devagar, apalpando-os e curando-os do modo possivel.

Por entre o cardume dos curaveis, a poder de hiatos e concessões grammaticaes de toda a especie, alguns se encontrão a que não é possivel acudir-se: esses erros, quanto a nós, aos copistas ou aos typographos se hão de attribuir, e não aos autores; que a orelha acostumada de um poeta muito mais difficilmente prevarica do que a mão d'esses mecanicos incuriosos e distrahidos quasi sempre, sobre ineptos:

Pag. 92, verso 6:

Artilharia se pôz no lugar:

não é manifestamente um lapso de penna ou typo a omissão do artigo *a* por onde o verso devia começar?

Pag. 94, verso 25:

Dando-lhe graças com tal contrição:

pondo *as graças* fica um verso deleixado, porém certo [1].

[1] Boa prova de que muitos d'estes erros proviráõ, não dos autores, mas dos copistas, typographos ou revedores, é a evidencia de alguns d'esses erros.

Por exemplo: na resposta de Ulysses a Penelope, que vem no *Cancioneiro*, a folhas 139 v., e na nossa cópia, pag. 117, linha 26, lê-se:

Nunca a Nereia virgem,

quando claramente devia ser:

Nunca a Niseia virgem,

Na mesma obra (*Canc.*, fol. 140, e *Liv. Cl.*, pag. 121, lin. 23), lê-se:

Estranhos varões figindo (ou fingindo).

deve ler-se:

Estranhos varões seguindo.

porque diz o original latino:

Externos secuta viros.

Na mesma folha do *Cancioneiro*, e pag. 122, lin. 8, da *Livraria Classica*, escreveu-se:

A qual Hecuba agourou
Minhas mãos e as fez temer

O latim é

Prima *meis* omen metuendum *puppibus* illa
Fecit, etc.

Um estudo curioso que se póde fazer no Cancioneiro, é o dos metros e contextos lyricos usitados em Portugal, pelos tempos de D. João II. — Quanto aos metros, reconhece-se que toda a sorte d'elles com pouca excepção se praticava, porém mais communmente os de sete syllabas — que se não póde negar serem os mais vul-

Portanto o segundo verso foi de certo escripto pelo autor assim:

Minhas náos, e as fez tremer.

Na mesma versão (*Canc.*, fol. 140) onde se lê:

De Thracia quando por *forte*
Era em Ismaro detido

deve ser:

De Thracia quando por *sorte*.

Na carta de Enone a Páris (*Canc.*, fol. 141 v., *Liv. Cl.*, pag. 135, lin. 11) diz o typographo:

Deve-se *Caba* de honrar
De me poder nomear
Por mulher de um filho seu.

E o autor escreveu:

Deve-se *Hecuba* de honrar, etc.

porque diz o latim:

Aut *Hecubæ* fuerim dissimulanda nurus.

Que admira porém que estes e semelhantes erros se commettessem, quando até nos nomes proprios, nos do mesmo individuo, na mesma obra, apparecem notaveis diversidades? Por exemplo umas vezes lê-se: — *Bernaldim Ribeiro* — outras — *Bernardim Ribeiro* — *D. Francisco de Viveiro*, e *D. Francisco de Biveiro* — D. João d'Alarção apparece, ora *D. João de Larcão*, ora *D. João de Larção* — *Jorge de Vasconcellos* e *Jorge de Vasco Goncellos* — *Manoel de Goes* e *Manoel de Goyos* — *D. Rodrigo de Crasto* e *D. Rodrigo de Castro* — *Vasco de Foes* e *Vasco de Foyos*, etc., etc.

É portanto mais que provavel que os outros erros, e ainda muitas das imperfeições, proviessem, não dos autores, mas da impressão.

gares em portuguez; do que alguns inferem, não sabemos se com sufficiente fundamento, que são os mais conformes á nossa lingua, isto é, os que mais espontanea e abundantemente nascem pelo meio da nossa prosa. Nós inclinamo-nos antes a crer, pelo menos o suspeitamos, que o metro, que a nossa prosa mais vezes acerta, é o de cinco syllabas ou lyrico menor, sendo n'ella triviaes até os versos da arte maior, que são, como se sabe, compostos de dous d'estes lyricos menores; e que nem ainda o segundo lugar compete aos de sete syllabas, pois lh'o tomão os de quatro, que não raro se chegão a enfiar a dous e dous, formando então os de oito, tão seguidos na poesia franceza, e não sabemos porque tão pouco tratados n'esta nossa (desde que José Anastacio da Cunha a estreou com elles, só uma ou duas vezes se tornárão a tentar).

O verso da arte maior vê-se tambem (e não só pelo Cancioneiro, mas pelas obras de Gil Vicente e por documentos ainda mais antigos) que era nos tempos velhos mui gostado. Os modernos tinhão-o deixado cahir em desuso, limitados quasi exclusivamente aos decasyllabos ou heroicos e seus quebrados, aos setenarios e seus quebrados. Hoje porém achão-se resuscitados; e foi bom, pois são melodiosos, festivos, espaçosos para abrangerem pensamentos e facilimos de fazer.

A contextura das estrophes ou periodos lyricos corre no Cancioneiro com assaz de variedade, na qual ha amostras muito dignas de adopção, por seu géito e graça peculiar. Para tal o apontamos aos pouquissimos engenhos excellentes, que, de pouco tempo a esta parte,

se têm empenhado em regenerar a nossa lyrica, enriquecendo-a com a maxima variedade de periodos, com a maxima abundancia e novidade de rimas.

A rima dos poetas do Cancioneiro é bastantemente desigual; ás vezes é boa, sem todavia chegar ao delicado apuro a que hoje é vinda entre os que se envergonhárão de jogar o papelão em litteratura; ás vezes tão negligente que vemos rimados, por exemplo, *serras* com *quizeras*, e *palavras* com *desejavas*.

Mas levantemos já mão d'estas almotacerias metricas, não perdidas talvez para alguns principiantes, mas de força tediosas para todos os demais leitores.

Rematemos com dizer em summa — que ao bom Garcia de Rezende são as nossas lettras devedoras, não só de uma chronica, tão aprazivel como instructiva, mas tambem do mais copioso e antigo repertorio de trovas nacionaes, em que, através de muitos defeitos reaes e de muitissimos apparentes, se podem colher aos cardumes noticias de costumes e usanças velhas, e não escasso cabedal para a nossa historia litteraria.

ADDITAMENTO

Já a precedente noticia se achava impressa, quando a continuação de nossas diligencias nos fez descobrir e averiguar algumas poucas verdades relativas á pessoa e obras de Garcia de Rezende: releva tiral-as do escuro. Não são emendas, mas só ampliações.

Posto que para os estudos uteis sejão tudo os livros em que elles se fazem, e nada ou quasi nada os seus autores, aos curiosos especiaes de bibliographia importa não menos saber se o autor, cuja se diz uma obra, a fez toda do seu cabedal; se a tomou toda do alheio; se misturou invenção com traducção ou cópia; em summa, determinar a quem e em quanto se devem os agradecimentos ou os castigos do bem ou mal que o escripto póde produzir.

Da vida ou chronica de D. João II dissemos aos estudiosos da primeira especie o que nos parecia exacto; mas aos da segunda especie alguma cousa ficou por dizer.

Tempo havia que soavão algumas atoardas vagas e remotas de que não era Garcia de Rezende verdadeiro

autor de toda a vida de D. João II, que em seu nome corria desde 1545; senão que dolosamente a havia trasladado da Chronica inedita de Ruy de Pina. O Sr. C. A. da Silva e Souza, no proemio da primeira edição que fez da Anti-Catastrophe já n'este anno de 1845, diz: « Garcia de Rezende, com mui bons fundamentos, se diz que fizera a Ruy de Pina o que este havia feito a Fernão Lopes com as chronicas dos primeiros reis. »

Entendêmos que o ponto merecia ser investigado até onde se pudesse. Commettêmos o exame d'elle a pessoa de conhecimentos proprios, e consciencia miuda para quaesquer trabalhos bibliographicos: — 1° que procurasse na acareação dos dous autores se entre elles se dava semelhança; 2° se essa semelhança, havendo-a, era tal que se não pudesse explicar senão por plagiato, visto como aos que historião as mesmas cousas, é muito possivel a coincidencia em pensamentos e ainda em palavras; 3° existindo tal coincidencia, qual se podia com maior probabilidade julgar espoliado e qual espoliador. Eis-aqui a sua resposta:

« Honrando-me V. com querer ouvir minha humilde opinião ácerca dos gráos de originalidade que por ventura se dão na Chronica do principe perfeito D. João o segundo do nome, escripta pelo seu tão apaixonado panegyrista e moço da escrevaninha Garcia de Rezende, livro que por muito tempo recebi como original, e sahido todo da penna assaz elegante do laborioso compilador do nosso tão celebrado Cancioneiro, direi que este tão eximio escriptor, pela maior parte, copiou a chronica, que, para immortalisar o nome e feitos de D. João II,

compuzera o chronista-mór do reino Ruy de Pina; chronica que andou inedita até estes nossos tempos, em que a academia a vulgarisou por meio da estampa.

« Permitta-me porém V. que eu diga, que Garcia de Rezende não copiou sómente, como costumão modernos historiadores, os factos com fadiga recolhidos e averiguados por outros escriptores; porém, o que é mais, com mágoa o repito pela grave censura que n'isto vai a Garcia de Rezende, é que este historiador copiou tambem os pensamentos, as idéas e sua filiação, os periodos, as orações e até as palavras de Ruy de Pina; cortando apenas ou transpondo um ou outro vocabulo, como que para disfarce, dirão uns, ou para pôr em maior perfeição a linguagem, como pretenderáõ outros.

« O que levo dito nem é uma opinião infundada, nem tão pouco uma asserção que exija grande apparato de raciocinios para se ostentar verdadeira; basta confrontar a obra de Rezende, do capitulo 21 em diante, com a chronica do Pina, para manifestamente se reconhecer o plagiato, sem que aos nimiamente escrupulosos possão ficar, nem sequer, sombras de duvida.

« Mas, vivendo estes dous escriptores no mesmo tempo; presenciando os factos que transmittírão á posteridade e servindo ambos ao mesmo monarcha, qual d'elles lhe escreveria primeiro a chronica? Qual dos dous seria o plagiario? Quem primeiro pôz em escriptura a chronica de D. João II foi Ruy de Pina; por conseguinte o plagiario foi Garcia de Rezende. Não sou eu quem o diz; são os proprios escriptores que por suas palavras manifestão esta verdade.

« Ruy de Pina, no capitulo 14, pag. 45, linha 20, fallando do irmão do duque de Bragança, que d'este reino era sahido, diz : « que fallecêra em Hespanha, de-« pois de ser a estes reinos de Portugal retornado por « el-rei D. Manoel *nosso senhor*, » o que bem mostra que o chronista escrevia reinando D. Manoel em Portugal; e Garcia de Rezende, no lugar parallelo, isto é, no capitulo 45, pag. 27, linha 5ª, da edição de 1622, escreve « que o irmão do duque fallecêra em Castella, « depois de ser a estes reinos de Portugal tornado e « restituido a todo o seu, por el-rei D. Manoel, que *santa gloria haja*, » o que torna evidente que Rezende escrevêra reinando D. João III.

« Do mais que Ruy de Pina consigna a pag. 45, linha 27, pag. 192 in fine, e em outros muitos lugares, e do que tambem em diversos declara Rezende, claramente se evidencía o que deixamos assentado, isto é, que Pina escreveu no reinado de D. Manoel, e Rezende no de D. João III, e que por conseguinte, dando-se, como se dá, plagiato, este ultimo fôra o plagiario d'aquelle.

« A verdade porém exige que se diga que Garcia de Rezende, comquanto fosse plagiario de Ruy de Pina, ampliou comtudo bastantemente o trabalho do chronista, addicionando-lhe não só mui curiosas particularidades, mas até alguns factos por aquelle ignorados ou esquecidos, como se vê dos capitulos XLVIII, L, LXXIX e outros, que fôra prolixidade enumerar; e tambem que escreveu com muito maior elegancia e pureza de linguagem; o que para mim, á falta de outras razões, pro-

vára ainda a prioridade da chronica de D. João II que Ruy de Pina escrevêra. »

Se, bem a pezar nosso, acabamos de desfalcar o nosso Garcia de Rezende no litterario e no moral, alguma cousa temos, por boa fortuna, que lhe accrescentar no physico e prendas.

O seu retrato dizia-se existir em Evora, contemporaneo, e pintado a oleo. Desejámos mandál-o copiar para gravura, afim de ornarmos com elle esta edição. Não se achou; nunca lá o houvera: vamos suppril-o de algum modo com as tintas que o proprio Cancioneiro nos ministra.

Era passatempo muito costumado dos trovadores d'aquella idade invectivarem-se mutuamente, por modo de chança, para mero folguedo, e sem que d'ahi lhes viesse quebra na boa harmonia. Isso, que para hoje se reputára grosseiro, valia então como donaire de cortezãos, e talvez faria voar as horas a damas entre os lavores dos seus estrados, a principes e princezas entre as delicias dos seus saráos. Ouçamos pois o que da pessoa de Garcia versejárão os subtís que o conhecêrão e a que elle mesmo parece haver dado a sua sancção, recolhendo-o ao seu Digesto metrico.

Estando juntos n'uma pousada em Almeirim os senhores abaixo nomeados, mandárão os seguintes *motes* a Garcia de Rezende, provocando-o para que lhes respondesse, o que elle fez a cada um em particular:

— Senhor, pedimos a vossa mercê, que veja estes motes; e por aqui vereis quão pipa sois.

— Á senhora dona bandouva, peço por mercê que me responda.

— Pareceis-me almofreixe prima mudado no ar.

— Ao senhor arco das velhas, que são os feixes d'alagar dos braços, peço por mercê que me responda.

— Pareceis atabaque felpudo, que vai pelo virote.

— Ao senhor vice-rei das enxundas, peço por mercê que me responda.

— Pareceis bufo embaçado que luitou en eira.

— Ao senhor trilhoada de embigos peço por mercê que me responda.

— Pareceis tonel passareiro.

Alvaro de Souza, pagem da lança d'el-rei. — Ruy de Mello, alcaide-mór de Elvas. — Alvaro Barreto. — Francisco da Cunha. — Francisco Homem, estribeiro-mór d'el-rei. — Manoel Corrêa.

A D. Francisco de Biveiro, ou Viveiro, havião dado uma surriada poetica dezesete fidalgos, entrando na conta o Garcia. O Biveiro retorquio a todos, e eis-aqui a vaia que ao nosso tocou :

O redondo do Rezende
Bem m'entende,
Tange e canta muito bem ;
E debuxará alguem
Se com isto não se offende.
Entre estas, fez uma trova,
E não se trova
De tão mal n'isso tocar :
Melhor lhe fôra calar
E metter-se n'uma cova.

Por aqui se confirma como era descommunalmente

gordo, tangia, cantava muito bem e debuxava até retratos.

As trovas que seguem, fez-lh'as Affonso Valente, em Thomar, e não chegou a mandar-lh'as. Ha n'ellas que estudar algumas particularidades de costumes, o que lhes dá seu preço; e quanto a fazerem-nos conhecer o individuo, decotadas pelo juizo do leitor das hyperboles, assaz idéa lhe deixão, ainda assim, tanto do grande corpanzil e bojo do fundador do morgado das Antas, como da sua inclinação á *bonachira*, do seu genio jovial que dava alma ás companhias folgazãs, do seu talento musico para cantar e tanger alaúde :

Pareceis-me lua crys,
Primo com irmão de bruto;
Pareceis rôxo bauto,
Doente de prioriz;
Sacabuxa irmão de Jaques,
Muito farto de bordões;
E tange tudo com traques,
Homem que faz almadraques
    Ou seirões.

Albergue de florentins,
Que se pagão de cidrão;
Homem farto de coxins
Rechcados de cotão.
Pareceis divinhação;
Pareceis uma façanha,
Tapeceiro do soldão,
Quer gigante rebordão
    Como castanha.

Dizem que tangeis laúde,
E tocais bem os bemoles,
E pousais em retrapoles
Abaixo de gamaúde.

Se tangeis por bequadrado
Inflammado como chamma,
Pareceis odre apojado
Como mama.

Tendes cousas mui agudas!
Henrique Homem por tal via!
E cahís ambos n'um dia
Como são Simão e Judas,
Fostes feito em Bozeima,
E criado em Trapisonda:
Sois tremelegua na onda,
Composto todo de freima.

Pareceis de sul suspiro,
Bandouva de toda vira;
Pareceis quartão que tira,
E por fundo faz o tiro.
Pareceis alão que ladra
Sobre farto somnorento;
Pareceis cabo de esquadra
De tres mil odres de vento.

Ou sois vaso ou atambor
N'algnas bochechas do sul,
Ou tanho commendador,
Nado feito no paul.
Pareceis grande melôa
De parto no mez d'Agosto,
Arreboles de sol posto,
Grã larada de borôa.

Pareceis canicular
De todo o anno bissexto
E sois o mesmo texto
Do plurar;
E tambem sois singular
Na massa, feição de cuba.
Ou grã bebada de estuba
Nua posta ao luar.

Pareceis mui grande ról
De grifos mui esfaimados;

Albarda-mulher de prol,
Muito cheia de bordados;
Guia de dansa de espadas!
Grã mal assada de estopas!
Guia de dansa de copas
Todas cheias, arrasadas.

Não digo mais por agora,
Porque se aggrava o tinteiro,
Por vos morrer o praceiro,
Que era peior crasteiro
De São Vicente de Fóra.
Senão que sois infinito
Para dar prazer e rir;
E protesto se compir
Replicar e dar no fito.

Pareceis um pouco o frato,
Prégador da vida eterna,
Grega bebada de parto
Entre cubas em taverna.
Bentas sejão de Balaão
As fadas que vos fadárão,
As tetas que vos criárão,
Que assim vos empetrinárão
Para momo no serão.

Onde todos bem verão
Vossa gloria, vossa fama;
E caber-vos-ha por dama
Uma sacca de algodão,
E por tocha um grão tição!
Pareceis segum me esforça
Esta em que vos enforco
Farmengua que tange em çorça,
Laúde com pé de porco

Sois alteroso da banha
Mais que urca dos castellos,
Urca digo de Allemanha,
Ou fazeis prova d'aranha
Sobre farto de farelos.
Por não dar pelos cabellos
Quero logo dizer tudo;

Pareceis tecelão mudo
Em chôco sobre novelos.

E porque melhor vos louve
Do louvor mui soberano,
Pareceis homem murciano
Como couve.
E por dar melhor d'agudo,
E vos não massar do coto,
Agudo todo no boto,
Tambem tocais de tronchudo.

Pareceis-me segum maço
Nas esporas mui soffrido;
Pareceis mui grão inchaço,
Que nasceu a esse passo
D'esse braço,
De que anda mal sentido.
Pareceis de Lombardia,
Posto que sejais de Grecia;
Pareceis leôa neyria
Criada na ucharia

Pareceis mais de setenta
Cousas posto em gibão,
E cabís no horisão
De um grão fardo de pimenta;
Monja sujo de Alcobaça,
Patriarca de Veneza,
Pareceis de sua alteza
Ancho porteiro de maça.

Grã lavoura se vos perde,
Porque vai em tal ensejo
Vosso cu de verde a verde
Como o Tejo.
Ilis cobrindo toda a ponte,
As lesiras não desfaço,
Os lombos de monte a monte
Sem parecer espinhaço.

Pareceis moura alfenada,
Que adivinha pela mão;

Pareceis bufa calada
Do levante no verão.
Detrás de S. Nicoláo
    Em alto gráo
Vos vi eu n'uma alta dansa
Co' essa pança mui attento,
E o som era de vento
    E a mudança.

Vi-vos na feira de Envés
A tanger mui grandes trombas;
E vi-vos ler d'um convez
De cadeira a duas bombas.
Grã São João, barba de ouro,
Barráxa Senhor da Serra:
Pareceis filho de touro
E de vacca de Inglaterra.

Nem sois carne nem sois peixe,
Menos proveito nem damno,
Se não mala ou almofreixe
    De sobrano.
Sois o numero de cento
Sem minguar um só ceitil,
Sois o grego tamboril
Da crasta d'este convento.

Todas estas cousas são,
Não queirais al entender
Se não que aperteis a mão
    Ao comer,
Porque vos is a perder.
Tirai-vos de tanto vicio!
Ilhargas, banhas d'atum,
Fazendo algum exercicio
Pela manhã em jejum.

E quando fôrdes jantar
Carrilhos frescos de empada,
Será vosso começar
Em vara d'Irlanda assada.
E depois no acabar
    Por vacuar,

A freima toda no fundo
Uma posperna do mundo
Comereis para atestar.

E por cêar levemente
Para entrardes em feição
Um berneo cozido quente
Comereis alto serão.
E deveis-vos de guardar
De saltar e andar contento,
Porque vos póde quebrar
A linha do franzimento

E depois de bem cumprida
Esta receita que digo,
Ficarei tão vosso amigo,
Como são de minha vida.
Mas nanja para calar
O que sinto d'essa graça,
Que tendes de fateiraça
Com que estou para estalar.

Quanto mais contemplo, cuido
Em vossa feição e talho,
Pareceis-me santo entruido
De parto d'um grã chocalho;
Pareceis por aravia
Grande couvão de vesugos,
E tambem por algemia
Assado de confraria
Posto em saia de verdugos.

Aqui têm nossos leitores tudo o que nos ha sido possivel resuscitar da *pessoa*, *vida*, *costumes* e *manhas* do illustre cortezão de tres monarchas, Garcia de Rezende, prosador, poeta, musico, pintor; sujeito indubitavelmente muito maior que as suas engelhadas obras, e merecedor de muito mais fama e apreço do que até agora tem logrado. Para um romance ou drama histo-

rico d'aquella idade, se alguem o quizesse fazer, acharia nos seus escriptos importantes subsidios, e n'elle mesmo um personagem, se nos não enganamos, dos mais interessantes, um d'aquelles com quem todos os leitores são bem avindos.

FIM

PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.